

O
MENINO
que conheceu
JESUS
Segatashya de Kibeho

Immaculée Ilibagiza
com Steve Erwin



CAPÍTULO 1

A VOZ NA ESCURIDÃO

A princípio, eu não conseguia ver absolutamente nada. Estava ciente apenas de que estava sozinha em uma escuridão tão absoluta que eu pensava que ia me sufocar. Então, como se fosse uma corda de salvamento chegando de algum lugar além da profunda escuridão da noite, uma voz familiar foi ao encontro dos meus ouvidos – uma voz confortadora, de alguém que eu havia amado e confiado em minha infância. Era a voz de Segatashya, que, em Ruanda, minha terra natal na África, era conhecido como “o menino que conheceu Jesus”.

A voz suave de Segatashya dirigiu-se até mim através do escuro abismo, como que flutuando sobre uma brisa calma. Aquela voz, indecifrável num primeiro momento, lentamente foi tomando forma em palavras, sussurrando delicadamente: “O Paraíso está esperando por todos nós quando chegar a nossa hora de partir deste mundo, mas apenas se nossos corações estiverem limpos e puros”.

Repentinamente, eu me dei conta de que estava dormindo e no meio de um sonho, porque Segatashya havia sido assassinado muitos anos antes. Ele foi uma das mais de um milhão de vítimas inocentes que foram massacradas durante o horrível genocídio que ocorreu em Ruanda em 1994. E aquela noite em que me deitei para dormir era em meados de novembro de 2010... Portanto, percebi que estava sonhando. Mas eu também percebi que, se aquilo era um sonho, ele era diferente de todos os outros que tive antes. O que eu estava sentindo era vívido, real e vital como qualquer coisa que eu já tinha experimentado durante minhas horas de vigília.

A voz se dirigiu a mim novamente: “Jesus diz que devemos preparar nossos corações para o Fim dos Dias. Todos nós vamos morrer um dia – nós não devemos viver nossas vidas como se não soubéssemos que o nosso

tempo nesta Terra chegará ao fim. O próprio mundo irá acabar, e este dia está se aproximando rapidamente. Nós devemos nos arrepender de todos os nossos pecados antes que seja tarde. Nós temos que pedir perdão por nossas transgressões e encontrar misericórdia em nossos corações para perdoar aqueles que nos ofenderam. Nós devemos purificar nossos corações com o amor de Deus e limpar nossos espíritos vivendo uma vida repleta de amor e caridade. Nós devemos preparar nossas almas para o Dia do Julgamento. O retorno de Cristo está próximo e os portões do Céu serão abertos para nós somente se o Senhor nos considerar merecedores de entrar em seu Reino”.

As palavras foram se tornando cada vez mais e mais familiares a mim e eu me dei conta de que não somente reconhecia aquela voz como também reconhecia aquela mensagem específica. Eu já tinha ouvido Segatashya pronunciar exatamente as mesmas admoestações quando era garota.

Em meu sonho, eu estava flutuando sobre o chão como se meu coração me puxasse em direção à voz, a qual me tirou da escuridão e me levou para um círculo de luz dourada. Dezenas de pessoas estavam reunidas no centro daquele agrupamento de luz, todas ouvindo atentamente a um adolescente que estava discursando para elas com intensidade e urgência. O jovem estava sentado em um longo banco de madeira, com sua audiência amontoando-se ao redor dele. Ele estava virado de costas para mim e, por isso, eu não podia ver seu rosto, mas eu estava certa de que ele era Segatashya.

A primeira vez em que o ouvi falar eu tinha 12 anos de idade e nada no mundo irá apagar de minha memória o rico tom de sua voz ou o conteúdo miraculoso de suas mensagens. Em verdade, tenho certeza, sem a menor dúvida, de que qualquer pessoa que já tenha ouvido Segatashya falar sente-se da mesma forma – uma vez que suas palavras tenham tocado o seu coração, elas farão parte dele para sempre.

Para aqueles que não estão familiarizados com o meu mais recente livro, *Our Lady of Kibeho: Mary Speaks to the World from the Heart of Africa*,¹ eu devo explicar que Segatashya era um membro de um grupo de jovens visionários que viram aparições da Virgem Maria – e, no caso de Segatashya, de Jesus Cristo – na distante aldeia de Kibeho, em Ruanda, durante a década de 1980.

Naquela época, havia dezenas de visionários que afirmavam ter visto aparições divinas, mas em *Our Lady of Kibeho* eu foquei naqueles oito que foram considerados os mais confiáveis pela Igreja Católica, bem como pelos milhares de peregrinos que acorreram a Kibeho em busca de inspiração espiritual.

Essencialmente, os visionários transmitiram mensagens de amor, instruindo-nos sobre como viver vidas melhores fazendo a vontade de Deus. Eles disseram que se seguissemos os inspiradores avisos daquelas mensagens o nosso mundo se tornaria um lugar mais pacífico e nossas almas poderiam estar mais bem preparadas para o dia em que, no fim de nossas vidas, encontraremos Jesus e seremos chamados a prestar contas pelo nosso tempo na Terra.

As mensagens vindas do Céu entregues em Kibeho eram, como Maria e Jesus deixaram claro, de grande e imediato interesse para todas as pessoas no mundo inteiro. Elas continham avisos para Ruanda, para o nosso planeta e para nossas almas individuais – avisos sobre coisas terríveis que podem ocorrer conosco, como indivíduos e como espécie, se não abraçarmos o puro e amoroso estilo de vida que Maria e Jesus nos oferecem. Como Jesus falou para Segatashya, o mundo está em péssimas condições e dias terríveis nos aguardam – mas se nós rezarmos de coração e sinceramente fizermos bons atos, nós encontraremos paz neste mundo e no próximo, não importa o quanto as coisas fiquem desesperadoras.

¹“Nossa Senhora de Kibeho: Maria fala ao mundo a partir do coração da África”; ainda sem publicação no Brasil.

Eu tinha 11 anos de idade quando começaram a surgir as aparições em Kibeho. Os maravilhosos e místicos encontros experimentados pelos visionários e as mensagens milagrosas que eles receberam do Céu e transmitiram a nós moldaram minha vida de tantas formas que eu não saberia dizer. E nenhum visionário foi mais influente para a minha jovem mente, para a minha florescente fé e meu crescimento espiritual a longo prazo, do que Segatashya. Sua história pessoal única e sua incrível interação com Jesus me cativaram quando era criança e me mantiveram alegremente fascinada desde então. Tenho certeza de que se você o conhecesse como eu o conheci, você se sentiria exatamente da mesma forma.

Embora as aparições de Kibeho ainda sejam bastante desconhecidas em muitas partes do mundo (mas eu estou trabalhando duro para mudar isso), os eventos milagrosos que ocorreram lá irradiaram pelas fazendas, florestas e selvas de Ruanda, eletrizando meu país natal com tanto poder e intensidade que os padres, bispos e arcebispos de lá foram forçados a se levantar e ficar a par do que ocorria. E como poderiam não notar? Incontáveis ruandeses viajaram a pé por centenas de quilômetros, muitas vezes sem comida e desabrigados, apenas para ter um vislumbre dos visionários de Kibeho e tomar parte dos milagres que aconteciam lá.

Autoridades da Igreja Católica iniciaram uma rigorosa investigação a respeito da origem e da natureza das aparições, uma investigação que iria analisar e dissecar todos os aspectos das vidas dos visionários. Uma Comissão de Inquérito foi estabelecida e o Vaticano tomou parte da investigação sobre os surpreendentes acontecimentos sobrenaturais que ocorreram em uma das mais obscuras regiões da mais profunda África.

A investigação, liderada por especialistas da Igreja – incluindo teólogos de renome, cientistas, médicos e psiquiatras –, durou um total de duas décadas. E, tão marcantes quanto as aparições da Virgem Maria e de Jesus em si

mesmas, as conclusões da Comissão de Inquérito após 20 anos de análise foram quase igualmente milagrosas.

Em novembro de 2001, o Vaticano, em um decreto extremamente raro, aprovou as aparições da Virgem Maria presenciadas por três visionárias de Kibeho entre 1981 e 1989. Essas três visionárias – Alphonsine, Anathalie e Marie-Claire – eram estudantes adolescentes do Colégio de Kibeho e foram as primeiras a ver as aparições na região.² A Igreja apoiou oficialmente o culto no “Santuário de Nossa Senhora das Dores”, tornando Kibeho o único local de aparições aprovado em toda a África. O pequeno santuário da escola da aldeia está lenta mas gradualmente se transformando em um destino de peregrinação favorito dos fiéis de todas as partes do mundo.

Eu estava mais que animada com os veredictos da Igreja. O fato de que as mensagens de Maria e seu Filho estavam chegando ao mundo, apesar de terem sido entregues em um país tão remoto – e em um lugar ferido e corroído pela mais maligna forma de assassinatos em massa –, provaram a mim que não existem fronteiras para o poder de Deus e que o seu amor irá passar por todos os obstáculos.

O endosso do Vaticano ao Santuário de Nossa Senhora me inspirou tanto que eu sentei e escrevi *Our Lady of Kibeho*, que foi publicado em 2008. Eu queria que todo o mundo conhecesse os visionários de Kibeho e suas mensagens de amor, esperança e paz. Eu queria compartilhar

²Alphonsine Mumureke, atualmente religiosa da Ordem de Santa Clara; Anathalie Mukamazimpaka, vive atualmente junto ao Santuário de Kibeho; Marie-Claire Mukangango (1961-1994), assassinada durante o genocídio. Existiam outros visionários que ganharam destaque durante este período, mas cujas visões não foram aprovadas pelo Decreto Diocesano: Agnes Kamagaju, Stephanie Mukamurenzi, Emmanuel Segatashya e Vestine Salima. O Decreto de 29 de junho de 2001 da diocese do Gikongoro, emitido após Consulta da Santa Sé e da Conferência Episcopal dos Bispos de Ruanda, aprovou apenas as aparições da Santíssima Virgem e não as de Nosso Senhor Jesus Cristo em Kibeho. Estas estavam principalmente ligadas a Emmanuel Segatashya, que, segundo o documento da diocese de Gikongoro, pouco antes de sua morte, em 1994, chegou a sofrer de doenças mentais (cf. <http://kibeho-sanctuary.com/index.php/en/apparitions/approval>).

com todo o mundo o meu amor pela Virgem Maria. E queria que todo o mundo viajasse para Ruanda e visitasse o inesquecível santuário de Nossa Senhora, para que todos pudessem experimentar por si próprios, naquele lugar santo, o poder e a pureza do amor da Mãe de Jesus.

Meus desejos se tornaram realidade de muitas formas. Até agora o meu livro já foi traduzido para mais de dez idiomas e, se Deus quiser, um dia será lido no mundo todo. Centenas de pessoas que o leram fizeram a transformadora jornada para o Santuário de Kibeho. Muitos deles obtiveram curas milagrosas – como a de um garotinho que eu conheço que foi curado de câncer nos ossos após sua avó ter recitado o Rosário das Sete Dores na capela em que a Virgem Maria apareceu algumas vezes para os visionários.³ Eu acompanhei pessoalmente dezenas de amigos em peregrinação dos Estados Unidos em direção a Ruanda e vi em primeira mão muitas transformações de coração e alma ocorrendo no abençoado solo onde a Virgem Maria e Jesus apareceram aos jovens visionários.

Apesar disso, misturado à minha grande alegria de ter dado ao mundo um vislumbre de Kibeho, uma introdução aos visionários e uma amostra das muitas mensagens que foram reveladas por eles, havia um sentimento de que eu não tinha feito justiça total a uma história particular de Kibeho que, por variados motivos, era a que eu mais queria ter contado: a história de Segatashya.

³A Ordem dos Servos de Maria apresenta uma especial devoção às Dores de Maria Santíssima. Esta oração tradicional é especialmente vinculada ao Santuário de Kibeho. Trata-se de uma Coroa, ou Rosário, de sete mistérios para cada Dor de Maria Santíssima, cada um com sete Ave Marias. As Dores de Maria Santíssima, conforme antiquíssimo costume, são: 1. A dor que sentiu o seu Coração Virginal com a profecia de Simeão; 2. A angústia que sentiu ao ter que fugir com São José e seu Menino-Deus para o Egito; 3. A aflição que Ela sentiu quando perdeu por três dias o seu Tesouro: Jesus; 4. A tristeza mortal que Ela sofreu ao ver seu Filho carregando a Cruz por nossos pecados; 5. O martírio do seu Coração generoso, assistindo à crucificação do Salvador; 6. A ferida que sofreu seu Coração, ao ver seu Filho deposto da Cruz; 7. O desconsolo e desamparo que Ela sofreu no sepultamento do Redentor.

Embora eu tenha mencionado e descrito cada um dos oito principais visionários de Kibeho (incluindo Segatashya) em *Our Lady of Kibeho*, meu foco principal nesse livro estava quase que totalmente voltado para as três visionárias reconhecidas pela Igreja e para as aparições da Virgem Maria vistas por elas. Eu tenho muito, muito respeito pela Igreja Católica e o Vaticano e não queria causar problemas ou aborrecer os seus representantes em Ruanda, nem os seus representantes em Roma, entrando em detalhes a respeito das visões e mensagens que a Igreja ainda não aprovou oficialmente. O Vaticano é muito cauteloso quando se trata de reconhecer qualquer evento que é tido por alguns como milagroso. Qualquer tipo de evento remotamente considerado sobrenatural é metodicamente analisado por especialistas da Igreja antes que um veredicto seja pronunciado a respeito de sua validade ou falsidade.

Entre as principais preocupações e apreensões do Vaticano envolvendo o tema dos milagres e aparições, está o altamente justificável receio de que fenômenos deste tipo possam ser obra de demônios ou do próprio diabo – o que à primeira vista poderia parecer um milagre santo seria, na verdade, um artil satânico para levar pessoas ingênuas à escuridão, ao pecado e à danação.⁴

Na verdade, como as visões de Segatashya não tinham sido imediatamente incluídas no reconhecimento oficial das aparições de Kibeho por parte da Igreja, em um primeiro momento eu fiquei receosa de que alguém no Vaticano ou na hierarquia da Igreja ruandesa tivesse suspeitas com relação a Segatashya e suas mensagens. Mas, louvado seja Deus, foi-me assegurado de que o completo oposto era verdadeiro. De fato, todo membro da Igreja que era familiarizado com as aparições de Kibeho tinha Segatashya na mais alta estima, tanto como pessoa quanto como visionário. Várias das autoridades do alto escalão da Igreja em Ruanda me garantiram pessoalmente que todas as visões e mensagens recebidas por Segatashya foram

⁴Veja-se a apresentação sobre as revelações particulares na página 9.

minuciosamente investigadas e reinvestigadas. Ao fim, ninguém tinha a menor dúvida a respeito tanto da sinceridade do garoto quanto da autenticidade dos seus encontros com Jesus ou Maria.

Quando eu expus minhas preocupações a um dos principais investigadores das aparições mandados pela Igreja, ele me disse: “Immaculée, todo mundo na Comissão de Inquérito que testemunhou as visões de Segatashya, conduziu testes médicos nele ou examinou seu estado mental e moral, estava absolutamente convencido de que ele falou tanto com Jesus quanto com Maria e que suas mensagens vinham diretamente do Céu”.

“Mais importante”, ele continuou, “cada uma das mensagens entregues por Segatashya e tudo o mais que ele disse durante sua missão de pregar a palavra de Deus apoiava e complementava as doutrinas de nossa fé e nunca contradisse qualquer coisa da Bíblia. Essas são condições críticas que devem ser cumpridas quando a Igreja investiga acontecimentos sobrenaturais e considera reconhecer um visionário ou uma aparição... E Segatashya cumpriu tais condições com louvor.”⁵

“Se ele cumpriu todos os requisitos para obter reconhecimento oficial da Igreja, então por que ele não está entre os visionários aprovados?”, perguntei.

“Você deve ter paciência, minha jovem”, respondeu ele. “Geralmente, leva séculos para a Igreja reconhecer um milagre. Os que estão no comando da investigação sobre Kibehe estão começando a aprovar os primeiros visionários que tiveram visões da Virgem Maria... Isso demorou apenas 20 anos, o que é um pequeno milagre em si mesmo! A Igreja está aí há 2 mil anos e simplesmente não se apressa em tirar conclusões. Tenha paciência, Immaculée – todas as evidências que eu vi me dão a certeza de que a Igreja vai acabar aprovando as visões de Segatashya e as

⁵Em verdade, alguns trechos contidos nos capítulos posteriores deixam margem à dúvida, podendo levar a interpretações inoportunas. Tais trechos estão acompanhados por notas de rodapé que se reportam diretamente aos documentos da Igreja referentes a cada um dos casos específicos.

mensagens de Jesus... E dentro de não muito tempo ele também será oficialmente reconhecido como um verdadeiro visionário pelo Vaticano.”⁶

Dito tudo isto, eu devo salientar, porém, que até agora as mensagens de Segatashya ainda não foram aprovadas pela Igreja. Mas eu estou escrevendo sobre suas incríveis visões como uma testemunha ocular, uma verdadeira crente, e com um profundo sentimento de obrigação pessoal em compartilhar a história de Segatashya com a humanidade.

Ter conversado com tantos representantes eminentes da Igreja me deixou mais confortável para passar adiante as mensagens dele, a fim de que os leitores possam formar sua própria opinião a respeito do assunto. Estou confiante de que um dia a Igreja irá aprovar as visões de Segatashya – e toda a sua história e o conteúdo de suas muitas mensagens irão a público em sua totalidade. Este livro é um primeiro passo nesta direção, e saber que outras pessoas logo estarão lendo a história de Segatashya faz com que meu coração pule de alegria.

Em minhas viagens eu encontrei muitas pessoas que leram e foram tocadas por *Our Lady of Kibeho* e fico tranqüila em saber que fiz a minha parte em apresentar ao mundo os milagres e mensagens das aparições de Kibeho. Mas parecia que Segatashya não estava tão contente quanto eu... E, dois anos após a publicação do meu livro, ele decidiu me visitar em sonho para me mostrar como exatamente ele estava se sentindo.

Naquele sonho que tive há tantos meses, eu via, à distância, que Segatashya continuava a transmitir mensagens de Jesus para um número crescente de espectadores que se juntava ao seu redor. Sua voz baixa e suave era robustecida por sua conhecida seriedade. Ele falava apressadamente, como se sua mente estivesse a ponto de explodir por ter muito a dizer em tão pouco tempo.

⁶Para Diocese de Gikongoro, o Decreto de 29 de junho de 2001 é definitivo, não estando em questão iniciar outros procedimentos esperando obter uma eventual aprovação de outros videntes.

Por um momento, eu permaneci na borda do círculo de luz e silenciosamente fiquei ouvindo-o falar, com meu coração contente por ouvir sua voz mais uma vez. Em seguida caminhei para dentro da luz e me movi em sua direção, abrindo caminho na multidão até chegar ao seu banco e me sentar ao seu lado.

Ele ainda estava de costas para mim, mas eu sentia que ele estava ciente da minha presença. Nós havíamos nos encontrado muitos anos antes e eu sabia que ele iria me reconhecer na hora em que percebesse que eu estava lá sentada. Eu também sabia que, embora ele estivesse morando no Céu há muitos anos, ele devia estar não só sabendo, mas também contente por eu ter escrito um livro sobre Kibeho. Contudo, por alguma razão Segatashya se mantinha virado de costas para mim e não fazia menção de se virar para me cumprimentar. Tive uma desagradável impressão de que ele não queria olhar para mim.

Finalmente, não consegui mais ficar esperando. Coloquei minha mão em seu ombro e suavemente fiz com que ele se virasse. “Segatashya!”, gritei. “O que você está fazendo aqui? Você está morto! Por que você voltou para esta vida? Você não percebeu que não pode conversar com essas pessoas? Quando elas perceberem que você está morto, elas ficarão aterrorizadas. Elas correrão para longe e ficarão muito assustadas para ouvir o que você está falando!”

Meu coração gelou quando vi a expressão em seu rosto. Este garoto que eu tanto amei – e o qual, quando estava vivo, parecia ter sempre um sorriso nos lábios – não parecia estar nem um pouco feliz em me ver.

“Você quer saber por que estou aqui?”, perguntou ele, aborrecido. “A razão é simples: se ninguém está disposto a espalhar minhas mensagens pelo mundo, eu devo achar um jeito de fazer isso eu mesmo.”

Engoli em seco. Meu estômago embrulhou quando me dei conta de que Segatashya estava, de fato, completamente ciente a respeito do livro que escrevi sobre Kibeho e que não estava nem um pouco satisfeito com isso.

Em seguida, sem pronunciar uma única palavra, ele olhou dentro do meu coração e me perguntou: “Imaculée, por que você esteve tão preocupada em saber se a Igreja vai dar ou não reconhecimento oficial às visões que eu tive enquanto estava na Terra? Você sabe como a hora já está tarde para a humanidade. Você sabe que o fim está próximo. Contar a minha história não é mais importante do que esperar que alguém na Terra dê às minhas palavras um selo de aprovação? Fazer com que as pessoas conheçam as mensagens que Jesus deu a mim não é a coisa *mais importante* do mundo? O que pode ser mais crucial do que compartilhar as mensagens que Jesus quer com urgência que as pessoas conheçam o quanto antes – mensagens que Ele quer que as pessoas conheçam *agora*, antes que seja tarde?”

Segatashya, então, sorriu e disse: “Sabe, algumas mensagens são tão importantes que elas devem ser comunicadas imediatamente, não importa o que aconteça. Algumas coisas são tão importantes que simplesmente não podem esperar para serem aprovadas!”

Ele estendeu a mão e tocou em meu braço. E eu acordei com um susto.⁷

Assim que abri meus olhos, entendi que este não era um sonho comum. Era uma visita do Céu. Segatashya saiu do Paraíso e veio até mim com uma tarefa: contar sua história e compartilhar suas mensagens com o maior número de pessoas que eu pudesse.

Sem me preocupar em ligar o abajur ao lado da minha cama antes, peguei a caneta e o caderno que guardo sobre minha mesa de cabeceira. Na fraca luz do amanhecer, comecei a tomar notas a respeito das imagens da visita de

⁷O livro é principalmente uma narrativa afetiva da autora, para quem o drama coletivo do genocídio em Ruanda foi tangível. Por isso, ela começa mostrando ao leitor um sonho, realidade subjetiva e turvada. Em caso de aparições ou revelações, a aprovação da autoridade eclesiástica competente faz-se muito importante para averiguar, em primeiro lugar, o conteúdo doutrinal das “mensagens”, que não podem contradizer a Revelação pública; depois, para evitar enganos de origem natural ou preternatural.

Segatashya que ainda estavam fervendo em minha mente... Uma visita que acabaria por tomar conta do meu coração e que lentamente desabrochou no livro que você está lendo agora. E, embora as mensagens sobre as quais escrevi aqui talvez soem como novas para muitos de vocês, elas, na verdade, existem desde a criação do universo. São mensagens que estiveram pululando pelo mundo em alto e bom tom por mais de dois mil anos... Mensagens que ecoarão em nossas almas por toda a eternidade se nós abrímos nossos corações para elas.

De fato, as mensagens de Segatashya podem ser encontradas nas palavras de Jesus como elas foram escritas na Bíblia. Mas ouvi-las do próprio Segatashya é, em vários sentidos, como ouvir direto da boca de um dos discípulos do Senhor, um daqueles abençoados Apóstolos que andaram com Cristo pela Terra Santa durante o seu ministério. Eu digo isso porque sei que Segatashya, como os discípulos de antigamente, verdadeiramente é alguém que conversou com Jesus – alguém que foi escolhido por Jesus para conversar. E, da mesma forma como ocorreu com os discípulos, Segatashya também não tinha a menor idéia de quem era Cristo quando Ele apareceu pela primeira vez em sua frente. Isso porque Segatashya era apenas um garoto camponês africano pobre e iletrado, que, além disso, também era pagão.⁸

Antes de Jesus aparecer para ele no verão de 1982, o jovem Segatashya nunca tinha entrado em uma igreja, tampouco tinha qualquer noção real de quem Jesus Cristo era. Em vários sentidos, a inocência do garoto o tornou um candidato ideal para receber as mensagens de Nosso Senhor, pois ele fez as mesmas perguntas que eu ou você poderíamos ter feito caso repentinamente nos encontrássemos face a face com Jesus. Perguntas como: “Por que é tão importante amar a Deus, afinal?” e “Entre Deus, o Espírito Santo, Jesus e Maria, quem eu deveria amar mais? A Bíblia diz que eu devo amar você, Jesus, mais do que amo meus

⁸A pouca instrução cultural e doutrinal de Segatashya deve ser tida em conta ao avaliar a sua vida interior.

país ou qualquer outra pessoa... Como você pode estar falando sério sobre isso, visto que acabei de conhecê-lo?”

Segatashya foi até o ponto de perguntar a Jesus “por que eu deveria amar meus inimigos, como você diz para eu fazer, uma vez que Deus não ama seu inimigo, que é Satanás?”

A ingenuidade e a inocência quase infantil deste garoto ao fazer suas perguntas para Jesus sempre tocaram meu coração e freqüentemente colocavam um sorriso em meus lábios. Mas o mais importante é que as respostas do Senhor para aquelas questões se transformaram em um mapa espiritual para mim, um mapa para o qual eu me volto muitas e muitas vezes enquanto navego por este mundo turbulento.

Sempre que eu enfrentava alguma dificuldade ou situações desafiadoras em minha vida, situações que pareciam completamente sem esperança – como, por exemplo, quando eu estava trancada em um banheiro tentando salvar minha vida de assassinos com machados em punho, durante o genocídio de 1994 –, eu muitas vezes encontrei consolo nas palavras dos visionários de Kibeho, especialmente naquelas proferidas por Segatashya. As mensagens que Jesus compartilhou conosco na Bíblia, as quais foram novamente compartilhadas com Segatashya, podem curar nossos corpos e animar nossas almas. E elas podem nos fornecer coragem, conforto e força para superarmos até mesmo os nossos mais negros períodos de tristeza e desespero.

Como eu gostaria que aqueles que estão profundamente atormentados ou abatidos pela dor das dificuldades diárias, em vez de desistirem da vida, abandonando a fé em Deus, se voltando para as drogas e o álcool ou mesmo pensando em dar cabo da preciosa vida que Deus deu a eles, pudessem ouvir as palavras consoladoras que Jesus compartilhou com Segatashya quando ele próprio estava passando por uma tragédia pessoal!

Como disse o Senhor: *Mesmo que você esteja sofrendo assim agora, saiba que eu passei por sofrimentos muito*

piores do que esse antes de você... Anime-se e não perca a esperança. Agarre-se a mim, confie em mim, apoie-se em mim e eu irei conduzi-lo por suas trevas... Agarre-se à verdade e eu irei ajudá-lo... Clame por mim e você nunca estará sozinho... Peça e eu irei ouvi-lo...

Todas as vezes que leio mensagens como essa minha vida faz mais sentido. E, ainda que eventualmente eu me divertisse com o vai-e-volta das conversas de Segatashya com Jesus, tanto as perguntas quanto as respostas nunca falharam em me proporcionar um grande sentimento de paz, uma paz que vem de saber que Deus está sempre à nossa disposição, que Ele nos ama sem medida, que Ele irá nos socorrer a qualquer momento em que nós O chamarmos, e que Ele está esperando ansiosamente para nos encontrar no Céu... Desde que nossos corações estejam prontos para o encontro quando esse dia chegar.

E esta talvez seja a mensagem mais importante que Segatashya compartilhou conosco: a de que Jesus urgentemente deseja que nós nos preparemos para a outra vida e que tenhamos certeza de que nossas almas estão prontas para entrar no Céu.⁹

Nas próximas páginas, você vai encontrar avisos sobre tempos perigosos que ameaçam a humanidade, sobre eventos calamitosos e terríveis que aguardam o mundo nos dias que virão. É um tempo conhecido como “Fim dos Tempos” – ou, como está escrito no livro da Revelação, o Apocalipse.¹⁰ Mas tomar conhecimento disto não significa

⁹Para ir ao céu é preciso empreender o caminho da salvação, e este não é outro senão o caminho mesmo da santidade: no céu só haverá santos, seja que estes tenham lá entrado imediatamente depois da sua morte, ou que havia tido antes a necessidade de serem purificados no purgatório. Ninguém entra no céu se não possuir aquela santidade que consiste em estar puro e limpo de toda falta [...] (Fr. Garrigou-Lagrange, O. P.; *Las Tres Edades de la Vida Interior*, p. 3, 3ª edição – Ediciones Descleés, Buenos Aires, 1944).

¹⁰“Senhor do cosmos e da história, Cabeça da sua Igreja, Cristo glorificado permanece misteriosamente sobre a terra, onde o seu Reino já está presente como germe e início na Igreja. Ele um dia voltará em glória, *mas não sabemos quando*. Por isso, vivemos vigilantes, rezando: ‘Vem, Senhor’ (Ap 22,20)” (Compêndio do CIC, n. 133).

que teremos que viver com medo e desespero ou desencorajados frente ao futuro. Jesus disse a Segatashya que nós não devemos temer o fim do mundo, mas, sim, estarmos preocupados sobre a forma como vivemos nossas vidas diárias, pois elas podem acabar a qualquer momento.

Como o jovem visionário nos provou através do exemplo, os tempos em que vivemos são tempos de enorme oportunidade espiritual para cada um de nós. Por intermédio das mensagens compartilhadas por ele, nós descobrimos como viver nossas vidas em preparação para o dia em que iremos nos encontrar com nosso Criador. E, se aproveitarmos bem a gloriosa oportunidade que nos está sendo apresentada, nós iremos desfrutar da eternidade no Paraíso. Mas não podemos deixar a oportunidade escapar. Como Segatashya me disse no sonho, “algumas coisas são tão importantes que simplesmente não podem esperar!”

A história de Segatashya é uma história de júbilo, e as mensagens que ele compartilha conosco curam e redimem. Eu sei que elas transformaram o *meu* coração e adicionaram grande dose de beleza à forma como eu vejo esta vida e a vida que virá. Eu espero, com a ajuda e o amor de Deus, que as mensagens que se encontram nas páginas a seguir façam o mesmo por você.

Deixe-me começar contando-lhe quem eu sou e falar um pouco a respeito das primeiras aparições da Virgem Maria e seu Filho em Kibeho. E depois será com grande honra e prazer que irei apresentá-los a Segatashya, o menino que conheceu Jesus. Estou certa de que vocês se tornarão amigos por toda a vida.

CAPÍTULO 2

DESCOBRINDO SEGATASHYA

A primeira vez que ouvi falar em Segatashya foi quando eu era uma jovem menina crescendo na pequenina aldeia rural de Mataba, na minha terra natal, Ruanda.

A maior parte das pessoas fora da África nunca tinham ouvido falar em Ruanda – ou, se tinham, elas conheciam nosso país como o lugar onde ocorreu, em meados dos anos 90, uma das mais selvagens ondas de assassinato do mundo.

O genocídio ruandês foi um banho de sangue e de brutalidade sem precedentes que arrasou minha terra natal na primavera de 1994. Mais de um milhão de homens inocentes, mulheres e crianças (incluindo a maior parte de minha família e muitos dos meus amigos) foram brutalmente assassinados em menos de 100 dias. Eu escrevi exaustivamente sobre as causas, o horror e os resultados do genocídio – incluindo a edificante história de como Deus milagrosamente poupou a minha vida e salvou minha alma através do amor e da misericórdia naqueles momentos negros – em meus dois primeiros livros, *Left to Tell: Discovering God Amidst the Rwandan Holocaust*¹¹ e *Led By Faith: Rising from the Ashes of the Rwandan Genocide*.¹²

Nestes dois livros eu relatei as mais queridas lembranças de minha infância abençoada. Eu cresci em um lar muito feliz, dentro do qual fui criada por pais amorosos, Leonard e Rose, e amada enormemente por três carinhosos irmãos, Aimable (o mais velho), Damascene (mais velho que eu, com diferença de alguns anos) e Vianney (o bebê queridinho da família).

¹¹Versão brasileira: Ilibagiza, Immaculée. *Sobrevivi para contar – O poder da fé me salvou de um massacre*, Rio de Janeiro, 2011, Editora Fontanar.

¹²*Guiada pela Fé: Renascendo das cinzas do genocídio ruandês*, idem.

Meus pais eram católicos devotos e cristãos de coração aberto que viveram segundo a Regra de Ouro de fazer aos outros somente aquilo que você gostaria que fizessem com você. Ambos eram professores e líderes da comunidade, e eram bem conhecidos e respeitados por toda a região, graças aos seus bons conselhos, generosidade e bons atos. Nós vivíamos defronte a um lago em uma área rural que, como na maior parte de Ruanda, era exuberante, agradável e de tirar o fôlego de tão bonita. Nossa aldeia ficava a muitas horas da cidade grande e nossos vizinhos eram simples e atenciosos, cuidavam uns dos outros e eram sempre gentis e amigáveis.

Eu sempre me senti segura, protegida e cuidada, seja quando estava sozinha em casa, seja quando estava caminhando ao longo de quase 13 quilômetros pelas estradas da floresta em direção à escola. Quando era criança, eu pensava que meu lar e minha terra natal eram os lugares mais pacíficos e amáveis de todo o mundo. Eu não fazia a menor idéia de que as efervescentes tensões étnicas que estavam fermentando em meu país iriam explodir nos horríveis acontecimentos de 1994, nos quais vizinhos se virariam contra vizinhos e a maioria tribal da nação (os Hutus), estimulados por um governo mau e corrupto, mataria quase toda a minoria tribal (os Tutsis, aos quais pertencia minha família) usando facões e porretes.

De fato, eu me sentia tão segura e feliz quando era criança que uma das minhas maiores preocupações era me certificar de que tinha feito orações diárias o bastante e comparecido à missa com regularidade o suficiente para garantir que eu estaria apta a me tornar freira quando crescesse. Por alguma razão, quando era criança (e, para falar a verdade, até hoje!) eu era obcecada com tudo que era relacionado a Deus. A vida de Jesus, os Santos, a Santíssima Virgem Maria e toda e qualquer coisa que tivesse a ver com o Céu era uma preocupação constante para mim. Meu pequenino quarto era dominado por meu próprio santuário improvisado, o qual consistia em uma pequena tábua lotada com estátuas da Virgem Maria, velas

votivas e livros de figuras dos Apóstolos e Santos. Meu passatempo predileto era rezar com minha melhor amiga, Janet, ou ouvir histórias religiosas – especialmente à noite, quando a minha lição de casa já estava feita, meus afazeres estavam finalizados e as louças do jantar já estavam lavadas e guardadas. Era quando minha família se juntava na sala de estar para o que eu chamava de “hora das histórias”.

A contação de histórias é uma grande parte de nossa cultura e uma das atividades mais importantes da minha juventude. Como na maior parte de Ruanda, que é uma nação em sua maioria rural e extremamente pobre, Mataba era totalmente primitiva quando as facilidades modernas chegaram. Nós estávamos conectados ao resto do país por uma solitária estrada de terra e um emaranhado de trilhas de gado. Nós não tínhamos água corrente e a energia elétrica era praticamente desconhecida. Por conta disso, obviamente não havia nenhum cinema ou shopping nos quais as crianças pudessem passear e se divertir – meus irmãos e eu não tínhamos sequer visto uma televisão, a não ser em fotos de revistas. Consequentemente, havia pouquíssimas formas de nos entretermos após o pôr do sol. Era tão escuro fora de casa quando o sol se punha que raramente nos aventurávamos a sair ao ar livre à noite.

Em verdade, só havia realmente duas fontes de diversão para a família depois que papai fechava a casa após o crepúsculo. A primeira forma de entretenimento era o antiquíssimo costume do *Igitaramo*. *Igitaramo* é o antigo ritual ruandês de se juntar, em família ou tribo, após o jantar para falar sobre os acontecimentos do dia, contar notícias sobre parentes que moram longe ou simplesmente contar boas e velhas histórias a respeito de qualquer assunto, dos mitos locais ao que está na Bíblia.

Dada a minha propensão para histórias relacionadas a Deus, sempre que nos juntávamos na sala de estar para mais uma sessão de *Igitaramo* meu tema favorito de discussão estava inevitavelmente ligado ao Céu ou, pelo menos,

à repetição de histórias populares da Bíblia. Porém, meus irmãos – pelo menos Aimable e Damascene, que eram mais velhos que eu e não tinham uma cabeça tão religiosa quanto a minha – apelavam a meu pai para que não me desse ouvidos quando eu implorava para ouvir (pela milionésima vez) sobre como o pequeno Davi derrubou o grande Golias pelas costas usando apenas um estilingue e algumas pedras. Frequentemente, meu pai ficava do lado dos garotos e abruptamente mudava o assunto da discussão para acontecimentos recentes, como os melhores momentos de uma partida de futebol na qual meus irmãos haviam jogado ou sobre como estava progredindo um dos seus muitos projetos de caridade.

Nossa segunda opção de entretenimento noturno era ouvir o nosso maltratado rádio de bateria. Se acontecia de escolhermos essa opção em uma noite em particular, não havia a menor dúvida sobre qual programa eu insistiria para que todos ouvissem. Eu bradava e incomodava todo mundo até que o dial estivesse sintonizado no programa da Rádio Ruanda que trazia as mensagens milagrosas de um grupo de jovens visionários de Kibeho, que era uma aldeia ainda menor e mais distante que a nossa, localizada a mais ou menos 160 quilômetros ao sul de onde morávamos.

Como eu já disse antes, e por mais incrível que isso pareça, no começo da década de 1980 a Virgem Maria e Jesus decidiram aparecer, em intervalos regulares, a um grupo de adolescentes do interior e os presentearam com mensagens do Céu que deviam ser compartilhadas com o mundo inteiro. As primeiras mensagens foram todas da Virgem Maria, e elas brotaram do seu amor pelas crianças da Terra. O conteúdo de tais mensagens era frequentemente educativo, apresentando instruções e dando orientação para homens e mulheres sobre como viver vidas melhores e mais pacíficas, que iriam afastá-los do pecado e levá-los para a luz de Deus e para a vida eterna no Paraíso. As instruções dela para a humanidade incluíam exortações para que todo mundo rezasse o Rosário diariamente, a

fim de repelir o mal; e para que as pessoas de todos os lugares abrissem seus corações uns aos outros, abraçassem a fé no Senhor, desenvolvessem um profundo relacionamento com Deus através da oração e de uma vida pura, se arrependessem dos pecados do passado e evitassem tentações futuras.

Algumas das mensagens de Maria também continham assustadoras profecias sobre os dias negros que o mundo iria enfrentar nos próximos anos. Ela deu aos jovens visionários terríveis vislumbres de um futuro no qual os corações das pessoas estariam dominados pelo ódio em vez do amor, e onde o planeta seria dilacerado por guerras religiosas e desastres naturais.

A Bem-Aventurada Mãe predisse especificamente – 12 anos antes que isso devastasse o meu país – o genocídio de 1994, com o qual, disse ela, um “rio de sangue” banharia toda Ruanda a não ser que meus compatriotas parassem de nutrir ódio uns pelos outros e enchessem seus corações com o amor redentor de seu Filho, Jesus. Com esse amor, disse ela, o desastre iminente e a matança poderiam ser evitados. Através dos seus visionários, a Santíssima Mãe exortou a todos os ruandeses procurarem sua ajuda para receber o amor e o perdão de Cristo... E disse que o melhor jeito de obter isso era rezando o Rosário todos os dias. Maria disse que o Rosário era uma das mais poderosas ferramentas do mundo para nos defendermos da tentação e do mal. Ela implorou a todas as pessoas para que rezassem o Rosário pelo menos uma vez por dia, *não importando a qual religião pertencessem*, e prometeu grandes recompensas espirituais aos que assim fizessem.¹³

¹³“Pode haver também quem tema que o Rosário possa revelar-se pouco ecumênico pelo seu caráter marcadamente mariano. Na verdade, situa-se no mais claro horizonte de um culto à Mãe de Deus tal como o Concílio delineou: um culto orientado ao centro cristológico da fé cristã, de forma que, “honrando a Mãe, melhor se conheça, ame e glorifique o Filho”. Se adequadamente compreendido, o Rosário é certamente uma ajuda, não um obstáculo, para o ecumenismo!” (Bem-aventurado João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariæ*, n. 4).

Infelizmente, poucos ruandeses ouviram o conselho de Nossa Senhora, e nosso país degenerou em loucura, desordem e assassinatos, exatamente da forma como ela predisse. Se nós simplesmente tivéssemos ouvido os avisos da Virgem Maria quando ela apareceu em Kibeho, o genocídio nunca teria acontecido!

Quando era jovem, eu estava lamentavelmente alheia às históricas tensões tribais e ódios que envenenaram os corações de tantos ruandeses – um veneno que permitiu a Satanás se apoderar de suas almas e levá-los a cometer atos selvagens de tortura, estupro e assassinato. Quando criança, eu escutava os visionários e tudo que ouvia era eles transmitindo a paz, o amor e o perdão de Deus. As mensagens da Virgem Maria que ouvi sendo transmitidas pelo rádio à noite, durante nossos encontros familiares para o *Igitaramo*, encheram-me de alegria e nunca, jamais me assustaram.

Eu tinha 11 anos de idade quando Maria apareceu pela primeira vez em Kibeho e rapidamente fiquei familiarizada com os nomes e as histórias das três primeiras visionárias: Alphonsine, Anathalie e Marie-Claire. Isso foi muitos meses antes de eu ouvir qualquer menção sobre a ligação de Segatashya com as aparições. Quando eu finalmente ouvi seu nome (e sua voz), o impacto em meu pequeno coração foi tão profundo que eu nunca mais seria a mesma.

Como disse anteriormente, eu já escrevi muito sobre a história de Kibeho e das aparições às três primeiras visionárias em *Our Lady of Kibeho*. Mas, para aqueles de vocês que não conhecem a história, permitam-me recapitular brevemente o que eu escrevi para que vocês possam ter uma idéia melhor a respeito do que aconteceu em Ruanda e em Kibeho nos meses anteriores à entrada de Segatashya em cena.

A Virgem Maria apareceu pela primeira vez em Kibeho no dia 28 de novembro de 1981. A primeira visionária que foi visitada pela Santíssima Mãe foi Alphonsine

Mumereke, uma estudante de 16 anos habitante de uma aldeia que, como disse, era tão pequena e fora de mão que pouquíssimos ruandeses sabiam onde ficava.

Alphonsine era nova no Colégio de Kibeho. Ela cresceu em uma isolada região de Ruanda chamada Kibungo, conhecida pela aguda pobreza e a disseminada prática da bruxaria. Seu pai abandonou a família antes de Alphonsine nascer e ela foi criada por sua mãe, que era muito batalhadora e católica devota. Embora não fosse particularmente religiosa, Alphonsine amava a Virgem Maria e rezava para ela sempre que se sentia amedrontada ou desanimada.

Apesar de ter crescido no meio da mais abjeta pobreza, Alphonsine manteve sempre um estado de espírito alegre e receptivo. Quando ela ganhou uma bolsa de estudos para um colégio católico só para meninas com mais de 120 estudantes, sua natureza gregária e animada a ajudou a fazer amigos rapidamente. Mesmo assim, ela muitas vezes sentia saudades de casa e estava com dificuldades para manter suas notas altas. Como sempre fazia em tempos de dificuldades, ela rezou para a Santíssima Virgem pedindo ajuda.

No dia 28 de novembro, um dia comum como qualquer outro em todos os aspectos, Alphonsine caiu no chão na hora do almoço e entrou em um profundo transe, dentro do qual a única coisa que ela conseguia ver era uma nuvem branca e brilhante que se formava na sua frente de forma lenta e bruxuleante. Momentos depois, no meio daquela nuvem, a estudante, perplexa, contemplou a mais bela senhora que ela já tinha visto.

Como Alphonsine mais tarde recordaria, a senhora parecia estar flutuando no ar, e em seguida começou a deslizar em direção a ela, banhada em intensa luminosidade e miraculosamente pairando sobre o chão. Aquela mulher magnífica vestia um vestido branco sem costura, e seu cabelo estava coberto por um véu do mais puro branco. Sua pele era perfeita e brilhante como marfim polido,

embora Alphonsine não conseguisse dizer exatamente se era uma pele branca ou negra. A senhora parecia estar em plena comunhão com o Céu enquanto os delicados dedos de suas mãos esguias pressionavam-se juntos em um gesto de oração. Ondas de amor emanavam dela e envolviam a pequena estudante, cujo coração estava re-bentando de alegria e felicidade enquanto aquela linda criatura flutuava próxima a ela.

Com uma voz bela demais para ser descrita com precisão, a mulher revelou a Alphonsine que era a Virgem Maria, que no Céu ela tinha ouvido as suas orações e tinha viajado do Reino de Deus até Kibeho para consolá-la. Ela disse para a garota dirigir-se a ela como a “Mãe do Verbo”.

Antes de ascender de volta aos céus em direção ao Paraíso, a Virgem pediu para Alphonsine transmitir uma mensagem: “Eu quero que seus amigos e colegas tenham a mesma fé que você. Eles não têm fé suficiente”.

Esta foi a primeira mensagem que a Santíssima Mãe entregou em Kibeho.

Quando Alphonsine recobrou a consciência, ela estava esparramada no chão do refeitório e olhando para os rostos perplexos e preocupados de seus colegas de turma. Quando ela contou a eles o que aconteceu, foi ridicularizada, dela zombaram e acusaram-na de ser mentirosa e tola. Alguns até disseram que, por Alphonsine ser de Kibungo, ela estava praticando bruxaria ou possuía por espíritos sombrios.

Mas a Virgem Maria continuou a visitar Alphonsine, que caía em um transe tão profundo sempre que estava na presença da Mãe de Jesus que ela ficava completamente alheia ao que existia ao seu redor. Um sacerdote local ficou tão irritado com as afirmações de Alphonsine a respeito dessas visitas que chegou a recrutar outra estudante do Colégio de Kibeho, Marie-Claire, para que esta atormentasse Alphonsine na esperança de que ela se retratasse sob a pressão intensa dos colegas.

Na escola, Marie-Claire tinha reputação de ser extrovertida e franca a ponto de ser grosseira. Ela rezava para a Virgem Maria (a quem amava), mas não era grande frequentadora da igreja ou de grupos de oração. Talvez por causa de sua profunda afeição pela Mãe de Jesus, Marie-Claire estava comprometida e determinada a expor o que considerava a “ofensiva falsidade” de Alphonsine, e preparou-se com grande intensidade para envergonhar e humilhar, em público, sua colega de turma.

Marie-Claire chamou outras estudantes para unirem-se a ela em sua campanha destinada a denunciar a “falsa” visionária. Ela e sua gangue de colegas céticas planejaram rodear Alphonsine sempre que ela entrasse em um de seus transe estáticos. Depois, agrediriam fisicamente a visionária durante as aparições, puxando seus cabelos, entortando seus dedos para trás, beliscando sua pele o mais forte que conseguissem, gritando o mais alto que pudessem e arremessando rosários em direção a ela, desafiando Alphonsine a benzê-los. Mas Alphonsine jamais piscou um olho ou fez qualquer movimento com o corpo, não importa o que fizessem ou falassem para ela.

Depois, em 12 de janeiro de 1982, a Virgem Maria apareceu para uma segunda estudante do Colégio de Kibeho: Anathalie Mukamazimpaka, de 17 anos. Ao contrário de Alphonsine, esta jovem era considerada um modelo de estudante e uma das mais devotas e piedosas garotas da escola. Anathalie vinha de um lar grande e firmemente católico. Ela acordava e rezava toda manhã o Rosário antes da aula e depois rezava novamente todas as noites antes de dormir. Ela lia a Bíblia nos intervalos das aulas e fazia parte de vários grupos de jovens católicos. Ela era modesta, bem comportada e altamente respeitada tanto pelos funcionários da escola quanto pelos estudantes. Mas nada disso impediu Marie-Claire de atacar Anathalie também. Marie-Claire redobrou seus esforços em desacreditar as “alegadas” visitas da Virgem na escola, ridicularizando publicamente ambas as jovens visionárias sempre que elas começavam a ver aparições da Santíssima Virgem.

Os ataques de Marie-Claire às duas visionárias pararam abruptamente no dia 1 de março de 1982, quando a Virgem apareceu também para ela. A princípio, Marie-Claire resistiu à visão, certa de que estava sendo enganada de alguma forma pelas duas garotas que ela estava perseguindo – e, se não fosse isso, então ela estava ficando louca ou possuída por demônios.

Contudo, a tranqüilizadora voz da Virgem logo acalmou e confortou Marie-Claire, que repentinamente percebeu que a Santíssima Mãe havia abençoado de fato a sua escola com sua divina presença. Marie-Claire ficou enormemente envergonhada por ter atormentado Alphonsine e Anathalie e fez votos de se tornar a mais humilde e determinada serva de Maria, exatamente como as outras duas alunas tinham sido antes dela.

Para o espanto dos funcionários da escola e dos alunos, todas as três garotas que Maria escolheu para se tornarem visionárias logo estavam recebendo aparições da Bem-Aventurada Mãe na capela da escola. Todas as vezes que uma delas caía em transe, ficava completamente inconsciente do ambiente externo. O rosto de cada garota se iluminava com alegria sempre que elas se encontravam na presença de Nossa Senhora. Elas falavam muito amorosamente quando respondiam a perguntas da Virgem ou quando repetiam mensagens que Maria estava lhes entregando para que fossem compartilhadas com os outros. Nenhuma outra pessoa que estivesse naquela sala durante as aparições poderia ver a Santíssima Mãe ou ouvir o que ela estava dizendo para as visionárias. Mas aqueles que tiveram a sorte de testemunhar uma aparição sempre ouviam atentamente todas as palavras pronunciadas por uma das alunas enquanto ela estava no meio de um transe, dando-se conta de que simplesmente estavam bisbilhotando um dos lados da conversa que uma visionária estava tendo com o Céu naquela hora.

Comentários sobre as aparições rapidamente se espalharam para além dos confins do Colégio de Kibeho. Dezenas de moradores começaram a viajar pela estrada

de terra – mais uma trilha de cabras toda cheia de buracos do que uma estrada, na verdade – que levava do interior em direção à escola. Todos estavam esperançosos de ter um vislumbre das comunicações milagrosas que estavam ocorrendo dentro dos seus muros. Logo centenas de curiosos estavam se movimentando em torno da escola tentando ouvir alguma coisa sobre as aparições. Eles se penduravam sobre a cerca de metal e quebravam as janelas da capela, enquanto subiam uns nos ombros dos outros e se acotovelavam para dar uma espiada nas meninas que tinham fama de ter uma linha direta com a Virgem Maria. Por fim, visto que as centenas de curiosos se transformaram em milhares de peregrinos, a escola e a Igreja Católica local construíram um palco de madeira para que as visionárias pudessem receber suas aparições em público, na frente de todos.

Notícias a respeito das visionárias e do conteúdo de suas mensagens se espalharam como fogo, viajando por todas as direções de Ruanda dentro de algumas semanas. Repórteres em Kigali foram despachados da Rádio Ruanda e viajaram até Kibeho para fazer gravações das visionárias no momento em que elas estavam em comunhão com a Santíssima Mãe – e, como eu já mencionei, trechos dessas gravações se tornaram atrações regulares na programação da rádio nacional.

Isso foi quando meus irmãos e eu começamos a discutir sobre o que deveríamos ouvir no rádio durante o *Igitaramo*. Eu insistia em ouvir todas as palavras dos visionários que foram transmitidas pelas ondas sonoras, mas meus dois irmãos mais velhos estavam a princípio duvidosos e desdenhosos a respeito das aparições. Aima-ble e Damascene foram sempre amorosos e carinhosos comigo, mas eles também me provocavam incansavelmente por causa da minha paixão crescente pelo que eu continuamente dizia ser “o milagre absoluto” que estava acontecendo em Kibeho.

“Elas não passam de umas alunas ridículas que estão tentando chamar atenção porque não há nenhum garoto

por perto”, zombava Aimable, enquanto importunava nosso pai para que este sintonizasse o rádio em uma partida de futebol.

Em Ruanda, na época em que eu estava crescendo (e, graças a Deus, os tempos estão realmente mudando!), as mulheres, embora fossem reverenciadas e altamente respeitadas como mães, não eram muito respeitadas como seres humanos independentes, inteligentes e sérios. Era uma sociedade bastante chauvinista, na qual direitos básicos, tais como de propriedade ou educação superior, eram dominados pelos homens. Por sorte, meu pai e minha mãe tinham pontos de vista progressistas e me pressionaram para ir tão longe quanto eu pudesse na escola, o que, ao final, me levaria à universidade. Mas o machismo era um comportamento bem aceito e era algo que meus irmãos tinham grandes dificuldades para abandonar. Eles nunca perdiam uma oportunidade de fazer piadas sobre uma garota ou mulher que fizesse qualquer coisa que um homem não podia fazer – o que, naqueles tempos, incluía até ter visões da Virgem Maria!

“Essas garotas em Kibeho estão bêbadas ou praticando vodu”, meu irmão Damascene me provocava, com um risinho. “Você sabe o que é que acontece com essas garotas de escolas só para meninas, não sabe? Elas estão preocupadas porque não conseguirão um marido após se formarem. Por isso, elas querem aprender uma magia que as ajudem a conseguir um homem antes que seja tarde demais!”

Meu pai sempre mandava meus irmãos baixarem o tom e me deixava ouvir os relatos de Kibeho, muito embora ele fosse um homem instruído e cauteloso que a princípio estava hesitante em acreditar que as visionárias estivessem vendo aparições reais. Mas ele tinha um profundo amor e respeito pela Virgem Maria, e se qualquer pessoa demonstrasse amor e afeição por Nossa Senhora, como eu certamente demonstrava, papai apoiaria e encorajaria plenamente a sua devoção.

“O tempo dirá se essas aparições são reais ou não”, papai dizia aos meninos. “Mas se essas garotas estão ajudando

a aumentar a fé das pessoas na Santíssima Virgem, nós vamos deixar sua irmã ouvir o que elas têm a dizer... E vocês dois vão ouvir junto com ela. Os seus resultados de partidas de futebol podem esperar.”

Meus irmãos resmungavam e viravam os olhos. Além disso, alegaram também que logo o pequeno santuário em meu quarto estaria carregado com mais estátuas ainda da Virgem Maria. Mas as suas queixas tiveram fim em um ensolarado dia de verão em 1982, quando nós ouvimos sobre um novo visionário que tinha chegado a Kibeho... Um menino chamado Segatashya, que estava recebendo visitas do próprio Jesus Cristo.

Para meus irmãos, o fato de um garoto ter se tornado um visionário repentinamente tornou todas as milagrosas aparições que haviam ocorrido antes em Kibeho muito mais aceitáveis e críveis. Parecia também que, por Segatashya ter sido o primeiro visionário a presenciar aparições de Jesus Cristo, meus irmãos, que se gabavam de ser difíceis de impressionar, foram conquistados. Ajudou também o fato de Segatashya e Damascene terem a mesma idade. “Bem, se é um menino que está falando com Jesus... Então eu acho que pode haver alguma coisa real nesse papo todo de visionários”, concordou Aimable, após ouvir Segatashya no rádio.

Quanto a mim, eu já tinha ouvido a voz de Segatashya alguns dias antes em uma fita que o Padre Apollinaire Rwagema, nosso pároco local, havia tocado para as crianças que tinham ido à missa semanal infantil.

O Padre Rwagema estava entre os primeiros que acreditaram, e era um dos mais ardorosos devotos das estudantes visionárias. Ele foi também a primeira pessoa em Mataba a fazer uma longa peregrinação em direção a Kibeho para ver os visionários com os próprios olhos. Ele fez gravações dos visionários durante as aparições e deixou as fitas disponíveis para qualquer pessoa da aldeia que quisesse ouvi-las.

Eu teria ouvido centenas de horas de gravações ao longo dos anos seguintes, mas uma gravação de Segatashya

me marcou para sempre desde a primeira vez que a ouvi. Em *Our Lady of Kibeho*, contei como um arrepiou subiu por minha espinha quando ouvi a voz suave do garoto sair pelos alto-falantes estourados do velho tocador de fitas do Padre Rwagema. A gravação era de uma conversa que Segatashya teve com Jesus em meio a uma aparição de uma semana antes. O Padre Rwagema nos disse que ele fez a gravação em um dia ensolarado, sob um brilhante céu azul sem nenhuma nuvem... Em seguida, ele nos convidou a ouvir mais de perto.

As mais ou menos 200 crianças com quem eu tinha me sentado no chão da capela de um único cômodo do Padre Rwagema estavam tão fascinadas com o que ouviam no tocador de fitas quanto eu. Primeiramente nós ouvimos o canto de uma enorme multidão – milhares de vozes suplicantes – que tinha se reunido em Kibeho para ouvir os visionários se comunicando com o Céu. A multidão gritava para Segatashya, dirigindo-se a ele pelo nome e pedindo para que pedisse um milagre... Um milagre que lhes dessem fé no que estavam testemunhando e que os ajudassem a crer verdadeiramente nas aparições.

Eu não sabia disto naquele momento, mas o que eu estava ouvindo era a única aparição na qual Jesus tinha permitido ao garoto poder ver e interagir com as pessoas que tinham vindo para vê-lo. Durante todas as demais aparições, Segatashya ficava consciente apenas da presença do Senhor.

Por cima do ruído e da balbúrdia da multidão, levantou-se a macia voz de tenor do jovem visionário enquanto ele se dirigia a Jesus de forma reverente: “Sim, Senhor, eu disse a eles muitas vezes”, pronunciou a voz. “Não, Senhor, eles não ouvem... Eles sempre me dizem que querem um milagre. Eles não querem acreditar que você está falando comigo, Jesus – não sem antes verem um milagre ou um sinal.”

Eu lembro como meu coração se dilatou quando ouvi Segatashya falar naquele dia e de como fiquei tocada pela sinceridade e pela ternura que reverberavam em sua voz

sussurrante enquanto ele pacientemente se dirigia à estridente multidão.

Subitamente, o estrondo de um trovão explodiu pelos alto-falantes do tocador de fita e as crianças no cômodo pularam de susto juntas. Nós podíamos ouvir gritos assustados se espalhando por entre a gritaria da multidão; em seguida, pudemos ouvir alguns gritos de “viva!” para o milagre que tinha acabado de acontecer. Logo a seguir, Segatashya calmamente exortou a todos para que não se preocupassem com o trovão que tinha surgido no céu azul.

“Jesus diz que vocês não devem ter medo. Ele nunca faria nada para prejudicar os seus filhos”, insistiu o garoto. “Ninguém aqui foi ferido, as mulheres grávidas não precisam se preocupar com seus bebês e aqueles que têm corações fracos ficarão bem... Sim, Senhor, vou dizer a eles como você está me dizendo... Jesus está dizendo que deu-lhes esse trovão para que desta forma vocês ouvissem as mensagens dele e parassem de pedir milagres que não têm sentido... Porque as suas *vidas* são milagres. Um verdadeiro milagre é um bebê no útero, o amor de uma mãe é um milagre, um coração misericordioso é um milagre. Suas vidas estão repletas de milagres, mas vocês estão muito distraídos com coisas materiais para vê-los.”

“Jesus pede para vocês abrirem seus ouvidos e ouvirem suas mensagens, e abrirem seus corações para receberem o seu amor. Muitas pessoas se perderam no caminho e enveredaram pela estrada fácil que leva para longe de Deus. Jesus diz para vocês rezarem para a sua Mãe e a Santíssima Virgem Maria irá levá-los ao Deus Todo-Poderoso. O Senhor veio até vocês com mensagens de amor e felicidade eterna... E vocês ainda pedem milagres. Parem de olhar para o céu em busca de milagres. Abram o seu coração a Deus, pois verdadeiros milagres ocorrem no coração.”

Esta foi a primeira mensagem divina que eu ouvi Segatashya transmitir, e, como eu disse, ela mudou minha vida. Aquela mensagem abriu meu coração para a essência de todas as mensagens que seriam entregues em Kibeho. A ingênua honestidade da voz do garoto instantaneamente

fez com que ele se tornasse o meu favorito entre todos os visionários.

Menos de uma semana depois que o Padre Rwagema tocou a fita de Segatashya para nós, meu lar e toda a aldeia estavam agitados com as notícias da chegada de Segatashya a Kibeho.

Desde que as três primeiras estudantes começaram a ter visões da Virgem Maria, por volta de oito meses antes, eu notei que uma profunda mudança havia ocorrido em muitos dos meus amigos, vizinhos e até mesmo estranhos que estavam de passagem pela aldeia. As pessoas andavam pela estrada com a cabeça um pouco mais erguida e com mais energia e determinação. Mulheres que eram esmagadas pelo peso de enormes cestos de comida, roupas ou lenhas que elas carregavam em cima de suas cabeças (dentro da tradicional moda ruandesa) não se incomodavam em parar no meio da estrada para saber notícias sobre Kibeho, especialmente sobre Segatashya.

Lembro-me de ouvir muitas conversas desse tipo da janela do meu quarto enquanto estava deitada lendo ou ajoelhada e rezando em frente ao meu santuário particular.

“Eu ouvi dizer que este tal Segatashya nunca, jamais tinha sequer ouvido falar em Jesus antes que o Senhor o transformasse em um visionário”, disse um de nossos vizinhos.

“Foi o que ouvi falar também, que ele era um menino pagão. Mas dizem que ele é um garoto muito, muito doce... E bonito! Mas eu me pergunto por que será que Jesus escolheu ele, um pagão, sendo que existem tantos garotos católicos em Ruanda?”

“O Senhor age por caminhos misteriosos. Ninguém conhece a mente de Deus. Mas o que eu *sei* é que a mãe de Segatashya deve estar muito orgulhosa dele... Será que ela se tornou cristã agora que Jesus está visitando o filho dela?”

Eu pude ver que não estava sozinha no favoritismo que eu sentia por Segatashya. Desde o início das aparições vistas por ele, o garoto conquistou um grande e devotado

número de seguidores. Ele se tornou uma estrela entre os visionários.

Não muito tempo depois, o Padre Rwagema estava organizando procissões em direção à cidade a fim de honrar as visitas que Jesus estava fazendo a Segatashya. O devoto sacerdote encorajou todos de sua congregação, e de todas as congregações que existiam na área, para que se juntassem a ele enquanto celebrava as aparições de Jesus.

Eu nunca me esquecerei daqueles inspiradores desfiles pela fé que se estendiam ao longo da estrada de terra que levava para fora de nossa aldeia. Centenas de nossos vizinhos apareceram para as procissões e formaram uma longa linha dupla atrás do padre enquanto esperavam o início das festividades.

O Padre Rwagema esperava até que a assembléia se acalmasse e, quando ele sentia que a multidão tinha chegado a um nível satisfatório de silêncio e reverência, ele dava início aos procedimentos. Ele iniciava erguendo sobre sua cabeça uma grande cruz de madeira e depois, com uma voz estrondosa, repetia uma das muitas mensagens de Jesus que foram entregues por Segatashya, mensagens que ele tinha se comprometido em memorizar. Por exemplo:

“Deus nunca negará sua misericórdia se vocês passarem por uma verdadeira conversão em seus corações. Jesus está me falando para dizer-lhes que a vida na Terra dura apenas um momento, mas que a vida no Céu é eterna. Então, vocês devem rezar. Lembrem-se de que aqueles que se dirigem de forma vã a Deus e clamam ‘Oh, Pai, me abençoe!’ sem falar do fundo do coração ou sem se arrepender de suas transgressões não irão para o Céu. São aqueles que verdadeiramente amam a Deus e fazem a sua vontade praticando bons atos que serão bem-vindos no Paraíso – não os hipócritas e os impostores. Lembrem-se de rezar com sinceridade... O único caminho para ir para o Céu é através de orações que venham do coração.”

Em seguida, a passos largos e confiantes, o Padre Rwagema partia em direção aos confins da aldeia para ir ainda

mais longe, com a cruz erguida ao alto e seus lábios constantemente se movendo enquanto entoava as mensagens de Segatashya quilômetro após quilômetro:

“O amor de Cristo por seus filhos é grande e excelente. Deus não abandona nenhum dos seus filhos. Ele está sempre esperando que você diga sim a Ele e deixe-O entrar em seu coração. No Dia do Julgamento, Deus irá mostrar a todos as suas vidas inteiras e as pessoas entenderão que são autoras do seu próprio destino. Deus irá mostrar a elas todos os atos que praticaram durante a vida, e depois a pessoa irá para o lugar que merece. Não pense que Deus não vê os seus pecados; o Senhor vê toda ação e conhece todo pensamento. Arrependa-se; não resta muito tempo. Se você precisa de ajuda para abrir o seu coração a Jesus, reze para que a sua Mãe venha em seu socorro. Jesus quer que você ame e respeite a Mãe Dele como se fosse sua própria mãe. Ela intercede por todos os seus filhos e irá conceder a você muitas graças e dons espirituais”, dizia o Padre Rwagama, repetindo a mais recente mensagem revelada por Segatashya no palco dos visionários em Kibeho.

Parecia a mim que poderíamos ter andado quase o dia todo atrás do Padre Rwagama, apesar do calor do sol de verão que se abatia sobre nós. Muitas vezes fomos envolvidos por uma grossa cobertura de pó vermelho que levantava da estrada de chão por causa de todos aqueles pés machucados e cansados que marchavam juntos. Mas, apesar disso, continuávamos a rezar e cantar até que ficassemos sedentos e nossas vozes ficassem roucas... Todo mundo na procissão estava contente por estar lá.

Após viajarmos por quase 20 quilômetros, o grupo parava por alguns minutos para descansar e beber água. Depois, o Padre Rwagama cantava conosco uma canção que Jesus ensinou a Segatashya, uma canção que todos nós conhecíamos pelo simples e apropriado nome de “Canção de Segatashya”:

Deus, você me encontrou na estrada,
e me deu uma mensagem
para compartilhar com o mundo.

Eu a levei para os seus filhos,
mas os seus filhos não a ouviram.
O que devo fazer, meu querido Deus?
Por favor, me dê força e sabedoria
para conduzir minha missão,
e ajude-me a levar sua mensagem
para o seu povo.

Centenas de vozes entoavam aquele simples refrão conforme nos voltávamos e começávamos a nossa longa caminhada de volta a Mataba, com o Padre Rwagema recitando mensagens do Céu por todo o caminho.

A paixão que os moradores da aldeia sentiam por todos os visionários de Kibeho, e por Segatashya em particular, continuou a crescer. A fé de todo mundo estava pegando fogo. Nosso admirável sacerdote nos contava que, durante suas visitas a Kibeho, ele via Segatashya, que não tinha absolutamente nenhuma escolaridade, conversando com padres e teólogos a respeito do significado e das várias interpretações da Bíblia.

“Este menino nunca teve um único dia de ensino em sua vida”, explicava Padre Rwagema, atônito. “Como poderia ele discutir as Escrituras ou argumentar sobre o significado de passagens da Bíblia com teólogos estudados a não ser que o próprio Senhor estivesse pessoalmente instruindo-o nesses assuntos? Há um verdadeiro milagre em andamento aqui... Algo assim nunca tinha sido visto antes na África!”

Tão grande era o zelo do Padre Rwagema por Kibeho e Segatashya que ele começou a conduzir grupos de peregrinos pela longa e árdua jornada até Kibeho para que eles próprios pudessem testemunhar as aparições.

Por não haver estradas apropriadas de Mataba até Kibeho, e pelo fato de que a maior parte das pessoas de nossa aldeia não possuía sapatos, que dirá veículos, a peregrinação para lá tinha que ser feita a pé. Era uma jornada que durava muitos dias, e muitas vezes era preciso fazer perigosas travessias de rios, andar por entre montanhas e

se embrenhar através da mata fechada. Quando eu tinha 12 anos, tudo isso soava incrivelmente divertido para a minha imaginação.

Quando meu pai anunciou que estava se juntando ao Padre Rwagema e a uma dúzia ou mais de nossos vizinhos em uma peregrinação para Kibeho, eu comecei uma constante campanha de importunação e súplicas na esperança de que pudesse convencê-lo a me levar com ele.

Meu pai recusava por completo os meus contínuos pedidos, dizendo (com absoluta razão) que eu era muito jovem e que a jornada era muito perigosa. Ele prometeu que me levaria quando eu ficasse mais velha, mas, na realidade, levaria muitos anos até que eu finalmente fizesse uma viagem para Kibeho por minha própria conta. E isso só foi acontecer por volta dos meus 20 anos, quando Segatashya há muito já tinha deixado de receber aparições públicas em Kibeho.

Mas isso não queria dizer que eu estava impedida de conhecer Segatashya, assim como nenhum membro de minha família estava. Na verdade, eu vim a conhecê-lo extremamente bem através das descrições que meu pai fazia de suas viagens a Kibeho, e por ouvir horas e horas das gravações que o Padre Rwagema fez do garoto enquanto ele estava no meio de uma aparição.

Talvez mais do que por qualquer outro motivo, o que fez Segatashya se destacar para mim era a companhia na qual ele estava – a companhia das outras extraordinárias visionárias de Kibeho, que foram escolhidas pelo Céu para espalhar mensagens que todos nós precisamos ouvir. É um grupo de garotas que todos nós devemos conhecer e amar.

CAPÍTULO 3

OS VISIONÁRIOS DE KIBEHO

Às vezes, quando estou ao ar livre, em um ambiente tranquilo, com o gramado fresco sob meus pés, uma suave brisa soprando em meus cabelos e o calor do sol tocando minha face, eu consigo fechar meus olhos e ser transportada imediatamente de volta ao tempo em que eu passava longas tardes no quintal de nossa família, esperando meu pai retornar de uma de suas peregrinações a Kibeho. A excitação e a ansiedade que tomavam conta do meu coração pré-adolescente naquela época fazem meu pulso acelerar ainda hoje.

A casa que meu pai construiu estava localizada na beira de uma íngreme colina com vista para o Lago Kivu, um dos lugares mais espetacularmente belos de toda a África. A vista de tirar o fôlego que tínhamos do lago em nosso quintal fascinava e encantava minha ativa imaginação. O Lago Kivu corre ao longo de toda a borda oriental de Ruanda, e suas amplas e brilhantes águas funcionam como uma fronteira natural que separa Ruanda do seu vizinho mais próximo, o Zaire (agora conhecido como República Democrática do Congo).

O Zaire era muito maior que Ruanda – e, para os meus jovens olhos, vendo através daquele lindo espelho de água do ponto de vista privilegiado de nosso quintal, no topo do morro, as densas florestas e escuras selvas verdes do país se estendiam infinitamente. E, se era num dia particularmente claro, eu podia ver até mesmo o topo das montanhas atravessando as nuvens bem ao longe. Aqueles picos cobertos de névoa subiam tão alto que eu pensava que eles estavam a meio caminho do Céu. Eu imaginava que aqueles cumes elevados e isolados poderiam ser um local ideal para a Virgem Maria e Jesus repousarem enquanto viajavam entre o Reino de Deus e a aldeia de Kibeho para visitar os visionários.

De vez em quando eu passava uma tarde inteira no quintal olhando para aquelas montanhas enquanto esperava papai retornar de mais uma peregrinação a Kibeho. Poderia ficar sentada imóvel por horas, descansando em uma almofada de pelúcia feita de relva selvagem, inalando o inebriante aroma que vinha do enorme jardim de flores de minha mãe. Todo o tempo me perguntando se Maria e Jesus estavam realmente lá em cima – e, se realmente *estavam*, eles estavam olhando para mim? E, se olhavam, eles ficariam felizes em saber que eu os amava tanto?

Eu sempre esperava conseguir surpreender papai quando ele voltava de sua jornada, correndo até ele e pulando em seus braços antes que ele alcançasse a porta da frente. Mas, na maior parte das vezes, era papai que, caminhando pelo quintal, me surpreendia enquanto eu olhava as montanhas distantes, sonhando com Jesus e Maria em plena luz do dia. Ele limparia sua garganta ou começaria a assobiar uma canção para me fazer saber que estava em casa e que estava esperando por um abraço.

Eu jogava meus braços em volta dele para dar-lhe as boas-vindas e ele caminhava comigo até a beira da colina e contemplava a vista que nós dois tanto amávamos. Papai, então, sempre dizia quando ficávamos a sós em nosso quintal e olhávamos juntos o Lago Kivu: “Immaculée, eu não sei como alguém poderia olhar para tanta beleza e não se comover com o encanto da obra de Deus. Você sabia que dizem que Deus passa o seu dia inspecionando a Criação e à noite Ele retorna para Ruanda para descansar porque este é o lugar mais bonito que Ele criou? Lembre-se disso, Immaculée. Deus dorme em Ruanda”.

Eu apertava meus braços ao redor dele o mais firme que podia e beijava-o na bochecha. Meu pai era a única pessoa que eu conhecia que amava a Deus tanto quanto eu; por isso, eu o amava mais do que seria capaz de descrever.

Depois de uma boa e longa olhada no lago, papai dizia que estava com fome e caminhava de volta para dentro de casa. Antes que ele tivesse a chance de entrar, porém, eu

implorava para que ele começasse a dar detalhes sobre sua viagem e as incríveis coisas que ele tinha visto e ouvido em Kibeho. Mas papai era metódico em tudo que fazia e não diria uma palavra sobre suas peregrinações até que a família tivesse terminado a refeição e depois se reunido na sala para o *Igitaramo*. Somente então ele começaria a revelar-nos os acontecimentos verdadeiramente milagrosos que ele tinha presenciado em Kibeho.

A primeira coisa que eu sempre perguntava para papai era se ele tinha visto Segatashya. Inevitavelmente, sua resposta à minha pergunta era insatisfatória, para dizer o mínimo. “Ah, sim, eu vi Segatashya”, ele dizia. “Mas não comece a correr para chegar à frente de si mesma, Immaculée... Coisas boas vêm para aqueles que esperam.”

Meu pai nunca gostava de ser apressado por ninguém, especialmente quando contava uma história. Para ele, assim como para muitos ruandeses, histórias eram uma das grandes ferramentas disponíveis para um educador, um líder tribal ou um pai poderem expressar mensagens e ensinamentos morais aos jovens. A cultura e a história de Ruanda foi sempre passada adiante através da tradição oral da contação de histórias e em nosso lar essa tradição estava bem viva.

Quando dava início às suas histórias de peregrinações, papai invariavelmente começava descrevendo a própria jornada, contando tudo o que tinha acontecido durante os longos quilômetros da exaustiva caminhada. Para mim, aquelas histórias, muitas vezes repletas de relatos sobre dificuldades angustiantes, eram algumas das melhores já contadas.

Papai nos contava como o seu grupo de entre 200 e 300 peregrinos da aldeia ficou sem comida no meio do percurso, foi perseguido por animais selvagens durante a noite ou perdeu orientação e ficou perdido em uma indócil floresta ruandesa. “Lembre-se de que muitas daquelas pessoas nunca tinham viajado para além de uma ou duas montanhas a fim de visitar parentes”, dizia ele. “Viajar

numa grande excursão por terra a lugares desconhecidos, era algo que eles nunca teriam planejado fazer... E alguns deles já estão ficando velhos. Muitos deles saíram de suas cabanas sem nenhum tipo de suprimento, a maioria não tinha sapatos ou nem mesmo um cobertor para dormir. Eles estavam totalmente despreparados para as dificuldades do caminho... Mas os seus corações e almas estavam determinados a ouvir a mensagem do Céu e nada os manteria em casa, sabendo que Jesus e Maria estavam esperando por eles em Kibeho.”

Em seguida, papai nos contava que não importava o quanto desesperadora a situação ficasse para eles, o amor e a devoção do grupo pela Virgem Maria triunfava sobre todas as tribulações que eles poderiam encontrar ao longo do trajeto. Ele descrevia a forma como o Padre Rwagema conduzia os peregrinos na oração à noite, na hora em que eles erguiam o acampamento noturno. Eles se ajoelhavam juntos em frente a uma fogueira e rezavam para que a Santíssima Virgem os ajudasse e guiasse. E as orações deles sempre eram infalivelmente atendidas.

Em uma ocasião, após vários dias de caminhadas extenuantes, o grupo descobriu que não tinha mais nenhuma comida e centenas de bocas para alimentar. Naquela noite eles rezaram ao Céu para que os provesse com alimento – e de manhã alegremente descobriram que alguma boa alma, sem se identificar, tinha entrado no acampamento durante a noite e deixado enormes sacos de arroz e feijão.

Em outra ocasião, os peregrinos ficaram desesperadamente perdidos em uma mata densa e não sabiam qual caminho tomar. Eles decidiram acampar em determinado lugar e rezaram a Maria para que ela os conduzisse de alguma forma. Mais tarde, naquela noite, uma desconhecida constelação de estrelas apareceu sobre eles na forma de uma cruz. Eles entenderam isso como um sinal do Céu e na manhã seguinte simplesmente caminharam na direção para a qual a brilhante cruz tinha apontado. Antes que pudessem perceber, estavam fora da mata e de volta à estrada para Kibeho.

“Ninguém se queixava muito sobre cortes e contusões, nem mesmo resmungava por estar com fome”, disse meu pai. “Afinal, nós estávamos indo ouvir Maria e Jesus, e como nossos pequenos sofrimentos poderiam ser comparados aos deles?” Papai nos contou que, quanto mais os peregrinos sofriam, mais eles valorizavam o quanto Jesus e a Virgem Mãe tinham sofrido por todos nós... E mais determinados eles ficavam em chegar a Kibeho com sorrisos em seus rostos e alegria em seus corações.

Geralmente a esta altura eu já estava tão ansiosa para ouvir alguma coisa sobre Segatashya que cortava o relato de papai. “E o menino que conheceu Jesus, papai? Fale-nos sobre Segatashya. Como ele se parece? Ele é tão jovem quanto dizem que é? Ele realmente falou com Jesus? O que aconteceu quando ele estava no palco? Ele disse a Jesus que as pessoas queriam ver outro milagre? Conte-nos, papai! Segatashya fez outro milagre acontecer?”

Papai me olhava pacientemente e dizia: “O milagre de Kibeho começa no momento em que alguém sai em peregrinação com o coração repleto de amor e fé. Não são os visionários que fazem os milagres acontecer... Milagres acontecem quando corações céticos se convertem em corações cheios do amor de Deus. E é a crença em Deus que traz o amor a nossos corações! Fé e amor – fé no amor de Maria e Jesus, e a crença de que as mensagens que eles têm para nós são enviadas por Deus para nos salvar – isso é o que faz com milagres aconteçam aqui na Terra. Nunca se esqueçam disso, crianças”.

Um daqueles milagres, acrescentou papai, era o fato de que todas as lesões sofridas pelos membros de sua peregrinação – de bolhas terrivelmente infectadas a ligamentos torcidos e distendidos, passando por insolação – foram curadas logo depois que eles chegaram em Kibeho. Muitas vezes as curas ocorriam após um breve banho de sol que surgia ao fim de uma aparição, quando um visionário anunciava que Maria estava prestes a mandar algo para aliviar as dores e aflições daqueles que tinham viajado por longas distâncias para vê-la.

Em seguida caía do céu azul e claro uma breve e reparadora chuva, sanando os ferimentos de milhares. Papai se deliciava em nos contar sobre como era ouvir 10 mil suspiros de alívio ecoando através das montanhas de Kibeho enquanto centenas de cortes paravam de sangrar, o inchaço de tornozelos diminuía ou desaparecia e incontáveis espíritos abatidos e fatigados repentinamente se erguiam renovados. Quaisquer cuidados ou desgostos restantes que ainda pesassem sobre os peregrinos evaporavam no calor da luz do sol, que agora brilhava. Um milhão de pequenos arco-íris se refletiam nos milhões de gotas de chuva que repousavam sobre as folhas da relva que crescia nas montanhas de Kibeho. Era uma visão que inspirava toda alma que pudesse testemunhá-la.

Como a chuva tinha parado e o sol secado suas roupas, os peregrinos se levantaram juntos e deram-se as mãos. Eles olharam em direção ao céu e ergueram suas vozes para cantar o *Magnificat*, hino favorito de Nossa Senhora, o qual eles entoaram como uma canção de louvor e agradecimento aos cuidados e à bondade que a Mãe Celeste tinha mostrado para com eles, seus filhos gratos e devotados... :

A minha alma engrandece ao Senhor
 E se alegrou o meu espírito em Deus, meu Salvador;
 Pois ele viu a pequenez de sua serva,
 Desde agora as gerações hão de chamar-me de bendita.
 O Poderoso fez por mim maravilhas
 E Santo é o seu nome!
 Seu amor, de geração em geração,
 Chega a todos que o respeitam;
 Demonstrou o poder de seu braço,
 Dispersou os orgulhosos;
 Derrubou os poderosos de seus tronos
 E os humildes exaltou;
 Saciou de bens os famintos,
 E despediu, sem nada, os ricos.
 Acolheu Israel, seu servidor,

Fiel ao seu amor,
 Como havia prometido aos nossos pais,
 Em favor de Abraão e de seus filhos, para sempre.¹⁴

As descrições que papai fazia de suas chegadas em Kibeho, com vários grupos de peregrinos de Mataba, sempre pintavam um quadro de fé e devoção nacional. “Lá estavam milhares e milhares de pessoas reunidas em torno da aldeia”, dizia ele. “Todas estavam lá para testemunhar as aparições que a Virgem Maria e Jesus tinham marcado para os dias seguintes. As encostas que rodeavam Kibeho estavam cobertas por acampamentos de peregrinos, grupos de amigos e enormes famílias inteiras que fizeram a jornada para ouvir as mensagens. Eles vinham de toda Ruanda e alguns de lugares ainda mais distantes, como Quênia, Tanzânia, Burundi e Zaire... Todos estavam lá para ouvir as palavras dos visionários, para ouvir o que a Rainha do Céu e Jesus querem que saibamos... para receber as mensagens que o Céu quer que levemos em nossos corações para que possamos viver nossas vidas do jeito que Deus planejou.”

“Por favor, papai, conte-nos sobre Segatashya!”, eu implorava. Minha mente fervia com tanta curiosidade a respeito do meu visionário favorito que eu não conseguia me conter.

Minhas contínuas interrupções do *Igitaramo* tiravam meu pai do ritmo de sua contação de histórias apenas momentaneamente. Naquela época de sua vida, ele tinha parado de lecionar e tinha aceitado uma série de promoções que o levaram a construir uma carreira acadêmica: de professor a diretor e, finalmente, a diretor regional das escolas católicas. Todos aqueles anos no sistema escolar deram a ele experiência de sobra para lidar com jovens impacientes e indisciplinados como eu.

Depois de muitas vezes eu interrompê-lo e tentar apressá-lo em sua narrativa, papai simplesmente se calava por

¹⁴Lc 1, 46-56 – retirado do volume da Liturgia das Horas da CNBB.

completo. Ele olhava em silêncio para mim com o seu olhar “oficial” de diretor de escola até que eu promettesse ficar quieta e aguardar pacientemente enquanto ele nos falava sobre Kibeho do seu próprio jeito e no seu próprio ritmo.

A primeira coisa que papai queria voltar a contar a respeito de estar em Kibeho era a paixão, devoção e o estado de espírito da enorme congregação de peregrinos que ele tinha juntado lá. Ao final de cada aparição, tanto a Virgem Maria quanto Jesus diziam ao visionário a quem estavam aparecendo quando exatamente as pessoas poderiam vê-los novamente. De fato, a Santíssima Virgem (ou Jesus, se o visionário em questão era Segatashya) contava a cada visionário a data exata e a hora de sua próxima aparição e depois essas datas e horários eram divulgadas pelo rádio. Essas informações possibilitavam aos peregrinos que queriam ir a Kibeho se planejarem para fazer a jornada em direção ao local sagrado.

Como papai nos contou, milhares de peregrinos chegavam em Kibeho com a esperança de serem curados de doenças ou carregando objetos que eles queriam que fosse abençoados por Maria e Jesus, amolando o visionários para conseguir. Muitos peregrinos saíam de suas aldeias com os bolsos cheios de rosários, os quais eles erguiam sobre suas cabeças na hora em que os visionários subiam ao palco. Outros traziam vasilhas com águas dos rios, esperando que aquele líquido fosse milagrosamente transformado em água benta durante as aparições.

“Estes eram pequenos presentes dos visionários aos fiéis – presentes que ajudavam a criar uma atmosfera de amor entre toda a assembléia”, disse meu pai. Ele estava realmente espantado com o fato de que tantas pessoas, que tinham feito a mesma jornada longa e dolorosa que ele (algumas de lugares ainda mais distantes!), estivessem em estados de espírito repletos de amor após suas chegadas.

“Quantas vezes na vida você pode encontrar um lugar no qual milhares e milhares de pessoas estejam apertadas juntas em uma pequena área durante dias, com pouca comida

e água, sem que haja qualquer tipo de briga ou confusão? Em Kibeho eu mal ouvi uma única palavra sendo pronunciada com raiva... Não há nenhum lugar como aquele, nem em Ruanda, nem em qualquer outro país!", bradou papai. "A presença amorosa da Virgem Maria e a paz do seu filho inegavelmente transformaram Kibeho em um lugar diferente de todos os lugares que já vi em minhas viagens. A amável presença de Deus era sentida em todo o lugar!"

Meu pai começou a contar como dezenas de garotas do Colégio de Kibeho juntaram-se com outras garotas para formar um vibrante grupo de dança. Enquanto os percussionistas e outros músicos faziam o acompanhamento musical, o grupo executava danças tradicionais em frente ao palco por horas. Enquanto isso, a multidão esperava pela chegada dos visionários.

"As garotas começaram a cantar canções em louvor à Virgem Maria", contou papai. "E logo cada uma das pessoas que estavam sentadas nas colinas ao redor do palco começaram a cantar também... 10 mil vozes crescendo em uníssono, todas declarando seu amor pela Bem-Aventurada Mãe, todos rezando para Nossa Senhora e Jesus para que dessem suas bênçãos."

"No primeiro dia de nossa última viagem, a primeira visionária a subir ao palco foi a jovem Alphonsine", continuou meu pai, descrevendo sua surpresa quanto à aparência infantil dela e apontando o quanto ele ficou tocado pela tímida inocência e o jeito doce daquela estudante. A multidão bradou repleta de afeto quando ela caminhou para o centro do palco, ergueu o seu rosário e começou a conduzir a assembléia em uma oração para Nossa Senhora.

Papai nos contou a respeito do silêncio que baixou sobre as colinas quando a Virgem finalmente apareceu perante a jovem no meio de uma recitação da Ave-Maria. Ele viu a face de Alphonsine ganhar vida com uma expressão de pura devoção, como se o Céu tivesse dado um choque

de amor de um milhão de volts em seu coração. O rosto da menina se revestiu de uma beleza celestial.

Eu já sabia por intermédio do Padre Rwagema, que falou com membros do clero em Kibeho que estavam investigando as aparições, que, quando os visionários estavam tendo uma visão, eles ficavam absortos de tudo exceto da presença celeste que estava na frente deles. Como papai nos contava agora, quando a Bem-Aventurada Mãe aparecia perante Alphonsine ou para os outros visionários, tudo o que eles podiam ver era a Virgem Maria pairando no ar alguns metros acima deles. A massa de espectadores em frente ao palco se transformava, do ponto de vista dos visionários, em infindáveis campos de flores. Algumas flores erguiam-se pujantes, demonstrando força, vibração e beleza, enquanto outras pareciam curvadas e murchas.

A Virgem Maria explicou aos visionários que as flores representavam as pessoas que tinham ido a Kibeho para ouvir as mensagens dela e de seu filho, Jesus. Ela disse que as flores mais saudáveis eram pessoas cuja fé em Deus era forte e crescente, enquanto as que pareciam doentes eram indivíduos cuja fé no Senhor precisava ser reforçada. Mas Maria sempre dizia aos visionários que ela amava todas as flores igualmente e que suas mensagens de amor eram destinadas a ajudar todos aqueles que tinham ido a Kibeho para receber suas bênçãos.

“Como sempre, Alphonsine conversava com a Virgem da mesma forma como você conversa com sua mãe, Imaculée”, disse meu pai. “Ela chamava a Virgem de mamãe e depois discutiam sobre como estavam progredindo suas tarefas escolares e sobre como ela e todas as outras garotas do Colégio de Kibeho estavam se dando bem.”

Papai nos contou que, em uma determinada noite, Alphonsine disse que a Bem-Aventurada Mãe tinha ensinado a ela uma canção que ela queria que o mundo todo aprendesse. A canção era tão simples e bonita que, quando Alphonsine começou a cantá-la, todas as vozes em Kibeho cantaram junto. A Santíssima Virgem chamou a canção de

“Os Filhos de Kibeho”:

Eu confio a você o meu futuro, Maria,
Porque você transmite a voz de Deus, Maria.
Eu juntei tudo que possuía, Maria,
E vim para os seus braços, Maria.
Veja como eu irei mudar, Maria,
Por causa da voz de Deus, Maria.
Ensine a nós, seus filhos de Kibeho,
A amar uns aos outros, Maria.
Que todos possam te amar, Maria,
Que todos possam confiar em ti, Maria.
Por favor, veja como irei viver
Deste dia em diante, Maria,
Porque você trouxe a voz de Deus para mim, Maria.

Em seguida papai nos contou como Alphonsine, ao fim da aparição, caiu feito uma rocha no chão do palco, fisicamente exausta e emocionalmente esgotada. “Era sempre a mesma coisa com todas aquelas crianças”, explicou ele. “Assim que os encontros deles com Maria terminavam, eles caíam de costas ou de cara no chão. Era de se admirar que não quebrassem o pescoço ou rachassem o crânio. Mas, ao que parece, Maria estava cuidando deles como a Mãe protetora que ela é. O Padre Rwagema me contou que os médicos da Comissão de Inquérito, que estavam vendo tudo de perto durante as aparições, examinaram os visionários antes, durante e depois de suas visões – e eles nunca conseguiram encontrar qualquer coisa seriamente errada nas crianças, não importava o quanto o corpo delas tivesse ficado contorcido durante o transe ou quanto a queda delas após a aparição tivesse sido intensa.

Além dos vários médicos que estavam sempre presentes durante as aparições, papai disse que um grupo de freiras locais também estava por perto para ajudar os visionários. Duas ou três dessas freiras poderiam correr ao palco ao fim de cada aparição para confortar a estudante caída – e, depois que ela recobrasse a consciência, elas a

erguiam e a ajudavam a caminhar até um lugar tranquilo para que pudessem descansar e se recuperar.

“Eu me lembro de como meu coração ficou sensibilizado com a jovem Alphonsine... Ela estava tão completamente cansada depois da visita de Maria que três grandes homens tiveram que levantar o seu corpo mole em seus ombros e carregá-la para fora do palco.”

Olhei esperançosa para papai enquanto ele terminava de descrever as incríveis aparições vistas por Alphonsine, cruzando minhas mãos em um gesto de súplica. Silenciosamente, soprei uma única palavra de apelo: “Segatashya?”

Papai ergueu seu braço e virou a palma de sua mão em minha direção como se fosse um policial parando um carro em alta velocidade. “Vai com calma, Imaculée, nós vamos chegar lá logo!” A seguir, ele falou rapidamente sobre as aparições vistas no palco pelas outras duas visionárias – Anathalie e Marie-Claire – que foram testemunhadas por ele. Eu ouvi trechos daquelas aparições pelo rádio enquanto papai estava fora, mas ele tinha memorizado duas canções curtas que foram cantadas pelas visionárias; uma delas foi ensinada pela Virgem Maria e eu nunca a tinha ouvido antes.

Como eu disse anteriormente, histórias são uma ferramenta de ensino muito importante na sociedade ruandesa, mas canções são ainda mais importantes, pois a melodia ajuda as palavras e a penetrar mais fundo em nossos corações e mentes. Por isso, não tinha a menor chance de papai pular por cima de qualquer canção que um visionário tivesse compartilhado com os peregrinos enquanto ele estava em Kibeho.

A primeira canção era uma história agri-doce sobre o sofrimento de uma mãe, a qual foi ensinada a Marie-Claire pela Virgem Maria durante uma aparição à tarde:

Mãe misericordiosa, lembre-nos sempre

Das tristezas do seu Filho, Jesus.

Quem entre nós não choraria vendo as lágrimas
Que a Mãe de Jesus derramou por seu único Filho?

Pois os espinhos que colocaram em sua cabeça
Ela sentiu como se fosse em sua própria cabeça;
Quando ela ouviu a cruz sendo cravada na cova recém-aberta,
Seu coração tremeu e se partiu em dois.
Mãe misericordiosa, lembre-nos sempre
Das tristezas de seu Filho, Jesus!

A próxima canção que papai compartilhou conosco era um hino de fervorosa adoração que Anathalie cantou para a Virgem Maria. Papai nos disse que a visionária esteve jejuando por um bom tempo como um ato de penitência antes desta aparição em particular. Em vista disso, naquele momento ela estava tão fraca e cansada que sua voz mal se levantou além de um sussurro. Eu fiquei tão tocada pela história que memorizei a canção e por anos a cantei com uma voz cansada e exausta para honrar e imitar Anathalie:

Nós viemos agradecê-la, Mãe,
Querida Mãe fiel.
Ninguém foi tão abençoada como você.
Deixe que todos ergam suas vozes para louvá-la.
Querida Mãe, a mais estimada pelo Criador.
Todos nós nascemos em pecado, exceto você,
Querida Mãe, que nasceu imaculada.
Todos os anjos no Reino de Deus cantam o seu nome.
Querida Mãe, que seca nossas lágrimas, nós a amamos!

Após recitar a canção de Anathalie, papai se levantou e ergueu suas mãos e braços em direção ao teto. Depois arqueou suas costas, alongando o corpo todo, e soltou um imenso bocejo que ecoou pela casa. Eu sabia o que viria a seguir; eu já tinha visto isso antes. Muitas vezes, quando ele retornava de uma de suas peregrinações, ele nos fazia esperar o maior tempo possível – nossa rotina de tarefas domésticas, deveres escolares e jantar em família tinha que vir sempre em primeiro – antes de nos convocar para mais uma sessão de *Igitaramo*. Mas, como parecia estar se preparando para fazer agora, ele poderia interromper

uma de suas histórias bem no meio e anunciar que estava tão cansado que precisava ir para a cama imediatamente.

“Não se preocupem, crianças”, disse ele. “Apenas preciso de uma boa noite de sono. Eu contarei o resto da peregrinação durante a semana... Ou talvez na semana que vem, se as coisas ficarem muito corridas.”

Mas antes que papai tivesse terminado o seu bocejo, eu pulei e me posicionei entre ele e o quarto dos meus pais. Tenho certeza de que o meu olhar e a minha expressão determinada estavam assustadores. “Nem pense em dormir antes de me dar todos os detalhes restantes a respeito de tudo que Segatashya disse e fez!”

Meu pai riu de minha determinação. Acho que ele nunca tinha me visto agir de forma tão audaciosa antes e estou certa de que minha paixão pelas mensagens de Jesus entregues a Segatashya o agradava muito.

“Está quente dentro de casa esta noite. Acho que nós podemos deixar entrar um pouco de ar aqui”, disse ele, passando por mim em direção ao pequeno *hall* perto da porta de entrada. Ele olhou para seu relógio e abriu a porta. Lá, parado sob a soleira, como se tivesse surgido graças a um truque de meu pai, estava o Padre Rwagema.

“Obrigado por vir, Padre”, disse meu pai, conduzindo-o para a sala. O bondoso sacerdote sorriu e acenou para meus irmãos e eu, e fez uma mesura para minha mãe, que imediatamente se dirigiu à cozinha para buscar algo para nosso convidado comer e beber. Apesar de ter chegado de Kibeho com meu pai naquele mesmo dia, o Padre Rwagema parecia estar novo em folha e cheio de energia. Seus olhos se mexiam com vigor e sua face estava radiante com os milagres que ele tinha testemunhado recentemente.

“Eu convidei o Padre Rwagema para se juntar a nós nesta noite porque tenho certeza que ele sabe mais sobre Segatashya do que qualquer outra pessoa no país”, disse papai. “E, é claro, eu sabia que Immaculée teria mais perguntas a respeito do seu visionário favorito do que eu conseguiria responder sozinho.”

Uma vez que o Padre Rwagema já estava ajeitado em sua cadeira e a minha mãe já tinha lhe dado algo para comer e beber, papai continuou sua história.

“Padre, eu estava falando para eles sobre as visionárias que vimos e tinha acabado de recitar a canção de Anathalie”, disse papai. “Agora, Immaculée, eu sei que você está esperando que Segatashya entre em cena depois de Anathalie, mas nós esperamos por mais um dia inteiro antes que ele chegasse a Kibeho. Naquela altura, a multidão de 10 mil peregrinos que nos acolheu quando chegamos na aldeia tinha quase triplicado de tamanho. Isso dá uma idéia do quanto Segatashya tinha ficado popular em um período tão curto de tempo. Havia pelo menos 30 mil pessoas comprimidas em frente ao palco na tarde que estava marcada para ele receber sua aparição e a onda de ‘vivas’ que surgiu no meio da multidão quando ele finalmente chegou era ensurdecadora.”

Papai balançava sua cabeça, incrédulo, enquanto relatava o momento em que ele colocou seus olhos em Segatashya pela primeira vez. “Com todo aquele suspense e toda aquela fama, eu pensei que ia ver alguém que tinha perto de sete metros de altura e que se vestia como um príncipe, mas a criança que tinha subido ao palco parecia que tinha acabado de sair de um curral de vacas!”

“Segatashya é um adolescente, mas, para mim, ele parecia não ter mais que oito ou nove anos. Parecia até que ele era menor que as estudantes que tinham estado no palco antes dele – e, para lhe falar a verdade, eu acho que ele não era muito maior que você, Immaculée! Dava para ver que a família dele não tinha dinheiro algum, que eles não tinham quase nada e que eram tão miseráveis quanto as pessoas mais miseráveis de nossa aldeia. O menino era tão magro e descarnado que você podia imaginar que ele nunca tinha comido mais que uma refeição de arroz e feijão por dia em toda sua vida, isso se não for muito.”

“Eu acho que ele tinha ido para Kibeho naquele dia imediatamente após ter cuidado de suas cabras perto de sua casa, que, segundo me disseram, ficava a mais ou menos

48 quilômetros de distância. Ele estava descalço e seus pés e tornozelos estavam cheios de lama seca e dura. Ele estava vestindo um calção vermelho velho e esfarrapado, que também estava salpicado de lama. Esse calção estava preso em volta de sua cintura por um grosso pedaço de corda. Ele vestia uma camiseta desbotada que estava rasgada e amassada em muitos pontos e parecia tão tímido que eu pensei que ele nunca conseguiria olhar para os olhos de alguém.”

O Padre Rwagama tinha terminado o prato de arroz que minha mãe havia lhe oferecido e estava ocupado remexendo em uma sacola que ele tinha trazido consigo. Eu não tinha certeza do que ele estava procurando, mas esperava que fosse o seu tocador de fitas e alguma gravação da aparição.

“Você deve se lembrar”, começou o Padre Rwagama, “que Segatashya é um garoto do sítio sem escolaridade e sem absolutamente nenhum conhecimento de religião. Ele é um pagão, como seus pais, e eu realmente acho que ele nunca esteve mais que um dia de caminhada de distância fora de casa antes que Jesus aparecesse para ele e desse-lhe mensagens para entregar em Kibeho.”

O Padre Rwagama olhou para meus irmãos e para mim. “Crianças, ponham-se no lugar de Segatashya e tentem imaginar o que é ter passado a vida toda sem nunca ter convivido com um grupo de pessoas maior que a sua família e, de repente, num belo dia, se encontrar parado diante de 30 mil desconhecidos, todos esperando que você lhes transmita as palavras de Deus. Vocês conseguem imaginar isso?”, perguntou ele. “Esse menino deve ter a coragem de um leão! Talvez essa seja uma das razões por que Jesus o escolheu para ser um embaixador do Céu aqui na Terra.”

Papai se virou para meu irmão, Damascene, que tinha quase a mesma idade de Segatashya, e disse-lhe: “Quando eu vi Segatashya lá em cima no palco parecendo tão pequeno no meio de padres e médicos que vieram para examiná-lo...

E parecendo tão minúsculo na frente de dezenas de milhares de pessoas que viajaram de tão longe para ouvi-lo... Eu não pude deixar de pensar em meus próprios filhos. Eu sabia que me magoaria terrivelmente como pai se qualquer uma das minhas crianças tivesse que estar onde estava aquele garoto naquele momento, encarando uma enorme tensão e sobrecarregado pela pressão de tão grandes expectativas”.

“Mas depois nós testemunhamos a mais extraordinária das transformações no momento em que Segatashya sentiu a presença do Senhor Jesus próxima dele”, observou o Padre Rwagema. “Imagine como deve ser você *literalmente* ver Deus. É claro que todos nós podemos sentir a presença do Senhor quando rezamos... Mas nenhum de nós aqui esta noite jamais irá saber o que é estar diante Dele enquanto ainda estamos em nossos corpos humanos. E que experiência foi aquela para nós! Nós fomos imensamente abençoados por poder testemunhar o momento em que Segatashya contemplava Jesus!”

“Eu fui para Kibeho mais de uma dezena de vezes e posso atestar que o choque da separação deste mundo terreno e a entrada no Reino dos Céus produzia um profundo impacto em cada um dos visionários. Mas o trauma físico experimentado por Segatashya sempre me impressionou mais, pois parecia ser o mais extremo.”

O padre nos contou como se separou dos peregrinos que ele tinha conduzido até Kibeho e se aventurou em direção ao palco para gravar Segatashya conversando com Jesus. “Eu estava lá com os dois médicos e vários sacerdotes da Comissão de Inquérito”, disse ele. “Havia também um técnico de transmissão segurando um microfone que transmitia tudo que Segatashya dizia através de um poderoso sistema de som amplificado – todo mundo, naquela vasta multidão, podia ouvir cada sílaba que Segatashya proferia.”

“O técnico tinha acabado de colocar o microfone embaixo do queixo de Segatashya quando o garoto repentinamente caiu de joelhos. Seus olhos se abriram enormemente

e sua face se iluminou como se houvesse 100 mil raios de luz sendo apontados para ele de algum lugar no alto.”

“No momento em que Segatashya caiu, ele bateu no microfone do técnico e o objeto acabou ficando pressionado entre o peito do menino e o chão. Naquele momento, a multidão ficou em silêncio. Tudo que se podia ouvir em um raio de quilômetros era a batida do coração de Segatashya, que era captada pelo microfone e amplificada através do enorme conjunto de alto-falantes que ladeava o palco.”

“A pulsação de Segatashya estava normal – seu coração parecia igual ao de qualquer outro garoto saudável de sua idade, batendo 60 ou 70 vezes por minuto. Mas no momento em que o Senhor se materializou na frente dele, o coração de Segatashya começou a acelerar. O constante *ta-dum-ta-dum* da batida do seu coração crescia tão rapidamente que aquilo parecia humanamente impossível. Parecia que algum percussionista louco tinha entrado em seu peito.”

“A pulsação de Segatashya pulou para 100 batidas por minuto; em seguida, instantaneamente, pulou para 200; e depois aumentou novamente para 300 batidas por minuto, ou talvez até mais. Os médicos no palco estavam tão chocados quanto qualquer outra pessoa e começaram a procurar por um estetoscópio em suas malas. Algumas pessoas na multidão cobriram seus ouvidos porque o som tinha se tornado aterrorizante. Eu pensei que o coração do pobre garoto ia explodir para fora de sua caixa torácica.”

Vendo que todos nós estávamos com o fôlego preso, o Padre Rwagema nos deu um sorriso reconfortante. “Um pouco depois, Segatashya sorriu de orelha a orelha. E, falando com força e bem alto, ele disse: ‘Karame!’” (Em kinyarwanda, uma língua nativa de Ruanda, *Karame* é um jeito polido de dizer “Olá” – literalmente, se traduz como “Vida longa a você”).

“Assim que Segatashya cumprimentou Jesus”, continuou o padre, “sua pulsação instantaneamente voltou ao

normal. Alguns segundos depois, o menino começou a rezar o Pai Nosso e todas as 30 mil pessoas que estavam na frente dele se ajoelharam e rezaram junto:”

Pai nosso que estais no Céus,
Santificado seja o vosso Nome,
Venha a nós o vosso Reino,
Seja feita a vossa Vontade
Assim na Terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
Perdoai-nos as nossas ofensas
Assim como nós perdoamos
A quem nos tem ofendido.
E não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal.
Amém.

Nesta hora, o Padre Rwagema tinha encontrado o que estava procurando em sua bolsa, e, como eu esperava, era o seu tocador de fitas. “Eu sei que está ficando tarde, mas eu imagino que todo mundo, especialmente Immaculée, gostaria de ouvir um pouco de sua mais recente aparição”, disse ele, com um sorriso. “Esta primeira parte mostra Segatashya questionando Jesus sobre como ele deveria lidar com todas as dúvidas, parecidas com as famosas dúvidas de Tomé, que ele começou a encontrar logo depois que as aparições do Filho de Deus começaram.”

O Padre Rwagema apertou o botão *Play* do seu tocador de fitas e, de repente, Segatashya estava na sala conosco, falando com Jesus com voz suave e determinada:

Senhor Jesus, tem algo que eu acho que você deve ficar sabendo. Ainda há, em Ruanda, muitas pessoas que não entendem o que está acontecendo aqui em Kibeho; e pior, há pessoas que simplesmente não acreditam que você e sua mãe realmente estão aparecendo para nós. Há pessoas que estão se queixando e dizendo que o que está acontecendo em Kibeho não é verdadeiro, que os visionários estão contando grandes e malignas mentiras. Por que você me dá mensagens de uma forma que não é fácil para as pessoas acreditarem?

Eu gostaria de sugerir que você mostre a elas a sua luz, ou mostre-se a elas como você está se mostrando a mim; desta forma, eles verão que é verdade. Por que você não brilha sua luz sobre elas, Jesus? Dê a elas a sua luz para que eles possam ver a verdade. Pelo menos, eu devo saber que respostas dar a essas pessoas que estão vindo até mim cheias de perguntas... Se você não faz brilhar a sua luz do entendimento sobre elas, então você deve me dar todas as respostas antes, para que eu possa esclarecê-las corretamente.

Meu pai deu uma grande gargalhada, o que ele raramente fazia na frente dos filhos. Papai era um homem muito amável, mas era extremamente formal em casa porque ele tinha que interpretar o papel de disciplinador. Mas ele ficou tocado e deliciado pelo jeito com que Segatashya se dirigia a Jesus. “Ouça esse garoto!”, disse ele. “Ele não somente está questionando o Senhor a respeito do seu método de compartilhar mensagens com o mundo, mas também está aconselhando Jesus Cristo, de tão inocente, aberto e honesto que é o seu coração!”

“O jeito simples do menino deve ser outra razão pela qual Jesus o escolheu como mensageiro”, acrescentou o Padre Rwagama.

“Mas, falando sério”, disse meu pai, com sua risada já começando a diminuir de volume, “mesmo quando Segatashya estava questionando ou tentando aconselhar Jesus, você não podia deixar de perceber o profundo respeito do garoto reverberando pelas colinas.”

“Mas, papai”, falei, “como nós sabemos quais foram as respostas do Senhor para Segatashya? Como podemos saber o que Jesus disse quando Segatashya lhe perguntou o que deveria dizer às pessoas que não acreditavam no que estava ocorrendo em Kibeho?”

“Ah... Nós sabemos porque, depois que a aparição para o garoto terminou, eu fui visitá-lo atrás do palco. Eu fiz-lhe as mesmas perguntas que você acabou de fazer, Immaculée. E era isto o que Segatashya tinha a dizer”, disse o Padre Rwagama, apertando o botão *Play* novamente. E, de novo, lá estava a voz de Segatashya, desta vez repetindo

as perguntas que tinha feito a Jesus e depois contando ao Padre Rwagema quais foram as respostas do Senhor:

Quando perguntei a Jesus o que dizer àquelas pessoas que estavam duvidando, ele me disse:

*Meu filho, diga a todas as pessoas que não acreditam nas mensagens que estão sendo entregues em Kibebo que elas devem se preocupar apenas em acreditar e seguir o que está na Bíblia... Elas devem acreditar e seguir o que está na Bíblia com toda a força dos seus corações.*¹⁵

Mas o que eu falo às pessoas que dizem que, porque Jesus aparece com mais frequência para visionários católicos, elas se verão forçadas a ler a Bíblia católica? E Jesus me disse:

Eu vou encontrar os corações de todos aqueles que acreditam em mim e seguem os meus mandamentos – não importa qual Bíblia eles leiam ou a qual religião eles pertençam.

*Quando eu voltar para procurar por meus filhos, não procurarei por bons cristãos que fazem boas ações e praticam atos de amor e devoção apenas na Igreja Católica. Eu procurarei pelo mundo inteiro todos aqueles que honram meus mandamentos e me amam com coração aberto e sincero... É o amor deles, e não suas religiões, que os fazem verdadeiros filhos de Deus. Diga essa única verdade a todos aqueles com quem você falar em meu nome: creiam em mim e tudo o mais que vocês fizerem na vida façam-no com fé e amor.*¹⁶

Aqueles que sabem de Deus, que foram ensinados nos caminhos de Deus, serão elevados a um nível mais alto... Muito será esperado daqueles a quem muito foi dado. Ninguém é forçado a crer em Deus, mas, ainda assim, Deus vive no coração

¹⁵ “Deus ‘quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade’ (1Tm 2,4), isto é, de Jesus Cristo. Por isso é necessário que Cristo seja anunciado a todos os homens, segundo o seu mandamento: ‘Ide e ensinai todos os povos’ (Mt 28, 19). É o que se realiza com a Tradição Apostólica. A Tradição Apostólica é a transmissão da mensagem de Cristo, realizada desde as origens do cristianismo, mediante a pregação, o testemunho, as instituições, o culto, os escritos inspirados. Os Apóstolos transmitiram aos seus sucessores, os bispos, e, através deles, a todas as gerações até ao fim dos tempos, tudo o que receberam de Cristo e aprenderam do Espírito Santo” (Compêndio do CIC, nn. 11-12).

¹⁶ “A Igreja Católica reconhece que tudo o que de bom e de verdadeiro existe nas outras religiões vem de Deus, é reflexo da sua verdade, pode preparar para acolher o Evangelho e mover em direção à unidade da humanidade na Igreja de Cristo.” (Compêndio do CIC, n. 170).

*de todas as pessoas... Basta seguir seu coração para encontrar o amor de Deus. Aqueles que vivem no amor ouvirão a voz de Deus, porque a voz de Deus é uma voz de amor.*¹⁷

O Padre Rwagema apertou o botão *Stop* e disse: “Mesmo que eu viva tanto tempo quanto viveu Matusalém, eu nunca serei capaz de pregar um sermão com tal simplicidade e abundante graça como o que acabamos de ouvir neste que Jesus pregou para Segatashya: acreditem no Senhor e permitam que tudo o que vocês fizerem na vida seja motivado pela fé e pelo amor”.

Essa é uma mensagem que eu tenho carregado comigo desde aquele dia (há quase 30 anos) até este momento... E é uma mensagem que eu constantemente me esforço para adotar e praticar.

A beleza de todas as mensagens que ouvi em meu alegre lar naquela noite me deixou ainda mais desesperada para viajar a Kibeho com meu pai e poder testemunhar eu mesma as aparições que Segatashya estava recebendo. Meus pais prometeram que eu poderia ir quando estivesse maior, mas as aparições públicas de Segatashya em Kibeho duraram apenas um ano. Por isso, me obriguei a conhecê-lo por outros, e mais criativos, meios.

¹⁷ “[A] salvação vem de Cristo-Cabeça por meio da Igreja, que é o seu corpo. Portanto, não poderiam ser salvos os que, conhecendo a Igreja como fundada por Cristo e necessária à salvação, nela não entrassem e nela não perseverassem. Ao mesmo tempo, graças a Cristo e à sua Igreja, podem conseguir a salvação eterna todos os que, sem culpa própria, ignoram o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, mas procuram sinceramente Deus e, sob o influxo da graça, se esforçam por cumprir a sua vontade, conhecida através do que a consciência lhes dita” (Compêndio do CIC, n. 171).

CAPÍTULO 4

CRIANÇA, FILHO, IRMÃO E VISIONÁRIO PRINCIPANTE

A fama dos visionários de Kibeho cresceu rapidamente com o aparecimento de Segatashya. Milhares e milhares de peregrinos afluíram para a aldeia que um dia foi completamente desconhecida, todos na esperança de que seus corpos ou almas, ou apenas os sofrimentos de suas vidas cotidianas, pudessem ser curados por estarem perto de Segatashya quando Jesus aparecesse para ele.

Apesar das estradas para Kibeho estarem virtualmente intransitáveis, grandes carros e veículos militares atulhados de peregrinos começaram a chegar perto do palco antes de todas as aparições que estavam agendadas. E o céu ficava tomado pelo zumbido dos helicópteros militares que ficavam sobrevoando a área nos dias de aparições. Os helicópteros, que dificilmente qualquer pessoa da Ruanda rural já tinha visto antes, aterrissavam nos campos próximos. Eles traziam pessoas importantes e políticos que vinham de seus lares luxuosos e agradáveis na capital, Kigali, para este fim de mundo lamacento que era tão pequeno que nunca foi colocado no mapa. Kibeho repentinamente se tornou o lugar mais famoso do país e todos queriam ser vistos ao lado de visionários cada vez mais populares.

Até mesmo o presidente de Ruanda, Juvenal Habyarimana, entrou em cena quando seu helicóptero particular aterrissou no pátio do Colégio de Kibeho. Ele depois foi flagrado tendo um encontro privado com Segatashya! O país estava alvoroçado com aquele encontro – todo mundo estava falando sobre como o homem mais poderoso da nação estava ouvindo o que tinha a dizer um iletrado garoto pagão que conversou com Jesus.

Tudo isso deu uma atmosfera de circo aos encontros com os visionários em Kibeho... E isso deixou muitas pessoas desconfortáveis, especialmente meus pais. Eles adoravam a pureza das aparições que os visionários estavam recebendo, mas detestavam a idéia de que um verdadeiro milagre estava sendo usado para propósitos políticos.

A multidão cresceu de forma ingovernável, o que era uma má notícia para mim e meu ardente desejo de ir a Kibeho ouvir os visionários e conhecer pessoalmente Segatashya. À medida que os agrupamentos de pessoas se tornavam cada vez maiores, os apelos aos meus pais para que me deixassem ir em uma peregrinação se tornavam cada vez mais ineficazes.

“Isso está fora de questão, especialmente agora que o presidente esteve lá. Quem sabe o que pode acontecer?!”, disse papai, recusando mais um de meus infundáveis pedidos para me juntar a ele em sua próxima peregrinação. “Você pode ser pisoteada até a morte por aquela multidão”, acrescentou minha mãe, que, em se tratando da segurança de seus filhos, era a preocupação em pessoa.

“Mas eu vou fazer 13 anos em janeiro!”, protestei. “Eu sou quase da mesma idade do próprio Segatashya!”

“Mas você não é o Segatashya, Immaculée”, declarou firmemente meu pai. “Acho que vou esperar até que você faça 16 anos antes de deixá-la ir a Kibeho para ver Segatashya.”

“Não!”, interveio minha mãe, enfaticamente. “Ela não pode ir enquanto não tiver, pelo menos, 18 anos.”

“Ok, você pode ir a Kibeho no seu aniversário de 18 anos”, papai decretou.

“Não, espere ela fazer 21 anos, Leonard.”

“Ah, deixem isso pra lá”, resmunguei. Eu sabia que não estava fazendo nenhum bem à minha causa argumentando com esses dois, que eram motivados pela razão, pelo amor e pelo imperativo paternal de protegerem seus filhos do mal.

Eu percebi que teria de esperar muito tempo para encontrar Segatashya pessoalmente e conhecer Kibeho em primeira mão, mas isso não significava que eu teria de esperar tanto para saber mais a respeito dele e me tornar parte da coisa toda. Eu estava comprometida e determinada a aprender tudo que pudesse sobre Segatashya e as aparições. Essa determinação se enraizou profundamente em meu coração, acabando por se tornar uma obsessão (mas das saudáveis!) que eu, obviamente, alimento até hoje.

Eu ouvi centenas de horas de gravações das aparições que o Padre Rwagema trazia para Mataba após suas viagens para Kibeho. Também redobrei meus esforços em arrancar de meu pai detalhes sobre os aparecimentos de Segatashya no palco, logo após ele retornar de uma visita a Kibeho. Esses esforços eventualmente se expandiam também para meus dois irmãos mais velhos, que eram sortudos o suficiente para poderem acompanhar papai em várias peregrinações (porque eles eram garotos e mais velhos do que eu). Pobres Aimable e Damascene – eu deixei os dois malucos de tanto interrogá-los por horas a respeito de toda palavra, expressão facial e tom de voz que Segatashya havia usado durante uma aparição.

Como vou contar em um próximo capítulo, eu finalmente tive a abençoada oportunidade de me encontrar face a face com Segatashya enquanto era estudante universitária na faculdade de Butare. Isso foi em 1992 – apenas dois anos antes do visionário e muitas outras pessoas que eu amava e estimava serem assassinadas no genocídio. Nos anos que se seguiram, eu continuei a procurar tantas informações sobre Segatashya quanto me fosse possível, um esforço que tem sido, e sempre será, um trabalho de amor.

Através do meu encontro pessoal com Segatashya e das entrevistas que fiz com aqueles que o conheceram – o que restava de sua família e as pessoas que passaram décadas investigando as aparições vistas por ele – eu reconstitui a biografia dos primeiros anos deste incrível jovem,

um dos poucos visionários dos tempos modernos, um garoto que o Senhor tirou da obscuridade com o objetivo de pregar a palavra de Deus para o mundo.

Segatashya nasceu na cabana de seus pais, afastada por muitos quilômetros de uma clínica ou um hospital mais próximo. Não há registro oficial de seu nascimento, tampouco uma certidão de nascimento foi emitida para ele. Nem mesmo seus pais tinham certeza do dia em que ele veio ao mundo.

O que se consegue afirmar com alguma certeza é que Segatashya nasceu em algum dia de julho de 1967, em um lugar chamado Muhora, localizado na província ruandesa de Gikongoro, na parte sul do país, não muito longe da divisa com o país vizinho, Burundi. Muhora era mais um pequeno agrupamento de cabanas de barro e currais de cabras do que uma verdadeira comunidade de pessoas – e, uma vez que Muhora não estava ligado ao resto de Ruanda por estrada, se você vivia lá e queria ir a algum lugar, teria que ir a pé. A maior aldeia mais próxima era Kibeho, que ficava a mais de uma hora de caminhada através de florestas, riachos e campos.

O pai de Segatashya, Matabaro, e sua mãe, Mukandekezi, eram paupérrimos e rústicos pastores, que vinham de uma longa linhagem de paupérrimos e rústicos pastores. O casamento deles foi arranjado de acordo com o costume, em uma cerimônia tribal tradicional. Eles não se casaram em uma igreja porque eram pagãos, nunca tinham visto uma igreja e não sabiam o que fazer se estivessem em frente a um altar.

Ainda que fossem estranhos um ao outro quando se casaram e não tivessem dinheiro algum, um profundo amor e respeito surgiu e cresceu entre Matabaro e Mukandekezi, e logo a cabana de palha deles, de apenas um cômodo, estava repleta de crianças – três meninos e duas meninas –, das quais Segatashya era o mais velho.

Segatashya começou a trabalhar na horta de vegetais da família quando mal tinha começado a andar, e, quando

tinha mais ou menos quatro anos de idade, ele estava cuidando das cabras e ordenhando a única vaca da família. Na verdade, a partir do minuto em que já podiam andar sem supervisão de um adulto, todas as crianças eram colocadas para trabalhar nas miseráveis plantações de feijão ou para cuidar de seus poucos animais.

Nem sequer passou pela cabeça de Matabaro e Mukan-dekezi mandar seus filhos para a escola nos primeiros anos de criação deles. Nenhum dos dois tinha visto uma escola quando eram crianças, muito menos tinham colocado os pés em uma... Nem seus pais, nem seus avós, nem ninguém com que eles cresceram tinha ido para a escola. Eles estavam todos muito ocupados em prover suas famílias com comida o suficiente para sobreviverem por mais um dia e não podiam se preocupar com coisas estranhas e desconhecidas como educação formal. Ninguém em sua extensa família sabia ler ou escrever, e, mesmo que soubesse, eles não tinham à disposição livros, revistas ou até mesmo velhos jornais.

Ao contrário do que acontecia com os chefes de quase todos os outros lares de Ruanda, Matabaro e Mukan-dekezi eram tão pobres que não podiam comprar nem um pequeno rádio para ficarem a par do que estava acontecendo fora de sua aldeia. O mundo deles consistia nos feijões que plantavam e colhiam e no leite que tiravam de sua vaca e de suas cabras. Ambos cresceram aprendendo a viver da terra e sua educação reduzia-se a uma simples lição: trabalhe todos os dias para alimentar aqueles que você ama ou eles morrerão de fome.

A família também tinha pouco tempo para a religião. Quando eles praticavam alguma forma de devoção, era para prestar homenagem aos espíritos de seus ancestrais. Como eu disse, os pais de Segatashya cresceram como pagãos que honravam os espíritos de parentes mortos e reconheciam a existência do grande deus-espírito ruandês Ryangombe. Entre os pagãos ruandeses havia a crença de que tudo correria bem para suas famílias desde que venerassem os espíritos ancestrais: as vacas produziram

leite, as cabras não ficariam doentes, as safras seriam produtivas e as crianças não nasceriam mortas. Ainda que os pais de Segatashya fossem pagãos tradicionais, eles não se preocupavam muito com os rituais que o *umupfumu* (comumente conhecido como feiticeiro ou curandeiro) local os incitava a praticar.

Segatashya estava ciente de que Ryangombe era o principal deus no mundo espiritual; e, para o visionário, Jesus Cristo era um tipo de divindade cujo nome era invocado por trabalhadores do campo quando se machucavam ou para amaldiçoar uns aos outros quando se envolviam em uma briga. Até onde isso lhe dizia respeito, Ryangombe e Jesus eram um só e o mesmo – um espírito que vivia nas nuvens e fazia coisas boas acontecerem às pessoas quando estava contente e coisas ruins quando estava zangado. Tenho certeza que, se Segatashya tivesse encontrado um sacerdote católico naquela época, ele teria imaginado que o padre era algum tipo de novo feiticeiro, e a Bíblia, um livro de feitiços.

A ignorância de Segatashya com relação à educação e à espiritualidade permaneceu completa, mesmo depois de sua mãe decidir que o seu filho mais velho precisava ter ao menos um pouco de escolaridade. Os motivos de Mukandekezi para isso eram puramente práticos; ela percebeu que, se eles fossem algum dia escapar da desesperadora pobreza em que viviam, alguém na família tinha que começar a ler.

Então, quando Segatashya estava com 11 anos de idade, Mukandekezi decidiu que era hora de ter uma conversa com Matabaro. “Nós estamos famintos”, disse ela. “Se nosso garoto conseguir ler, nós poderemos aprender coisas que não sabemos agora... Aprenderemos quais plantios crescem melhor em nosso solo e depois saberemos quais tipos de grãos devemos colocar na terra na hora de plantar... É a hora de Segatashya ir para a escola!”

Matabaro concordou com sua esposa e, obedientemente, caminhou com o jovem Segatashya pelas matas em

direção a uma aldeia vizinha situada a vários quilômetros de distância, onde uma pequena escola havia sido construída nos mesmos moldes das cabanas de barro.

“Nós nos encontraremos aqui no fim do dia”, disse Matabaro ao garoto, deixando-o em frente à única porta da escola. E foi na frente dessa mesma porta que Matabaro encontrou Segatashya esperando quando retornou aquela noite. Visto que ele nunca tinha ido à escola e não tinha certeza do que acontecia em uma sala de aula, Matabaro não soube o que perguntar ao seu filho sobre como tinha sido o seu dia. Por isso, eles caminharam em silêncio durante todo o trajeto de volta para casa.

Durante as duas semanas seguintes, Segatashya ia para a escola de manhã por conta própria e retornava novamente no começo da noite. Na terceira semana de aula, seu pai foi junto com ele porque queria visitar um parente que morava nas redondezas. Quando chegaram em frente à porta da escola aconteceu de toparem com o professor.

“Quem é esse garoto?”, perguntou o professor. Rapidamente descobriu-se que Segatashya nunca tinha passado mais que cinco minutos dentro da escola. O garoto não gostava do fato de que todos os outros estudantes fossem muito mais jovens do que ele, e, além disso, ele não via nenhuma razão para ficar sentado dentro de uma cabana o dia todo, quando poderia estar aproveitando as belezas do mundo lá fora. Então, ele contou a seu pai que tinha passado os dias explorando as matas e rios próximos, procurando um lugar para iniciar um novo plantio de grãos.

Matabaro fez o rapaz marchar de volta para casa. Quando chegaram lá, seu pai deu-lhe uma surra para discipliná-lo, dizendo-lhe que, gostasse ou não, ele teria que ir para a escola e aprender a ler. Mas Segatashya tinha uma personalidade muito forte e estava determinado de que não precisava ser educado. Não importava quantas vezes seu pai pessoalmente o deixasse na escola (ou quantas vezes ele apanhasse por matar aulas), Segatashya

se recusava a passar um único dia em uma sala de aula. Finalmente, seus pais desistiram e colocaram-no para trabalhar no campo e como pastor de cabras por tempo integral, ocupações que se adequavam a Segatashya muito bem e nas quais ele trabalhava alegremente do nascer ao pôr do sol.

“Ele era um dos garotos mais felizes que você poderia ter sorte de conhecer”, disse-me sua irmã, Christine, quando eu a encontrei em uma viagem para Ruanda há não muito tempo.

Christine é um dos únicos dois membros da família de Segatashya que ainda estão vivos. Ela está com seus 40 anos agora e tem uma filha jovem. Elas vivem próximas a Kibeho e, apesar de eu ter batido em sua porta na condição de pessoa estranha, fui convidada a entrar em sua casa como se fosse um parente que há muito tempo não a visitava.

Christine tem muitas e muitas lembranças maravilhosas de Segatashya e estava extremamente feliz de poder abrir seu coração e compartilhá-las comigo. “Ele era o meu grande irmão; era apenas alguns anos mais velho que eu e estava sempre cuidando de mim”, disse ela. “Minha lembrança mais vívida dele na infância é do seu rosto doce – ele estava *sempre* sorrindo quando era menino. Ele era muito feliz; se você passasse apenas cinco minutos com ele, você poderia dizer que ele amava estar vivo.”

“Nossa família era terrivelmente pobre. Nós vivíamos em uma minúscula cabana de palha – meus pais e seus cinco filhos, às vezes meus avós, e até mesmo nossa vaca, viviam todos juntos naquela cabana. A construção tinha apenas um cômodo e todos nós ficávamos abarrotados lá dentro – era naquele cômodo que nós dormíamos, comíamos e levávamos nossa vida. Você não acreditaria no quão escuro e lotado aquilo podia ficar... Mas sempre que Segatashya entrava, tudo se iluminava. Ficar perto dele era como era como ficar perto de um pedacinho do sol. Tudo que ele fazia, ele fazia com grande alegria em seu

coração. Ele poderia estar cantando sozinho enquanto trabalhava nas plantações ou assoviando alguma melodia enquanto cuidava das cabras.”

“E ele era muito divertido. Lembro-me de um dia, quando eu tinha apenas quatro ou cinco anos, em que eu estava reclamando que a cabana estava muito quente e cheia para dormir... Eu disse que me sentia como se estivesse pegando fogo. Após eu finalmente ter conseguido dormir, acordei com um susto quando senti o frio repentino de um balde de água gelada sendo derramado em meu rosto – Segatashya tinha ido até o córrego e enchido um balde de água para me refrescar. Quando eu pulei da cama, ele disse: ‘Você pode relaxar agora, Christine, pois acho que já apaguei o seu fogo!’ Depois disso nós ficamos rindo até a barriga doer.”

Após rir discretamente um pouquinho, lembrando-se do episódio, Christine continuou a rememorar. “Segatashya também era um garoto muito sério e consciencioso. Ele era o filho mais velho e sentia grande responsabilidade para com o resto de nós. Apesar de não conseguir ficar trancafiado em uma sala de aula, ele fez com que nós, as crianças mais novas, tivéssemos alguma educação... Ele nos levava para a escola e se certificava de que permaneceríamos dentro da sala até a aula começar. Graças a ele, fui até a sétima série e aprendi a ler e escrever.”

“Segatashya também trabalhava mais pesado do que qualquer outra pessoa da família. Ele sentia que era seu dever cuidar de nós e garantir que todo mundo em casa tivesse o que comer. Houve um ano, acho que foi quando ele tinha 12 anos mais ou menos, em que perdemos nossa safra de grãos. Pois bem, meu irmão amava estar com a família mais do que qualquer outra coisa, mas ele não podia suportar a idéia de que qualquer um de nós pudesse passar fome. Assim, tão logo percebeu que nós não conseguiríamos colher a nossa safra, ele correu procurar trabalho e conseguiu emprego como pastor com um próspero fazendeiro que morava a vários quilômetros de distância.

Mas ele não tinha dito a nossos pais que iria para tão longe, provavelmente porque ele sabia que não o deixariam ir. E, por ele ter evaporado sem deixar qualquer vestígio, eles, após descobrirem que ele estava sumido, ficaram fora de si de tão preocupados.”

“Então, um belo dia, após várias semanas, alguém que trabalhava para aquele próspero fazendeiro deixou alguns sacos de arroz e feijão em nossa casa e disse-nos que aquela comida era o pagamento pelo trabalho de Segatashya. Papai foi direto para a fazenda e trouxe o garoto de volta. O fazendeiro disse a meu pai que odiava ter que ver Segatashya ir embora, pois ele nunca tinha visto um trabalhador tão empenhando quanto meu irmão. Ele acrescentou que Segatashya tinha rapidamente conquistado boa reputação por ser um empregado honesto, zeloso e de bom caráter.”

“Segatashya levou uma surra de meu pai por ter saído por aí sem permissão, mas ele sorria durante todo o tempo em que papai gritava com ele, pois estava muito feliz de ter voltado para a sua família. E no jantar daquela noite todos nós estávamos felizes – graças ao arroz e feijão proporcionados por Segatashya, todo mundo ficou com o estômago cheio pela primeira vez em muito tempo.”

“Mais tarde, naquela noite, Segatashya confessou para mim que foi dormir chorando todas as noites enquanto esteve fora. ‘Eu ficava com tanta saudade de casa quando ia deitar’, disse-me ele, ‘que pensava comigo: *Ryangombe, deus de Ruanda, se minha família não estivesse passando fome, eu voltaria para nossa cabana neste exato segundo e nunca deixaria meu lar outra vez!*’ Este é apenas um exemplo do quanto ele era amável e gentil; ele nasceu com um belo coração.”

Christine passou a me contar que, apesar de Segatashya ter sofrido muito com a solidão quando saiu de casa pela primeira vez, ele não hesitou em sair de novo no ano seguinte, quando a colheita da família se perdeu pela segunda vez e eles estavam passando fome.

“Em uma certa manhã, ele se levantou e viu que a tigela do café da manhã das crianças estava vazia. Ele pegou seu cajado e disse: ‘Estou indo arranjar algum dinheiro para a comida.’ Então saiu pela porta e se foi por mais dois meses. Mas, dentro de poucos dias, após a sua partida, ele já estava mandando dinheiro para casa, o que fez com que meus pais pudessem comprar comida para alimentar o resto de nós. No decorrer do tempo, descobrimos que Segatashya tinha organizado um grupo de garotos que trabalhavam em fazendas, e que, como ele, também estavam enfrentando tempos de dificuldades econômicas, e os conduziu para as margens de um dos rios mais rápidos e intensos do sul de Ruanda. Ele tinha ouvido falar que a única passarela que atravessava o rio tinha sido levada pela correnteza. Após pensar um momento, decidiu que iria ganhar algum dinheiro ajudando viajantes que não conseguiam atravessar as margens.”

“Segatashya e seus parceiros prenderam os braços e formaram uma corrente humana ao longo da correnteza. As pessoas poderiam se segurar neles, como se fosse uma corda de salvamento, enquanto atravessavam o rio carregando seus bens e pertences. Meu irmão era pequeno para a sua idade, mas ele era muito forte física e espiritualmente. Lidar com aquele rio traiçoeiro era difícil e perigoso, mas ele estava disposto a assumir riscos para alimentar os outros. As poucas moedas que ele tinha conseguido no rio terminaram na mesa de jantar da família, e tudo o que tinha sobrado foi usado para comprar sementes para a safra de feijão.”

“Quando era menino, Segatashya foi literalmente um salva-vidas... Talvez essa seja uma das razões pelas quais Jesus o escolheu para sair em uma missão destinada a salvar almas”, disse Christine, sorrindo.

Eu tenho ouvido pedaços sobre a história da primeira vez em que Jesus apareceu para Segatashya desde que era menina e até escrevi sobre esse episódio que transformou a vida dele em *Our Lady of Kibeho*. Mas, quando me

encontrei com Christine, percebi que estava tendo a oportunidade de ouvir uma versão da história inteiramente nova e maravilhosamente detalhada. Eu perguntei se ela poderia compartilhar sua versão comigo e ela não poderia ter ficado mais alegre por fazê-lo. Christine, então, me contou que viu seu irmão há apenas algumas horas depois dele ter se encontrado com Jesus. Seu relato do milagroso encontro me deixou atônita.

“O que eu mais me lembro daquela manhã”, recordava ela, “é que ela tinha começado como qualquer outra. Segatashya já tinha se levantado e ido para fora de casa por volta do nascer do sol, para alimentar a vaca e cuidar das cabras. Também me lembro do tom de voz ansioso de nossa mãe quando ela pediu a meu pai que lembrasse Segatashya de checar se os feijões que tínhamos plantado já estavam prontos para serem colhidos. Mamãe estava preocupada porque tivemos algumas safras ruins, uma seguida da outra. Era importante para nós ter uma boa colheita naquele ano. Fora isso, parecia um começo comum de um dia comum.”

“Mas aquela manhã de verão mudou a vida de nossa família para sempre – e, como você sabe, mudou os rumos da vida de Segatashya de formas inimagináveis. Quando voltou para casa na tarde daquele dia, ele me contou tudo o que tinha acontecido. E, obviamente, eu mesma estava lá quando ele chegou e pude vivenciar em primeira mão muito do que transcorreu na seqüência.”

“O dia era 2 de julho de 1982, uma manhã quente e ensolarada que prometia se transformar em um dia absolutamente adorável. Segatashya tinha terminado de alimentar as cabras e andava pelas colinas em direção à nossa plantação de feijão. Ele estava ajoelhado sobre a terra vermelha, examinando os brotos, quando notou algo bastante estranho. Os feijões não só pareciam maduros, como também pareciam ser, em suas palavras, ‘mais bonitos do que quaisquer outros feijões’ que ele já tinha visto. Normalmente, o solo de nosso campo era ruim e produzia apenas feijões anêmicos, fracos – e nós nos

considerávamos afortunados quando conseguíamos colher até mesmo esses! Por isso, Segatashya estava surpreso com o que ele tinha em mãos. Por um bom tempo ele ficou revirando o pequeno vegetal na palma de sua mão, completamente maravilhado com a sua forma rechonchuda, seu aspecto extremamente saudável e seu brilho dourado, que resplandecia.”

“Meu irmão pensou que os feijões estavam muito, muito bons para ser verdade e não acreditou no que seus olhos viam. Ele arrancou alguns do chão e foi até um campo próximo, para pedir a opinião de um fazendeiro vizinho. Após ter cumprimentado o homem, Segatashya estendeu-lhe os grãos para que ele os examinasse. ‘Acho que o brilho do sol hoje está incomodando meus olhos’, disse Segatashya, inocentemente. ‘Diga-me, você está notando alguma coisa de estranho ou diferente nesses feijões?’”

“Nosso vizinho sacudiu a cabeça e respondeu: ‘Não, eles parecem prontos para a colheita, mas eu não diria que há algo de especial neles.’”

“Segatashya agradeceu e saiu. Ele caminhou em direção ao rio para beber um pouco de água fresca e relaxar, achando que tinha tomado muito sol naquela manhã. Quando estava voltando para as nossas plantações, ele se sentiu extremamente cansado e sentou-se sob uma árvore para descansar. E, então, foi quando ele ouviu seu nome sendo chamado pela mais voz bonita que ele já tinha ouvido.”

Eu sorvia de um gole só cada uma das palavras de Christine. Afinal, até aquele momento eu nunca tinha ouvido um relato sobre o que aconteceu com Segatashya da perspectiva de um parente, alguém que era muito próximo a ele e o conhecia muito bem. Eu percebi a forma como ela, muitas vezes, fazia algumas pausas ao lembrar as memórias que tinha de seu irmão, parecendo ponderar sobre a alegria que ele trouxe para sua vida e sobre a tristeza que ela sofreu após perdê-lo. Ela enxugava lágrimas de alegria e tristeza, alternadamente.

À medida que sua história progredia, ela deu seu seio à sua filha mais nova, ainda bebê, para que mamasse. “Ninguém percebe, mas essa doce criancinha tem os mesmos olhos de Segatashya. Não é, docinho?”, murmurou ela para a criança, que já estava mamando.

Voltando à sua história, ela continuou: “Segatashya disse que a voz que ele ouviu chamando-o, enquanto estava sentado sob a árvore, era de um homem, mas que era uma voz muito mais amável e gentil do que a voz de qualquer outro homem que ele já tinha conhecido”. Em seguida, Christine contou-me o que Segatashya disse na época, usando as palavras dele:

A princípio, pensei que o calor do dia estava me dando alucinações... Eu estava vendo feijões incrivelmente belos e depois, repentinamente, estava ouvindo uma voz também incrivelmente bela... Eu olhei em volta para ver quem poderia estar me chamando tão docemente, mas não havia ninguém por perto. Eu imaginei que era apenas o vento soprando por entre os ramos da árvore e fechei meus olhos para tirar uma soneca. Mas, então, ouvi a voz outra vez, e ela disse: *Você aí, meu filho...* Rapidamente olhei em torno mais uma vez, mas ainda não conseguia ver ninguém.

Minha impressão era de que a voz estava vindo do céu bem acima de mim. Acho que era de se esperar que eu ficasse com medo, mas aquela voz era como música tocando em meu coração. Eu fui dominado por uma sensação de grande paz e me sentia tão feliz que tive vontade de cantar! E depois a voz se dirigiu a mim pela terceira vez, dizendo: *Você aí, meu filho... Se você receber uma mensagem para transmitir ao mundo, você irá transmiti-la?*

Eu me sentia como se não pudesse recusar, mas isso realmente não importava porque eu queria fazer qualquer coisa que essa doce e misteriosa voz me pedisse. Sem hesitar nem sequer por um momento, eu concordei em transmitir qualquer mensagem que ela me desse. Então eu disse: “Sim, eu farei o que você me pede, mas quem é você? Se as pessoas me perguntarem quem me enviou, o que eu direi a elas?”

Você sabe como os homens são – se eu disser o meu nome, talvez ninguém lhe dará ouvidos. Ouço os homens dizerem que, se alguém vier em nome de Jesus Cristo, não se deve confiar nele. Veja, eles podem não entender e não acreditar, se você revelar minha identidade.

Quando ouvi isso, eu disse àquela voz: “Se você é verdadeiramente Jesus Cristo, eles irão acreditar, contanto que você esteja disposto a ajudá-los a crer. De minha parte, eu farei o meu melhor, sob a condição de que você me dê o dom da sabedoria quando eu estiver pronunciando suas mensagens”.

Eu sou Jesus Cristo. Para você me provar que realmente será capaz de transmitir minha mensagem para as pessoas futuramente, eu quero que você vá agora mesmo e entregue esta mensagem para aqueles que estão trabalhando na casa do Sr. Hubert. Diga a eles isto, usando estas palavras: “Jesus Cristo mandou-me aqui hoje para dizer a vocês, e a todos os homens, que renovem seus corações. O dia em que as coisas ficarão realmente difíceis para a humanidade está chegando. Sendo assim, você não pode me dizer que eu não o alertei”.

Christine terminou de amamentar seu bebê e disse: “Segatashya fez o que Jesus pediu para ele fazer. Ele foi para a casa de nosso vizinho, Ngenzi Hubert, para transmitir a mensagem palavra por palavra. Quando chegou na fazenda de Hubert, Segatashya encontrou um grupo de homens trabalhando no celeiro. Eles estavam usando bastões para bater nas cascas de uma grande pilha de feijões secos. Meu irmão se aproximou das pessoas que estavam lá e, falando em voz alta, entregou-lhes a mensagem do Senhor. Os homens caíram na gargalhada porque, sem saber, Segatashya tinha perdido suas roupas de alguma forma e estava perante eles completamente nu.

“Alguns homens gritaram: ‘Quem você disse que o mandou, seu bunda-de-fora tolo?!’ Outros foram mais receptivos e perguntaram: ‘Foi Jesus Cristo que o enviou? Onde você o encontrou, moleque?’”

“Segatashya explicou como ele se encontrou com Jesus sob uma árvore, ou, pelo menos, como ele se encontrou com a voz do Senhor. Depois disse àquelas pessoas: “Tudo o que eu posso lhes dizer é que ouvi sua voz e que a mensagem que ele me confiou é boa e importante. Ouvi-lo me deu uma sensação de paz. Não foi nada difícil, na verdade – ele apenas pediu para eu transmitir as suas palavras a vocês, e, sendo assim, eu corri até aqui para transmiti-las.”

“Meu irmão ficou verdadeiramente chocado quando os homens avisaram que ele estava nu. Ele pensou que estava totalmente vestido e quando percebeu que suas roupas tinham sumido ficou sem resposta. Ele gritou para o céu: ‘Jesus, por que você me deixou nu? Esses homens agora riem de mim – quem sou para me dirigir a eles assim?’ Então, ele ouviu a voz do Senhor mais uma vez:

O Filho do Homem veio ao mundo há muito tempo, antes mesmo de você existir, e eles tiraram sua roupa e o deixaram nu. Você acha que Ele não subiu ao Céu? Saiba que foi Ele que acabou de realizar esse milagre aqui hoje.

“Alguns daqueles homens, aos quais Segatashya tinha ido entregar a mensagem, pararam de rir neste ponto e acusaram meu irmão de blasfêmia. Eles o rodearam e o ameaçaram com seus bastões. Felizmente, alguns dos trabalhadores que estavam no pátio o reconheceram e um jovem correu buscar meu pai e meus tios, para que socorressem Segatashya, enquanto uma mulher idosa, que conhecia minha mãe, pegou um cobertor e o cobriu.”

“Enquanto a mulher envolvia Segatashya com o pano, ela sussurrou para ele: ‘Filho, onde você disse que encontrou Jesus?’ Segatashya disse novamente que não tinha encontrado Jesus em pessoa, mas que tinha apenas ouvido a sua voz, a qual lhe tinha dito que fosse à fazenda de Hubert e dissesse às pessoas que estavam lá que purificassem seus corações porque o retorno de Cristo está muito próximo.”

“A mulher amarrou o pano em volta da cintura de Segatashya e deu-lhe alguns conselhos carinhosos, próprios de uma mãe. ‘Você não pode esperar que essas pessoas acreditem que você tem uma mensagem de Jesus quando você está andando por aí pelado! Mas você é um garoto tão inocente e honesto que alguns de nós aqui acreditam que você realmente veio com uma mensagem de Deus. Nós queremos ouvir suas palavras, mas, para muitos desses homens, vê-lo pelado os deixa irritados e surdos a tudo que você diz.’”

“Segatashya me contou depois que foi naquele momento que Jesus apareceu para ele e que foi quando ele viu o Senhor em forma de corpo humano pela primeira vez.” Mais uma vez, Christine voltou a narrar a história na voz de seu irmão:

Eu tinha acabado de entregar a mensagem do Senhor para as pessoas na fazenda de Hubert quando sua voz doce-mente me disse que ele estava contente com a forma como eu a tinha entregue. Ela disse: *Obrigado por hoje. Você fez bem entregando essa mensagem, meu filho. Agora, olhe para cima e contemple aquele que tem falado com você.*

Olhei para o alto e repentinamente o céu azul bem acima de mim se partiu ao meio, como se fosse um pedaço de pano sendo rasgado em dois. Uma luz deslumbrante preencheu todo o centro do céu. Era uma luz tão ofuscante que tudo o mais em volta de mim desapareceu num piscar de olhos – as pessoas, a fazenda, as colinas e árvores, tudo desapareceu.

O mais estranho é que eu ainda conseguia ver, mas o que eu estava vendo era desconhecido e estranho aos meus olhos. Eu estava em um mundo totalmente novo e diferente. Eu estava inteiramente sozinho em um vasto mar de relva, de uma cor verde vibrante e um cheiro maravilhoso. A luz acima de mim ficou ainda mais brilhante e o céu se encheu com um milhão de flores brancas reluzentes, que eram muito mais bonitas do que você pode imaginar.

Um pouco depois, Jesus apareceu nos céus, em pé no meio das flores. Ele estava banhado por uma luz vivíssima que o rodeava e brilhava a partir do interior do seu corpo. Ele estava pairando sobre mim, amparado pela beleza da magnífica luz branca e das gloriosas flores que agora cintilavam como estrelas. Ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto. Parecia que ele estava nos seus 30 anos e tinha um tom de pele escuro, mas não tão escuro quanto a pele de um ruandês. Ele estava vestido com uma tradicional túnica ruandesa masculina, o tecido brilhando como se fosse costurado com prata e ouro. Eu me sentia como se tivesse sido envolvido por braços amorosos por todo o tempo em que estive contemplando o alto. Minha alma estava em paz e meu coração mais alegre do que nunca.

Depois, Jesus sorriu para mim e perguntou: *Destes uma boa e longa olhada naquele que o enviou?* Eu o chamei por “Senhor” e disse-lhe que, sim, eu tinha dado uma boa olhada. Ele disse: *Você se saiu muito bem hoje, meu filho, e fez um*

bom trabalho entregando minha mensagem a esses homens. Agora, vá e ponha em prática você também aquilo que eu lhe pedi para falar. Se você continuar se saindo bem, eu irei vê-lo novamente muito em breve.

Após uma pausa para que eu pudesse assimilar tudo isso, Christine continuou, voltando a usar suas próprias palavras novamente. “Quando a mente de Segatashya foi trazida de volta para este mundo, ele estava bem no meio do pátio do Sr. Hubert. Enquanto ele estava em seu transe, muitos dos homens da fazenda o rodearam. Alguns ficaram enormemente irritados e balançavam seus bastões para ele, como que ameaçando espancá-lo violentamente.”

“Felizmente, foi quando meu pai e meus tios chegaram e protegeram Segatashya daqueles homens. Meu pai deu ordem para que não encostassem nem um dedo em seu filho, e, em seguida, exigiu saber o que tinha acontecido. Segatashya contou a meu pai que Jesus o tinha instruído a ir à fazenda de Hubert para dizer aos trabalhadores que preparassem suas almas porque o fim do mundo estava chegando.”

“Aquilo irritou novamente aqueles homens. Eles disseram: ‘Está vendo, está vendo? Seu filho é louco... Ele está bêbado, bêbado de cerveja de banana.¹⁸ Ele é um mentiroso... Ele está fingindo ser como uma daquelas estudantes visionárias de Kibeho, mas é apenas um bêbado mentiroso!’”

“Papai foi em defesa de Segatashya imediatamente. ‘O que há de errado com vocês, homens? Meu filho é apenas uma criança! Ele nunca ficou bêbado em toda sua vida e certamente não é louco, nem mentiroso! Ele é um bom garoto... Ele apenas esteve debaixo do sol por muito tempo ou caiu e bateu a cabeça. Em vez de ficar aqui em volta dele insultando-o, vocês deviam tê-lo ajudado! Vocês deviam se envergonhar de si mesmos!’”

¹⁸A cerveja de banana é um dos produtos típicos da África, mais especificamente de Uganda, e fonte de renda principal de algumas cidades africanas – NT.

“Dito isso, papai pegou Segatashya em seus braços e foi em direção às plantações, carregando-o de volta para casa. Por todo o tempo em que papai o esteve carregando, meu irmão estava pensando nas últimas palavras que Cristo lhe dissera naquela primeira aparição: *Agora vá e ponha em prática você também aquilo que eu lhe pedi para falar. Se você continuar se saindo bem, eu irei vê-lo novamente muito em breve.*”

“Segatashya me contou que o sentimento que ele experimentou quando estava com Jesus era de um contentamento indescritível, que naqueles momentos ele não se preocupava com mais nada, nem com suas plantações, nem com seu lar, nem mesmo com sua família. Tudo que ele queria era estar com Jesus e nunca mais voltar. Jesus tinha prometido voltar se Segatashya continuasse entregando sua mensagem de forma satisfatória. Por isso, meu irmão jurou praticar e espalhar a mensagem para que Cristo fosse visitá-lo outra vez.”

“Antes mesmo de meu pai e meus tios terem trazido Segatashya de volta para casa, ele já estava repetindo a mensagem do Senhor. Ele disse ao nosso pai e tios que eles deviam purificar seus corações porque Jesus ia retornar em breve e todo mundo devia estar preparado.”

“Meu irmão estava repetindo a mensagem muitas e muitas vezes quando papai o carregou para dentro de nossa cabana e o colocou em sua esteira de dormir. Mãe se apressou em direção a Segatashya e colocou suas mãos nas bochechas dele – ela viu que ele estava delirando, mas ficou confusa porque ele não estava com febre e não tinha nenhum sinal de machucado na cabeça. Ela nos mandou a nós, os menores, buscarmos baldes de água gelada no córrego e passou o resto daquele dia e a noite inteira ao lado de Segatashya, molhando-o com esponjas e colocando compressas de água em sua testa. Saíam lágrimas de seus olhos enquanto a situação dele não melhorava. Mamãe temia que alguma pessoa vingativa tivesse envenenado seu filho mais velho, ou, pior, que Segatashya

tivesse, de algum modo, ofendido alguma bruxa local, a qual poderia ter usado magia negra para lançar um feitiço nele.”

“Enquanto isso, pessoas da fazenda de Hubert começaram a fofocar sobre o garoto pelado que afirmava ser mensageiro de Deus. Por volta do nascer do sol no dia seguinte, umas duas dezenas de pessoas tinham se juntado em volta de nossa cabana e pediam para ver o garoto que tinha conhecido Jesus. Alguns estavam praguejando contra ele e toda nossa família, chamando-nos de pagãos idólatras, dizendo que estávamos insultando Jesus... Mas outros queriam ouvir o que o Senhor tinha dito a Segatashya. Meus outros irmãos e eu estávamos completamente confusos – nós não sabíamos quem era Jesus e o porquê das pessoas estarem tão bravas com Segatashya, que era o garoto mais agradável do mundo.”

“Eu me lembro de meu pai, que ficou muito enternecido e preocupado com a saúde de Segatashya, saindo enfurecido de nossa cabana e gritando com as pessoas que estavam fora para que elas se retirassem dali. ‘Meu filho está doente, por que vocês ficam nos incomodando? Saíam de perto de nossa casa – todo esse barulho está deixando minhas cabras nervosas, saíam daqui antes que vocês façam elas fugir. Nós somos trabalhadores pobres, não podemos comprar animas novos! Deixem-nos em paz!’”

“Depois, papai voltou para dentro da cabana e começou a gritar com Segatashya. ‘O que há de errado com você? Por que você está falando todas essas coisas sem sentido? Você não está doente, você não bateu a cabeça... Você está perfeitamente são e saudável! Então por que você fica aí sentado balbuciando coisas sobre alguém chamado Jesus, quando deveria estar colhendo feijões antes que eles comecem a apodrecer no chão? Nós nem sequer sabemos quem é este tal de Jesus!’”

“Mais pessoas se juntavam do lado de fora, dezenas e dezenas de pessoas, e Segatashya se levantou de sua esteira e saiu para o nosso jardim em frente de casa para ir

ao encontro delas. Imediatamente, ele caiu de joelhos no chão lamacento e entrou em outro estado de transe. Eu acho que era o início da segunda aparição de Cristo para ele, mas eu não pude ver muita coisa. Papai me levou para dentro de casa e fechou a porta com força, dizendo: 'Esse garoto está fazendo gracinhas. Ele pode ficar fora de casa para sempre, no que depender de mim. Veja bem aqueles lunáticos chegando para ver ele! Metade do povoado está lá fora agora... Eu não quero nenhum de vocês prestando atenção nele quando ele estiver assim!'"

"Minha mãe estava desvairada. Ela tentou sair para ter certeza de que seu filho estava bem, mas papai não deixou. Eu não sei por quanto tempo ficamos sentados no escuro naquele dia de verão esperando que Segatashya terminasse seja lá o que ele estivesse fazendo lá fora. Mas, quando ele finalmente abriu a porta e entrou, ele estava sorridente e muito sereno. Papai começou a interrogá-lo na mesma hora. 'Quem é ele? Quem é esse Jesus que tomou conta do seu cérebro? Ele é algum tipo de novo deus espiritual que eu nunca ouvi falar ou é algum tipo de curandeiro? Quem é ele?! Responda já, garoto!'"

"E, então, pela primeira vez, Segatashya tentou explicar para nossa família quem era Jesus exatamente:"

Tudo que eu posso lhes dizer agora é que Jesus veio me ver e que ele vive em um Paraíso além deste mundo. Ele é um ser muito melhor do qualquer outro ser humano que eu já conheci ou vou conhecer. Seu poder é magnífico e tremendo, mas assim é o poder do amor. Ele ama todas as pessoas do mundo com uma força maior do que o calor do sol. Seu amor é mais potente do que a força de mil cachoeiras. Ele criou esse mundo e tudo o que está nele, incluindo todas as pessoas de todos os lugares.

Ele me contou que o mundo irá acabar em fogo e que ele retornará ao mundo para levar consigo todos os que vivem com o coração puro e o amam, para que subam ao Paraíso e vivam com ele para sempre. Mas nossos corações devem estar puros quando ele retornar; nós devemos viver como ele viveu quando esteve na Terra, há muito tempo. Ele é o mais honrável dos homens e o espírito mais puro do universo. Nós devemos respeitá-lo, reverenciá-lo e amá-lo com todo o nosso

coração e alma. Nós devemos fazer o que ele nos pede sem questionar, e agora eu devo compartilhar a mensagem que ele me deu com aqueles que vieram até nossa cabana procurando por suas palavras.

“Após dizer isso, Segatashya levantou-se de sua esteira e foi para fora ao encontro das duas ou três pessoas que ainda estavam na frente de nossa cabana. Ele disse a elas: ‘Haverá muito sofrimento no mundo nos dias que virão. Muitas lágrimas irão rolar se as pessoas de todo o mundo não levarem vidas puras e não transformarem seus corações e começarem a amar verdadeiramente a Jesus e uns aos outros. Todos vocês devem renovar seus corações e se prepararem para encontrar Jesus quando ele retornar’.”

“Meu pai estava furioso. Ele correu para fora e grudou nas orelhas de Segatashya e o arrastou de volta para dentro de nossa cabana. Ele o surrou com muita força e durante um bom tempo, mas meu irmão não reclamava. Em vez disso, ele apenas perguntava a papai se ele o deixaria sair para transmitir a mensagem do Senhor para as pessoas do mundo. Isso só fazia crescer a fúria de meu pai ainda mais. ‘Você não vai a lugar nenhum e não vai falar com ninguém!’, gritou papai. Ele pegou uma corda e amarrou as mãos e pés de Segatashya. ‘Eu vou te soltar quando você concordar em parar de falar abobrinha e voltar ao trabalho nas plantações. Até lá, você vai ficar bem aí onde está!’”

“Mas, na manhã seguinte, quando acordamos, vimos que as amarras de Segatashya estavam desfeitas e que ele estava lá fora, em nosso jardim, novamente. Estava de joelhos e olhando para o Céu. Ele estava muito feliz e satisfeito, com um enorme sorriso no rosto e acenando com a cabeça, como se estivesse concordando com o que alguém estava lhe dizendo. Dezenas de pessoas pararam para olhá-lo com um silêncio maravilhado e muitas outras chegavam a cada minuto. Eu não sabia disso naquela hora, mas naquele exato momento Jesus estava conversando com Segatashya. Era 4 de julho de 1982 e meu irmão estava vendo outra aparição. Felizmente, papai tinha

saído para colher nosso feijão, senão ele teria dado uma surra em Segatashya naquela hora e lá mesmo, não importasse com quem ele estivesse conversando!”

“Pareceu que se passaram muitas horas... Segatashya estava dizendo coisas que eu não conseguia compreender naqueles dias, mas depois aprendi que eram orações e coisas da Bíblia que Jesus estava lhe ensinando. Em algum momento naquela tarde, ele finalmente se levantou e começou a pregar para a multidão que tinha se reunido. Eram, pelo menos, 400 ou 500 pessoas, todas com os olhos colados em meu irmão. O que ele falou para elas foi o seguinte:”

Jesus está dizendo isto a vocês: *Que cada um de vocês procure a minha verdade e siga o caminho que tracei na Bíblia para toda a humanidade. Que cada homem e mulher seja fiel a cada palavra que eu falei. Que todos os que sabem que eu caminhei um dia sobre esta Terra estejam cientes de que retornarei a este mundo, e que todos terão de prestar contas a mim, para que eu os julgue a fim de saber se viveram suas vidas de acordo com minhas palavras, pois minhas palavras são tesouro celestial. Todos os que buscam por prazeres mundanos em vez da verdade de minhas palavras estão pondo em risco suas almas eternas. Vejam minhas palavras em Mateus 24,35 – Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão.¹⁹ E leiam minhas palavras que foram registradas na Bíblia, para vocês terem certeza de que tudo o que eu digo lá é verdadeiro e que certamente acontecerá.²⁰*

Christine sorriu ao se lembrar. “Minha irmã, meus irmãos e minha mãe estavam chocados de ouvir o nosso tímido Segatashya falar tão confiantemente e com tanta

¹⁹Retirada da “Bíblia de Jerusalém – Nova edição, revista e ampliada”, 4ª impressão, 2006, Ed. Paulus.

²⁰“A *Sagrada Escritura* é a Palavra de Deus enquanto redigida sob a moção do Espírito Santo”. “Quanto à *Sagrada Tradição*, ela ‘transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos para que, sob a luz do Espírito de verdade, eles, por sua pregação, fielmente a conservem, exponham e difundam. Daí resulta que a Igreja, à qual estão confiadas a transmissão e a interpretação da Revelação, “não deriva a sua certeza a respeito de tudo o que foi revelado somente da Sagrada Escritura. Por isso, ambas devem ser aceitas e veneradas com igual sentimento de piedade e reverência” (CIC, § 81-82).

autoridade para tantas pessoas – incluindo muitas pessoas muito estudadas, padres e ministros. Nós prestamos atenção em cada palavra que ele disse, mas falhamos completamente em tentar entender de onde ele tinha tirado tantas informações. Segatashya não sabia ler absolutamente nada, nunca tinha entrado em uma igreja e nunca tinha visto uma Bíblia. Naquele momento de sua vida ele nem sequer sabia o que era uma Bíblia. E, contudo, lá estava ele fazendo citações da Bíblia... E mais tarde fomos informados de que as palavras que ele tinha citado eram exatamente as palavras do Novo Testamento, ou eram, ao menos, paráfrases bastante aproximadas.”

“Depois que falou com as pessoas, ele entrou em nossa cabana e nos deu adeus. Ele explicou: ‘Jesus disse-me que devo ir a Kibeho, onde as estudantes visionárias estão falando com sua mãe. Ele disse que eu devo ir até lá para receber mais mensagens dele. Estou indo embora agora e vou voltar quando Jesus me falar para voltar.’”

“Segatashya partiu para Kibeho e não muito tempo depois ele começou a falar com Jesus no palco onde as três visionárias estavam vendo a Virgem Maria. Tão logo isso aconteceu, ele se tornou famoso por todo o país. Milhares de pessoas vieram até nossa casa para ouvi-lo falar com o Senhor e para perguntar como era Jesus ou o que as mensagens significavam.”

“Você não acreditaria no pandemônio que se criou depois que meu irmão se tornou conhecido em Kibeho. Nossas plantações foram pisoteadas pelas multidões e algumas pessoas derrubaram nossas cercas enquanto tentavam chegar mais perto dele. Eles quase destruíram nossa cabana procurando por alguma recordação que pudessem levar consigo. Eu me lembro de um homem enchendo seus bolsos com pedras de nosso quintal, um garoto que pegou uma das velhas camisetas de Segatashya em nosso varal e uma mulher que arrancou uma batata de nossa horta como se isso fosse algum tipo de relíquia santa. Enquanto a maior parte de nossos ‘visitantes’ era

piadosa e realmente interessada em ouvir a mensagem de Cristo, alguns eram agressivos e continuavam a insultar Segatashya e o resto de nossa família sempre que entrávamos ou saíamos de nossa cabana.”

“Aquela situação era muito difícil para meu pai, que não sabia lidar com todas aquelas pessoas e sentia que não conseguia mais proteger sua família. Também foi muito difícil para ele perder o seu filho, que sempre tinha sido um bom trabalhador. Segatashya ainda realizava suas tarefas, mas, quando Jesus falava para ele ir a Kibeho para compartilhar uma mensagem, ele partia no mesmo instante. Acontecia também de ele estar trabalhando na plantação e alguma pessoa ir lhe perguntar algo a respeito das mensagens. Ele largava tudo e conversava com a pessoa por horas para ter certeza de que ela entendeu completamente as palavras do Senhor.”

“Segatashya prometeu que ajudaria tanto quanto pudesse nas plantações e com as cabras, mas Jesus tinha dito a ele que a obra de sua vida era espalhar a palavra de Deus. O Senhor disse a Segatashya que ele devia conservar sua força e dedicar todo o seu ser a espalhar as mensagens que estavam sendo entregues, pois essas mensagens deviam ser levadas ao mundo todo. ‘Levar as mensagens de Jesus para o mundo inteiro é o principal objetivo de minha vida agora. Tudo o mais ficará em segundo plano. O Senhor deve vir sempre em primeiro lugar’, nos disse ele.”

“Jesus enviou Segatashya em missões para outras regiões, com o objetivo pregar as mensagens do Céu. Por causa disso, havia longos períodos de tempo em que ficávamos sem vê-lo, nem por um pequeno momento que fosse. Hordas de pessoas continuavam a aparecer em nossa casa todos os dias esperando captar ao menos um vislumbre dele. Eles batiam em nossa porta a qualquer hora exigindo falar com Segatashya e havia sempre duas ou três centenas acampadas em volta de nossa cabana. O tormento ficou insuportável para nós e meu pai decidiu

se mudar com toda a família para o mais longe de Kibeho que nos fosse possível. Mas meu irmão se recusou a se mudar conosco – ele queria estar sempre perto de Kibeho e da plantação onde Jesus falou pela primeira vez com ele.”

“À medida que o tempo passava, nós entendemos o quanto a missão de Segatashya era séria. Íamos a Kibeho para ouvi-lo quando ele tinha alguma visão. E, quando estava em casa conosco, ele pedia para que nos juntássemos a ele em oração pela manhã, ao meio-dia e à noite. Ele falava constantemente sobre as mensagens de Jesus, mesmo quando estava dormindo. As mensagens se tornaram parte de quem ele era. Se ele não estava rezando ou espalhando as mensagens, ele entoava canções que o Senhor tinha ensinado a ele.”

“Eu me lembro de uma em especial que ele cantava muito e que eu ainda canto para minha filha hoje em dia”:

Eu lhe dou uma nova lei, para que ameis

Uns aos outros como vos tenho amado.

Deus querido, eu escolhi segui-lo

E irei louvá-lo por toda minha vida.

Abençoado é aquele que não faz

Companhia aos pecadores,

Abençoado é aquele que não faz

Companhia aos escarnecedores.

Eu lhe dou uma nova lei, para que ameis

Uns aos outros como vos tenho amado.

Deus querido, eu escolhi segui-lo

E irei louvá-lo por toda minha vida.

“Quando Segatashya estava em casa, ele constantemente nos lembrava que devíamos parar de trabalhar tantas vezes ao dia e começarmos a pensar em nossas almas e em nossa vida eterna. Ele nos disse que nada era mais importante e que devíamos achar algum tempo para cuidar disso. Se reclamávamos que não tínhamos tempo para rezar porque tínhamos que trabalhar para ter dinheiro e comida, ele nos censurava, dizendo: ‘Não sejam tentados

pelos tesouros deste mundo. Tudo isso irá acabar e tudo o que está na Terra irá perecer... Sejam felizes com o que vocês já possuem e sejam gratos ao tempo que têm para rezar e se tornarem pessoas melhores’.”

“Com o passar do tempo, nós passamos a acreditar no que Segatashya tinha nos falado e vimos os bons frutos de todas as orações e a sabedoria contida nas mensagens. Ele foi batizado menos de um ano depois de ter visto a primeira aparição de Jesus e todo mundo na família o seguiu. Todos nós fomos batizados na fé católica.”

“Eu sempre me lembro de ficar pensando, quando era garota, que meu irmão converteu os corações de nossa família a Jesus e depois saiu para converter os corações do mundo inteiro”, disse Christine, com os olhos repletos de amor.



CAPÍTULO 5

PROCURANDO SEGATASHYA

Após a publicação de *Left to Tell*, eu fui abençoada com centenas de convites de grupos ao redor do mundo que pediam para que eu os visitasse e compartilhasse com eles a minha história – a história de encontrar Deus em meio a um genocídio e aprender através do seu amor a perdoar as pessoas que assassinaram minha família em 1994.

Minha alma cantou com alegria ao saber que meu livro tinha tocado os corações das pessoas e que muitos estavam ansiosos em praticar e receber perdão. E, é claro, eu estava (e sempre estarei) muito feliz em ir a qualquer lugar para falar sobre a graça regeneradora do amor e do perdão de Deus.

Minhas conferências me levaram a todos os lugares do mundo. Eu descobri que, aonde quer que eu fosse, os costumes e as línguas podiam ser diferentes, mas as pessoas que vinham ouvir minha história tinham sempre ao menos uma coisa em comum: corações abertos a receber minha mensagem de que a maior e mais excelente força redentora no universo é o poder do amor e do perdão de Deus.

E qual expressão do amor de Deus poderia ser melhor do que as mensagens que Maria e Jesus levaram a Kibeho? Que expressão do poder redentor do amor de Cristo poderia ser melhor do que as mensagens entregues por Segatashya, que nos asseguram a vida eterna no Paraíso se nossos corações realmente aceitarem o amor de Deus?

Embora houvesse apenas pequenas menções a Kibeho em meus dois primeiros livros, frequentemente as pessoas me pediam, durante meus pronunciamentos públicos, para que falasse sobre as três estudantes visionárias que já foram aprovadas pelo Vaticano. Claro, eu amo conversar sobre Kibeho e sempre que possível abordava o visionário “não-oficial”, o garoto pagão que conheceu Jesus – meu favorito, Segatashya. E eu poderia falar muito

carinhosamente sobre ele e sua extraordinária relação com o Senhor.

Quando as pessoas me abordavam após uma de minhas palestras, muitas vezes a primeira coisa sobre a qual me perguntavam era a respeito de Segatashya. Isso aconteceu centenas de vezes, do Japão à Islândia. Meu coração sempre acelerava quando alguém me perguntava sobre Kibeho e o meu querido Segatashya – e eu estava sendo questionada a respeito deles com tanta frequência que eu tinha certeza de que meu coração ia acabar pulando para fora.

As pessoas tinham tanto interesse em Kibeho que eu decidi escrever um livro para apresentar os visionários ao mundo, e, por isso, comecei a trabalhar em *Our Lady of Kibeho*. Mas, antes de começar a escrevê-lo, eu queria fazer outra peregrinação e reunir o máximo de informações sobre as visionárias e suas mensagens quanto fosse humanamente possível.

Quando senti para planejar minha viagem, eu comecei a pensar em todas as pessoas que tinha encontrado e que estavam tão curiosas a respeito de Segatashya. Eu queria poder levar todas elas a Ruanda comigo e deixá-las experimentarem por conta própria como era estar em Kibeho e ir aos lugares onde os visionários estavam quando a Virgem Maria e Jesus apareceram para eles. E depois eu pensei: *Por que não posso levar todos eles a Ruanda comigo?* É claro que eu não poderia levar a todos... Eu precisaria do meu próprio avião Jumbo para fazer isso. Mas não havia razão para que eu não pudesse levar ao menos alguns deles comigo.

Imediatamente chamei uma amiga que era muito boa em trabalhar com toda a logística de planejamento de grandes viagens e perguntei-lhe o que era possível fazer. Ela sugeriu não mais que uma dúzia de pessoas para o que ela previu ser a primeira de muitas peregrinações no sentido América-Kibeho que eu iria liderar. Nós enviamos alguns convites e a resposta foi imediata e impressionante.

Rapidamente reunimos 12 peregrinos americanos curiosos a respeito de Kibeho, comprometidos com a jornada e com vãos já reservados para Kigali.

Eu tive que rir da ironia da situação, lembrando-me de como meus pais me proibiam de me juntar às peregrinações do Padre Rwagema a Kibeho. E agora eu estava liderando um grupo de peregrinos com destino ao mesmo lugar! Novamente outro dos misteriosos caminhos pelos quais se move o Senhor... Meus pais devem estar sorrindo lá no Céu.

A excitação estampada nos rostos cansados daqueles primeiros peregrinos americanos enquanto desembarcávamos no Aeroporto Internacional de Kigali está gravada em minha memória. A exaustão que cada um deles sentia era superada pela alegria de completar a primeira fase de nossa peregrinação.

Eu ria quando um dos peregrinos me perguntava se Segatashya já tinha voado para além daquele aeroporto. Apesar do aeroporto de Kigali ser minúsculo, era divertido imaginar aquele garoto pagão, de pés descalços, subindo a bordo de um avião comercial. Mas, quando eu parei para responder à questão, eu percebi que simplesmente não sabia se Segatashya já tinha entrado em um avião ou não. Na verdade, ocorreu-me que, apesar de eu conhecer a sua voz tão bem quanto a de meus irmãos e ter memorizado muitas das suas mensagens, eu não sabia quase nada a respeito dele.

Naquela altura, tudo o que eu sabia sobre Segatashya era uma coisa ou outra a respeito do seu contexto familiar, o fato de que suas aparições públicas começaram em 2 de julho de 1982 e terminaram exatamente um ano depois, alguns detalhes sobre suas viagens locais e que ele tinha trabalhado por algum tempo na Universidade Nacional (onde eu o encontrei brevemente) antes do genocídio. Eu estava muito pouco informada para alguém que estava planejando escrever um livro que iria apresentá-lo de forma tão proeminente.

Eu já cheguei a possuir pilhas de fitas com Segatashya falando e um montão de cadernos nos quais eu tinha transcrito muitas de suas conversas com Cristo, bem como as recordações do Padre Rwagama, que tinha entrevistado o jovem visionário inúmeras vezes. Mas todo esse material foi perdido durante o genocídio, quando os assassinos que mataram minha família queimaram nossa casa inteira, junto com tudo que era meu. E, para piorar, eu era capaz de pensar em apenas algumas poucas pessoas que tinham sobrevivido ao massacre e que conhecera o jovem visionário pessoalmente.

Enquanto pegávamos nossa bagagem, eu fiz uma pequena oração à Virgem Maria, pedindo à minha abençoada e amada Mãe que me guiasse até alguém que tivesse conhecido Segatashya bem, para que, assim, eu pudesse compartilhar aquelas preciosas informações com o mundo. Dentro de uma hora após deixarmos o aeroporto, a Santíssima Virgem respondeu minha oração.

Com a assistência da minha amiga que me ajudou a planejar a peregrinação, um microônibus foi contratado para pegar nosso grupo no aeroporto e nos transportar até nossos alojamentos temporários nos arredores de Kigali. Eu decidi que o grupo de peregrinos poderia ter uns dois dias de descanso e oração para se recuperar do vôo dos Estados Unidos e se acostumar com a África, que eles estavam conhecendo pela primeira vez. Também suspeitei que os viajantes apreciariam uma pausa em nossa viagem quando percebessem que o giro até Kibeho, que duraria entre seis e oito horas de viagem, seria na maior parte do tempo por estradas montanhosas constituídas de contínuas curvas fechadas, que seria, então, seguido por uma corrida de quase 50 quilômetros ao longo de uma velha e vertiginosa estrada de chão de 200 anos repleta de buracos com proporções bíblicas do princípio ao fim.

“Apenas relaxem e curtam a paisagem aqui antes de irmos a Kibeho”, anunciei pelo sistema de som do ônibus, no momento em que entrávamos no pátio da Foyer

de Charité, um bonito retiro católico para o qual fomos convidados a ficar enquanto permanecêssemos em Kigali. Fundada na França durante a década de 1930, a Foyer de Charité é uma ordem religiosa que rapidamente se ramificou e criou raízes ao redor do mundo. Hoje eles oferecem casas de repouso em muitos países para milhares de viajantes e peregrinos que estão em busca de um calmo e pacífico refúgio para reflexão espiritual e recarregamento das energias.

O centro contemplativo da Foyer Charité nos arredores de Kigali oferece uma visão totalmente livre e de tirar o fôlego das milhares de colinas que pontuam a paisagem ruandesa. Eu assistia com orgulho enquanto os peregrinos pulavam para fora do ônibus e se inebriavam com a beleza da minha terra natal. “Posso ver por que Jesus e Maria quiseram vir para Ruanda”, disse um dos meus amigos americanos, todo efusivo. “Realmente se parece com o Paraíso – como o Céu na terra.”

Após nos ajeitarmos em nossos quartos, fomos cumprimentados pelo diretor da Foyer Charité, que era não só o nosso anfitrião, mas também um homem com o qual eu estava muito bem familiarizada e que sempre tinha esperado conhecer. Seu nome era Monsenhor Félicien Mubiligi, embora ele se referisse a si próprio humildemente como um simples pároco e pedisse aos peregrinos que o chamassem apenas de Padre Félicien. Eu não tinha a menor idéia de que o Padre Félicien, um homem verdadeiramente gentil e sacerdote realmente repleto de compaixão, estava conduzindo aquele retiro... Mas nada poderia ter me deixado mais feliz.

O Padre Félicien desempenhou um papel importante no reconhecimento oficial, por parte do Vaticano, das três estudantes visionárias de Kibeho – Alphonsine, Anathalie e Marie-Claire. E eu acho que o seu trabalho (o Padre Félicien já faleceu) um dia será muito influente para a Igreja no sentido de dar reconhecimento oficial às mensagens e aparições recebidas por Segatashya. Veja só, o Padre

Félicien estudou e analisou cuidadosamente o conteúdo religioso de cada uma de todas as aparições vistas por Segatashya.

O envolvimento do Padre Félicien com Kibeho começou em 1982, quando o Bispo de Butare, Jean-Baptiste Gahamanyi, ficou pessoalmente convencido de que as aparições que Alphonsine, Anathalie e Marie-Claire estavam vendo eram autênticos milagres. Sem fazer um pronunciamento oficial a respeito da validade dessas visões, o Bispo Gahamanyi preparou-se para provar a verdade (ou a falsidade) das aparições organizando uma equipe formada por membros proeminentes das comunidades médicas e teológicas de Ruanda, para que estudassem os visionários e o conteúdo de suas visões.

O Bispo Gahamanyi escolheu a dedo os *experts* que ele queria que formassem o time de “Detetives de Milagres” que foi despachado rumo a Kibeho para examinar as aparições. Ele estava ciente de que as aparições poderiam continuar por anos e que os investigadores poderiam enfrentar sérios perigos (lembre-se de que, onde quer que o bom trabalho do Senhor esteja sendo feito, Satanás lá estará também, tentando cobrir com trevas a luz de Deus!). Sendo assim, ele precisava de pessoas fortes e dedicadas que estivessem dispostas a pôr em teste sua fé e a se comprometer por anos de trabalho extremamente penoso e estudo rigoroso.

Quando o Bispo sentiu que finalmente tinha ao seu lado as mais bem treinadas mentes do país, os membros foram divididos em duas unidades investigativas distintas: o time teológico e o time médico-psiquiátrico. Por fim, os dois times se tornaram conhecidos como a entidade única que mencionei anteriormente: a Comissão de Inquérito. Depois que a Comissão começou a estudar os visionários, o Bispo Gahamanyi aprovou Kibeho como lugar de devoção pública em Ruanda. Ele aprovou também recursos para a construção de um amplo palco no qual os visionários poderiam ficar enquanto se comunicavam com o Céu,

bem como para a instalação de um moderno sistema de som, a fim de que as mensagens dos visionários pudessem ser transmitidas pelas colinas de Kibeho e pelo rádio, entrando virtualmente em todos os lares do país.

Mas o Bispo foi mais além e deu o máximo de si para apoiar pessoal e publicamente os visionários em todos os sentidos. Ele se tornou amigo de Segatashya e muitas vezes convidou o jovem pastor para fazer refeições com ele e também para ficar no quarto de hóspedes de sua casa em Butare quando Segatashya saía da aldeia de seus pais para ir até Kibeho com o objetivo de transmitir as mensagens de Jesus Cristo.

Talvez tenha sido a urgência das mensagens de Segatashya a respeito do fim do mundo e da necessidade de todos nós imediatamente prepararmos nossas almas para o Dia do Julgamento que fez com que o Bispo Gahamanyi quebrasse o protocolo da Igreja. Antes que o Vaticano tivesse feito qualquer afirmação oficial sobre Kibeho, o Bispo concedeu uma entrevista para companhias internacionais de notícias e disse: “Eu tenho absoluta certeza de que algo sobrenatural ocorreu em Kibeho. A mensagem é verdadeira; as pessoas devem se preocupar”.²¹

A ousadia do Bispo chocou muitos representantes da Igreja Católica, mas ele conquistou os corações de muitos peregrinos cuja fé nasceu ou se fortaleceu graças às mensagens que estavam sendo entregues em Kibeho. Sua coragem também conquistou a eterna lealdade de muitos membros da Comissão de Inquérito, tais como o Padre Félicien.

O Padre Félicien era muito entendido no que se referia a Kibeho e, por isso, eu não tinha que me preocupar em entreter meus peregrinos americanos durante aquela primeira noite em Kigali – todos eles queriam conversar

²¹As aparições de Nossa Senhora em Kibeho foram aprovadas pelo Decreto de 29 de junho de 2001, da diocese do Gikongoro, emitido após Consulta da Santa Sé e da Conferência Episcopal dos Bispos de Ruanda; na ocasião, vale ressaltar, aprovaram-se apenas as aparições da Santíssima Virgem.

com o sacerdote sobre as visionárias de Kibeho e saber tudo sobre as conversas de Segatashya com Jesus. Nós nos juntamos a ele na sala de jantar da Foyer Charité para a refeição noturna, onde conversamos sobre Segatashya durante todo o jantar e até as primeiras horas da manhã. Mesmo depois de alguns peregrinos já terem se recolhido aos seus quartos para dormir, eu continuei a conversar com o Padre Félicien – uma conversa que se estendeu, com paradas e recomeços, ao longo dos três dias seguintes. Durante todo o tempo eu mantinha comigo um caderno de anotações e um gravador. Eu estava certa de que a Virgem Maria tinha me levado ao Padre Félicien e me esforcei para não esquecer nenhuma palavra que ele dissesse.

“Eu não posso declarar oficialmente que Segatashya era um visionário genuíno”, começou o Padre Félicien, após ter dado graças por nossa comida e começarmos a comer. “Não estou em posição de afirmar algo assim e isso é algo sobre o qual o Bispo e o Vaticano é que devem se pronunciar oficialmente. Mas eu quero te falar isto antes de dizer qualquer outra coisa: de todos os visionários que eu entrevistei e estudei enquanto era membro da Comissão de Inquérito, foi Segatashya quem verdadeiramente me fez acreditar nas aparições de Jesus e Maria em Kibeho. E que aquela é a verdade de Deus!”

“Esse pequeno adolescente que nunca tinha sequer ouvido falar em Jesus antes de se tornar visionário me fez acreditar de verdade que Maria e Jesus estavam realmente visitando Ruanda – e, após todos esses anos, minha crença nunca vacilou. É claro, sei que a Igreja não reconheceu as aparições vistas por ele – pelo menos não ainda –, mas eu posso honestamente dizer isto: após estudar suas mensagens e conversar com ele em entrevistas ao longo de vários anos, eu nunca duvidei da veracidade de qualquer coisa que ele tivesse dito. E eu posso te dizer que, com relação a Segatashya, as mais altas autoridades da Igreja pensam exatamente como eu.”



Segatashya em frente ao Colégio de Kibeho no verão de 1982, logo após completar 15 anos. Jesus Cristo mandou Segatashya para Kibeho para que ele compartilhasse com todos as mensagens do Senhor sobre arrependimento, redenção e salvação.

Segatashya rezando na capela de Kibeho, em 1982. Ele sempre rezava antes de subir ao "Palco dos visionários" para receber uma aparição pública de Jesus.



Segatashya ajoelhado no palco em Kibeho durante uma visita de Jesus. Quando o Senhor apareceu para ele, o jovem visionário entrou em um profundo transe e ficou absorto de tudo, exceto da presença de Jesus e das palavras que Ele falava ao garoto.



As perguntas que Segatashya fazia a Jesus eram transmitidas por alto-falantes para que os milhares de peregrinos que acorreram a Kibeho pudessem ouvir cada uma das palavras.



Segatashya conversando com Jesus durante uma aparição no começo do ano de 1983. Suas palavras estão sendo gravadas por jornalistas, sacerdotes e membros da Comissão de Inquérito. O Padre Apollinaire Rwagema, o sacerdote de minha terra natal, Mataba, está no canto direito. O Padre Rwagema me deixou ouvir todas as suas gravações dos visionários de Kibeho - e aquelas fitas mudaram minha vida!



Segatashya com um rosário no pescoço em 1983. Ele amava rezar o rosário, algo que a Virgem Maria pediu-lhe para fazer todos os dias de sua vida. Rezar o rosário proporciona a todos nós muitas bênçãos do Céu.



Segatashya bebendo de uma bacia de água benta colocada ao lado do palco logo após uma aparição, em 1982.

Um sorridente Segatashya em meados dos anos 80 durante uma rara entrevista gravada em vídeo na qual ele discutia as mensagens que estava compartilhando em suas missões em Burundi, Zaire (atualmente República Democrática do Congo) e em Ruanda.



Um típico grupo de peregrinos aglomera-se no Colégio de Kibehe em 1982 para ouvir Segatashya e os outros visionários transmitirem mensagens do céu. O tamanho da multidão muitas vezes crescia para 30 mil nos dias em que Segatashya recebia as aparições de Jesus.

O Dr. Bonaventure posando com um grupo dos meus peregrinos americanos durante uma peregrinação a Kibeho.



O Dr. Bonaventure mostrando como, certa vez, durante uma aparição pública, ele tentou estrangular Segatashya para provar a si mesmo e aos outros que o jovem visionário não estava fingindo. O Dr. Bonaventure veio a se tornar um crente absoluto nas divinas visitações recebidas por Segatashya e nas mensagens de Jesus que ele nos trouxe.

Com o Dr. Bonaventure, pouco antes de sua morte, ocorrida no começo de 2011. Ele se tornou um verdadeiro mentor para mim e um dos meus mais queridos amigos.



Com o Padre Felicien Mbala, um sacerdote africano que encontrei em Denver (EUA). O Padre Mbala ouviu Segatashya pregar para milhares de pessoas no Zaire em meados da década de 1980. Ele estava maravilhado com a autoridade com que o "iletrado" garoto pastor falava sobre Jesus e sobre as mensagens do Senhor a respeito do arrependimento, redenção, salvação e o caminho que conduz ao Céu.



Aqui estou eu entrevistando Christine, irmã de Segatashya, durante uma viagem recente a Ruanda. Christine é uma dos dois irmãos sobreviventes de Segatashya.



Christine, que recentemente deu à luz uma menininha, disse que Segatashya era um irmão mais velho maravilhoso e uma das mais doces e amáveis pessoas que ela já tinha conhecido.



Christine, seus pais e outros irmãos – que eram todos pagãos – ficaram tão tocados pelas mensagens de Jesus entregues por Segatashya que se converteram ao Cristianismo.



Eu segurando a sobrinha de Segatashya, Therese Agateretswe, que estava com apenas sete meses de vida.



Um típico garoto ruandês pastor que eu encontrei em uma viagem recente a Kibeho. Ele mora próximo da terra natal de Segatashya e está com 14 anos a mesma idade que Segatashya tinha quando Jesus apareceu pela primeira vez para ele.

“Mas sempre há os que duvidam – e por uma boa razão. No começo da década de 1980, após as primeiras aparições terem ocorrido em Kibeho, parecia que tinha visionários dando em árvores. Mais de 100 pessoas alegaram estar tendo visões, e a Comissão de Inquérito investigou muitas delas. Felizmente, era bastante fácil e rápido rejeitar dezenas de falsas alegações. Era óbvio que muitas pessoas entraram na ‘onda Kibeho’ com a esperança de obter lucro pessoal – ou porque elas queriam atenção, eram mentalmente degenerados ou porque estavam influenciadas por forças demoníacas. Nós eliminamos esses tipos e rapidamente resolvemos de forma cabal o problema das falsidades óbvias.”

“Mas, quando chegou a vez de investigar o grupo central de mais ou menos doze visionários, a Comissão de Inquérito era extremamente metódica e meticulosa. Nós investigamos as aparições pela ordem em que ocorreram. Quer dizer, as primeiras aparições que ocorreram foram as primeiras a ser estudadas. Como você sabe, as primeiras três aparições foram da Virgem Maria para Alphonsine, Anathalie e Marie-Claire. Portanto, essas estudantes e as aparições da Virgem Maria se tornaram nossa primeira prioridade.”

“Apesar de Segatashya ter recebido algumas visitas de Maria, ele recebeu, principalmente, mensagens de Jesus. A investigação das aparições de Jesus era, num certo sentido, feita de forma separada – e, infelizmente, consistia em deixá-la de lado até que tivéssemos terminado a investigação de todas as aparições da Virgem Maria.”²²

“Depois que a investigação sobre as aparições de Maria foi praticamente concluída e nós despachamos nosso relatório inicial alguns anos mais tarde, estávamos prontos para examinar mais atentamente as visões que Segatashya teve de Jesus. Bem, pelo menos *eu* estava pronto

²²É preciso reafirmar que para Diocese de Gikongoro, o Decreto de 29 de junho de 2001 é definitivo, não estando em questão iniciar outros procedimentos esperando obter uma eventual aprovação de outros videntes.

para me comprometer integralmente com essa tarefa... Mas havia um montão de problemas em curso no país. Foi quando a guerra civil começou, o que acabou atrasando tudo. E em 1994 ocorreu o genocídio, o qual, essencialmente, acabou com o mundo como o conhecíamos, incluindo todo o trabalho da Comissão. Muitos dos membros foram assassinados e a maior parte da documentação e das gravações foi perdida para sempre. A aprovação de Segatashya como visionário foi outra vítima daquele horror, pelo menos até agora.”

“Mas eu não somente acredito que um dia ele será celebrado como um dos maiores visionários de todos os tempos, como também creio que, em um futuro não muito distante, Kibeho se tornará a mais famosa e mais visitada cidade da África, em grande parte graças ao pequeno garoto pagão que conheceu Jesus.”

Um dos meus peregrinos perguntou ao Padre Félicien o que foi que Segatashya disse ou fez que lhe dava tanta certeza a respeito dele ser um verdadeiro visionário.

“Esse garoto tinha um conhecimento que ele não poderia ter adquirido por conta própria”, respondeu o sacerdote. “Desde o começo ele estava contando histórias detalhadas da Bíblia como se as tivesse lido no dia anterior, mas eu posso lhe assegurar que Segatashya não sabia ler e nunca tinha ouvido qualquer pessoa lendo a Bíblia. Eu sei que isso é um fato porque entrevistei cada um dos membros de sua família, todos os seus vizinhos, todos os seus amigos, os fazendeiros que o tinham empregado e os colegas com quem ele tinha trabalhado nas plantações de feijão. Eu conversei com absolutamente todas as pessoas que já tinham se encontrado com ele, do seu nascimento, em julho de 1967, até a sua primeira visão de Jesus, em 2 de julho de 1982. E todas as pessoas com quem conversei a respeito de Segatashya disseram que, até Jesus ter aparecido para ele, aquele garoto jamais tinha mencionado alguma vez a Bíblia, Jesus, Deus ou a Virgem Maria.”

“Apesar disso, desde a primeira vez que o entrevistei oficialmente para a Comissão de Inquérito, ele era capaz

de discutir os dogmas da Igreja comigo, fazer interpretações das Sagradas Escrituras e recitar de cabeça mais orações que muitos seminaristas iniciantes.”

“Por exemplo, em uma entrevista que fiz com ele em meados de julho de 1982, ele disse que Jesus o havia ensinado o Pai Nosso, que ele recitou para mim, e a forma de fazer o sinal da cruz. Eu lhe perguntei se Jesus tinha lhe ensinado outras orações e ele disse: ‘Não, ainda não. Mas ele disse que ensinaria amanhã’.”

“Alguém da Comissão ficou de olho nele durante a noite toda e ninguém conversou com ele. No dia seguinte, eu lhe perguntei se Jesus tinha ensinado alguma nova oração para ele. Sem me responder diretamente, ele se ajoelhou e orou: ‘Senhor meu, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por sedes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, e porque Vos amo e estimo, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de Vos ter ofendido; e proponho-me firmemente, ajudado com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais tornar a Vos ofender, e espero alcançar o perdão de minhas culpas por vossa infinita misericórdia. Amém’.”

“Para aqueles de vocês que não são católicos, saibam que esse é o Ato de Contrição, uma das orações que nós fazemos pedindo a Deus para que perdoe nossos pecados. Ora, Segatashya não sabia essa oração no dia anterior e ele a recitou perfeitamente, palavra por palavra! Não tenho a menor dúvida de que naquele mesmo dia Jesus veio à Terra e ensinou a Segatashya o Ato de Contrição. Pelo que me parece, esse fato em si já era um milagre. Nos dias seguintes Jesus ensinou Segatashya a rezar o Rosário, o Credo Apostólico e muitos hinos, orações e provérbios.”

“Mas Segatashya não se limitou a apenas memorizar as orações ou passagens das Escrituras que Jesus lhe havia ensinado. Ele tinha um entendimento teológico delas, dado por Deus. Quando perguntei quais pecados ele tinha cometido que precisavam do perdão de Deus, Segatashya disse:

Quem de nós não tem um pecado para ser perdoado? Mas a mensagem de contrição que Jesus me ensinou não é apenas para mim e os meus pecados – é para que cada homem e mulher rezem quando verdadeiramente quiserem se arrepender dos seus pecados. O Fim dos Dias está próximo e todos nós devemos pedir perdão pelos pecados de nossas vidas... E devemos nos arrepender antes que Jesus volte para a Terra. Todos nós devemos purificar nossos corações do ódio e do pecado rezando sinceramente o Ato de Contrição. Confessar nossos pecados para alguém é um bom caminho para começar a limpar nossas almas e nos prepararmos para o encontro com Cristo. Essa é uma das principais mensagens que Jesus me pediu para levar ao mundo.

“É claro, Segatashya não era nenhum anjo”, continuou o Padre Félicien. “Com isso quero dizer que ele era um garoto muito humano. Ele nem sempre se lembrava perfeitamente das coisas e certamente não compreendia imediatamente, e de forma integral, o significado de todas as mensagens que Jesus tinha dado a ele. E o garoto nem sempre era o mais fácil dos estudantes para um tutor instruir... Mesmo se acontecesse de esse tutor ser o maior professor da história humana!”

“Por exemplo, durante muitas das aparições de Jesus vistas por Segatashya ele questionava Cristo sobre tudo o que o Senhor estava lhe contando. Eu sei que isso é verdade porque muitas vezes eu fiquei bem ao lado de Segatashya no palco quando Jesus aparecia diante dele. O garoto entrava em um estado extático e caía de joelhos tão logo sentia a presença do Senhor. Dentro de um ou dois minutos, ele começava a fazer perguntas a Jesus. Frequentemente, começava reclamando que as pessoas não estavam reagindo bem o suficiente às mensagens e sugerindo que Jesus poderia fazer um trabalho melhor no que se refere a se comunicar com a humanidade. Honestamente, algumas vezes eu tinha que virar meu rosto para rir das coisas que o garoto dizia... Era realmente uma graça ver essa doce criança questionar cada uma das palavras de Deus.”

“É claro, Segatashya era sempre reverente e respeitoso – mas, ainda assim, ele poderia ser bastante atrevido! Se

ele não fosse tão inocente, eu acho que Jesus o teria ‘ferido’ com um pequeno relâmpago por ter sido tão descara-
do às vezes. Eu queria estar com minhas fitas aqui, para poder tocá-las para você, mas, infelizmente, não as tenho mais. Elas foram todas destruídas durante o genocídio, juntamente com os meus cadernos. Mas eu posso dar alguns exemplos do que eu me lembro.”

“Eu costumava ficar no palco, ao lado de Segatashya, e gravar a sua parte da conversa com Jesus. Após a aparição, eu o entrevistava novamente para registrar a parte do Senhor daquela mesma conversa. Ao colocar juntas as duas partes, eu poderia recriar o diálogo entre o visionário e o Filho de Deus, o qual eu transcrevia e arquivava em meu relatório para a Comissão de Inquérito.”

“Eu nunca vou me esquecer de um debate teológico em particular que Segatashya teve com Jesus a respeito do pecado, arrependimento e perdão. Começou com o garoto sugerindo que Deus dizia uma coisa, mas fazia outra.”

O Padre Félicien começou a recitar a conversa entre o Senhor e o jovem visionário:

Jesus, você nos diz para amarmos nossos inimigos... Mesmo quando nossos inimigos nos prejudicam e parecem maus e pecadores. Mas Deus não travou uma luta contra Satanás e o jogou no inferno? Você nos diz que Satanás é o nosso maior inimigo e que devemos lutar contra ele e suas tentações. Você poderia explicar como, por um lado, você nos diz para amarmos nossos inimigos, e, por outro, parece tão óbvio que você odeia Satanás?

*Meu filho, eu não odeio Satanás – ao contrário, é Satanás que me odeia. Se Satanás se arrependesse e sinceramente pedisse perdão a Deus pelos seus pecados, então ele seria perdoado e poderia voltar ao Céu. Mas, para que isso aconteça, Satanás deve se arrepender sinceramente, do fundo do seu coração. Agora responda a essa questão, meu filho: você sabe quantos tipos de confissões existem?*²³

²³A Escritura fala de um *pecado* desses anjos. Esta ‘queda’ consiste na opção livre desses espíritos criados, que *rejeitaram* radical e irrevogavelmente a Deus e seu Reino. Temos um reflexo desta rebelião nas palavras do Tentador ditas a nossos primeiros pais: ‘E vós sereis como deuses’ (Gn 3,5). O Diabo é ‘pecador desde o princípio’ (1Jo 3,8), ‘pai da mentira’ (Jo 8,44). É o caráter

Sim, Senhor. Como você me ensinou, há duas formas de nos confessarmos. A primeira é confessando nossos pecados francamente e se entristecendo profundamente por tê-lo ofendido. Nós devemos nos arrepender de nossas transgressões do fundo do coração, pedindo sinceramente o seu perdão e nos comprometendo em nunca mais cometer aqueles pecados novamente. A segunda é confessando nossos pecados sem nos entristecermos e sem nos arrependermos por termos pecado e lhe ofendido. Quando confessamos dessa forma, sabemos que o nosso arrependimento não passa de exibição para fazer com que pareçamos melhores aos olhos dos outros... E, dentro de nossos corações, sabemos que vamos pecar novamente na primeira oportunidade.

Muito bem dito, meu filho. Estou feliz por você se lembrar de nossa aula sobre o que é confessar verdadeiramente com o coração. Agora você consegue entender o que eu quero dizer quando digo que Satanás será perdoado pelos seus pecados apenas quando confessá-los do fundo do coração?

Sim, Senhor, eu entendi. Mas por Satã ser o Pai da Mentira, dificilmente ele confessará com o coração... Mas eu tenho muito mais a perguntar sobre isso, Senhor. Desculpe-me por fazer tantas perguntas, mas eu preciso de respostas e você nem sempre é claro. Então, por favor, não esconda nada e fale com clareza. Quando você me envia para transmitir suas mensagens às pessoas, elas também têm suas dúvidas. Por isso, eu devo estar preparado para respondê-las.

Aqui está minha pergunta: você está sempre me dizendo para repassar a mensagem que diz às pessoas que elas devem se arrepender porque o estado do mundo vai muito mal... Isso porque a humanidade se tornou tão pecadora que o mundo agora está à beira da ruína. Mas depois você também me disse que Satanás era um anjo amado por Deus que se tornou invejoso e O desrespeitou, e que foi assim que a guerra no Céu começou. Depois, Satanás foi jogado para fora do Céu e tem conduzido a humanidade à perdição desde então.

Sendo assim, Senhor, me parece que todo o problema no qual vive o homem agora começou há muito tempo, lá no Céu. Como Deus pode culpar o homem por arruinar o mundo por causa de seus pecados quando foi realmente culpa do Céu ter deixado Satanás vir a este mundo e vagar pela Terra como se fosse dono dela?

irrevogável de sua opção, e não uma deficiência da infinita misericórdia divina, que faz com que o pecado dos anjos não possa ser perdoado. 'Não existe arrependimento para eles depois da queda, como não existe para os homens após a morte'" (CIC, § 392-393).

Meu filho, os problemas da humanidade não começaram no Céu, e não há nem uma polegada da Terra da qual Satanás possa se considerar dono. Tudo na Terra pertence ao Céu, nada pertence a Satanás. Os problemas causados por Satanás começaram dentro do seu próprio coração. Ele se recusou a ouvir a Deus e escolheu se separar de Sua família celestial para viver à parte. Como eu lhe disse, Satanás seria perdoado se pedisse perdão a Deus em seu coração. Mas até hoje Satanás não encontrou coragem ou sinceridade para se desculpar e pedir o perdão de Deus. Satanás não irá se desculpar.

Pense nas famílias que você conheceu enquanto crescia. Em algumas freqüentemente há uma criança que se recusa a se tornar uma boa pessoa, não importa o quão intensamente seus pais implorem para que isso aconteça. Elas se recusam e se excluem por conta própria do amor que seus pais lhes oferecem. A mesma coisa acontece com Satanás – ele deu as costas ao amor oferecido de forma gratuita por Deus, como uma criança petulante que foge de um lar amoroso. Deus permanece junto aos seus filhos amados e obedientes no Céu, e todos que o amam e o obedecem são bem-vindos lá.

Tudo isso que aconteceu no Céu entre Satanás e Deus aconteceu antes de Deus criar o mundo e o homem. Quando Deus criou o homem, Satanás, em sua inveja e solidão, determinou-se a destruir a relação do homem com Deus. Desde a criação da humanidade, Satanás vem tentando enganar os homens com mentiras e tentações, na esperança de que o homem irá amar mais o pecado do diabo do que a bondade de Deus.

Satanás odeia sofrer em seu isolamento e, em vez de ficar sozinho, tenta afastar o máximo de pessoas que ele puder da luz do amor de Deus e levá-las para a impiedade e o mal. Satanás quer que o homem sofra com ele e seja amaldiçoado como ele – pois não há sofrimento maior do que viver sem o amor de Deus. Satanás sabe o quanto Deus ama a humanidade e isso lhe dá ainda mais prazer quando consegue romper a alma de um homem. Ele quer que Deus sofra tanto quanto ele.

Lembre-se disto, meu filho, a luz e o amor de Deus são a única garantia e proteção contra o mal e a eterna escuridão.. Diga a todos que o escutarão que preparem os seus corações para o Dia do Julgamento, pois o Fim dos Dias já está próximo. Satanás é o autor de todas as mentiras e não é nada confiável. Ele tem tentado separar a humanidade do amor de Deus desde Adão e Eva.

Isso me lembra uma coisa, Senhor. Eu sei que um estudante às vezes pode ser um tutor tão bom quanto seu professor.

e, no mesmo sentido, um pecador iniciante pode se tornar um pecador muito maior do que aqueles que cometeram o pecado original. Mas eu tenho uma pergunta sobre os pecadores originais.

Adão e Eva começaram toda essa confusão... Por que você os criou por primeiro? Se eles nunca tivessem comido do fruto proibido, o resto de nós ainda poderia estar vivendo no Paraíso.

Há muito mais pecadores no mundo hoje do que naquela época, mas todos nós viemos de Adão e Eva. Então, toda a humanidade deve ter aprendido a pecar com Adão e Eva, certo? Como você é o Todo-Poderoso, você já devia saber quando os criou que eles eram fracos e que pecariam cedo ou tarde – você não pode negar isso, Jesus! Então por que você fez isso? Por que criar dois pecadores que acabariam trazendo sofrimento e miséria a todos os homens que nascessem depois deles? Honestamente, eu acho que isso foi um erro. Você não devia tê-los criado!

Quando você tem um filho, você o faz com amor. Você não sabe se aquela criança se tornará boa ou má, mas você a ama com todo o coração e espera pelo melhor. Você espera que o filho que é trazido à vida por Deus não irá esquecê-Lo, pois um filho que é feito à imagem do amor irá amar.

E como exatamente você quer que nos lembremos de Deus? Você disse que devo pensar em Deus como meu Pai, que Deus Pai ama a mim mais do que os meus pais, que Deus me conhecia no ventre e já me amava antes de eu ter nascido. Mas eu acabei de conhecer você, Jesus. Fui apresentado a Deus há apenas algumas semanas. Porém, eu conheço meus pais desde o dia em que nasci. Desde que era criança eu vi meus pais lutando para fazer o seu melhor por mim e trabalhando para me alimentar e proteger. Sendo assim, você realmente espera que eu vá amar o Deus Pai, que me pede para fazer um monte de coisas difíceis, mais do que o meu pai e minha mãe, que sempre me deram tudo de que eu precisava?

Então você quer distinguir o amor dos seus pais do amor do seu Deus?

Sim, Senhor. Eu acho que tenho uma boa razão para querer distinguir entre o amor de meus pais e o amor de Deus. Eu sempre vi meus pais mostrarem o seu amor por mim – eles sempre me protegeram e cuidaram de mim. Mas eu nunca vi Deus me amar quando era criança. Eu nunca O vi trabalhando em nossas plantações de feijão para sustentar nossa família, colocando comida em nossa mesa ou fazendo roupas para nos manter aquecidos.

Meu filho, mesmo que você nunca tenha me visto, eu sempre estive por perto cuidando de você. Você já ouviu a canção 'Meu Protetor que Me Ama'?

*Meu protetor que me ama, meu protetor
Que Deus me deu para cuidar de mim,
Meu protetor que está comigo em tempos difíceis
Para fazer guarda e impedir o demônio
De roubar o meu coração.
Meu protetor que me ama, meu protetor
Que é o meu presente de Deus.*

Sim, entendo isso agora. Obrigado por responder as minhas perguntas e obrigado por sempre ter estado ao meu lado, Jesus. Obrigado por ter-me dado meus pais para me amarem e me manterem protegido. Eles são o melhor presente que já ganhei, melhor ainda agora que sei que o amor deles era um presente seu!

Mas eu tenho mais uma pergunta, Senhor. Eu vejo as pessoas se referirem a Deus por muitos nomes. Algumas pessoas chamam Deus de "Jeová", outras o chamam de "Alá"... Em Ruanda, elas O chamam de "Imana", mas no Zaire eles O chamam de "Mungu". Agora estou conversando com você, Jesus, mas também tenho ouvido coisas sobre sua mãe, a Virgem Maria... E também há Judas e Satanás. Está ficando muito confuso para mim. Quem eu devo amar e respeitar mais?

Seja qual for, meu filho, não ame ou respeite Judas e Satanás.

E, com relação a todos aqueles outros nomes, a quem eu devo amar?

Se você ama cada um deles sinceramente com todo o seu coração, então você conseguiu cumprir o que pedem minhas mensagens a respeito da purificação do coração para o meu retorno. Chamando um, entre os que você mencionou, ele irá levá-lo a outro e todos eles o levarão à verdade e ao amor. E, em qualquer momento que você precisar, você pode invocar qualquer um daqueles nomes e eles lhe darão o que você precisa. Minha Bem-Aventurada Mãe irá levá-lo a mim e ao Pai e ao Espírito Santo, pois nós somos um e não muitos.²⁴

²⁴ "Acreditamos que esta única religião verdadeira se encontra na Igreja Católica e Apostólica, à qual o Senhor Jesus confiou o encargo de levar a todos os homens, dizendo aos Apóstolos: 'Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos prescrevi' (Mt 28, 19-20). Por sua parte, todos os homens têm o dever de buscar a verdade, sobretudo no que diz respeito a Deus e à sua

Entendo, mas, se eu realmente estiver em apuros e precisar de ajuda rapidamente, quem de vocês, lá em cima no Céu, tem o maior poder e pode me ajudar mais depressa?

Oh, meu filho! Que perguntas você ousa me fazer!

Eu não quero ser rude, Senhor. Mas isso é algo que eu realmente preciso saber. Você me manda dar às pessoas todas essas mensagens sobre arrependimento e o fim do mundo e depois todo mundo acha que estou louco e quer me bater. Eles batem na porta dos meus pais e ameaçam toda minha família. Eles têm insultado a minha pobre e indefesa mãe. Aí, até minha mãe e meu pai começam a me chamar de imbecil por ter levado à vida deles todos esses problemas, principalmente quando não consigo dar conta de responder às perguntas deles com respostas simples. Eles me chamam de mentiroso e ficam bravos comigo.

Jesus, eu gostaria que você me dissesse quem é a pessoa mais elevada no Céu que possa me ajudar com rapidez, ou, então, mande-me alguns guarda-costas me protegerem o tempo todo. Eu acho que poderia cuidar de mim se você me desse os mesmos poderes que você tinha quando estava na Terra realizando milagres. Eu também preciso estar de posse de toda a verdade para poder responder as perguntas eu mesmo, sem qualquer ajuda sua. Então, por que você não me dá todo o seu poder e conhecimento para que eu consiga me defender corretamente?

Filho, você realmente acha que, se eu lhe der toda minha verdade e poder, você irá usá-los corretamente?

Bem, provavelmente não. Mas eu só peço porque, se eu continuar fazendo o que você me pede e sair por aí pregando o fim do mundo, alguém poderá me matar apenas para calar a minha boca. E, então, todas essas mensagens que você me deu se tornariam inúteis porque eu acabaria morto, como você.

Você está disposto a morrer pela humanidade?

Não vou dizer que seria fácil... Quer dizer, ninguém quer morrer por nada.

Quem morre por nada? Meu filho, vejo que você está sorridente e feliz. Mas você está dizendo que morri por nada?

Não, Senhor, perdoe-me... Às vezes eu me empolgo quando

Igreja e, uma vez conhecida, de a abraçar e guardar." (*Dignitatis Humanæ*, n. 1. Sobre o assunto, ver também o documento: *Respostas a questões relativas a alguns aspectos da Doutrina sobre a Igreja*, Congregação para a Doutrina da Fé, de 29 de junho de 2007).

estou com você! Eu sei que você morreu por nossos pecados para nos salvar porque você nos ama. Obrigado por seu amor e por todas as respostas que me deu, Senhor. Eu cantarei seus louvores e espalharei suas mensagens por todo o mundo com alegria em meu coração!

Depois de ter conversado com o Padre Félicien a respeito de Segatashya por mais de dois dias, ele me disse que ficaria sem ter mais o que falar sobre o visionário, o que acabou sendo bom, porque eu ficaria sem tempo para ouvir – pelo menos até depois de minha peregrinação a Kibeho!

Os peregrinos e eu estávamos com a agenda cheia e tínhamos viagem reservada para Kibeho naquela tarde, com eventos planejados lá para todos os dias durante os cinco dias seguintes. Depois tivemos que voltar a Kigali em uma certa manhã quando metade do grupo estava indo para o norte de Ruanda para ver os mundialmente famosos gorilas das montanhas, enquanto o resto tinha que pegar vãos de volta para os Estados Unidos.

Enquanto os peregrinos se despediam do Padre Félicien e subiam a bordo do microônibus que nos levaria a Kibeho, eu lhe perguntei se ele tinha dado alguma de suas fitas com gravações de Segatashya ou documentos da Comissão de Inquérito para alguém em quem ele confiava antes do genocídio, para que esta pessoa pudesse guardar o material. Ele balançou tristemente a cabeça.

“Não, sinto muito, minha cara. Suspeito que a maior parte de minhas gravações foi perdida no caos de 1994. Minha casa e meus escritórios foram saqueados, pilhados e incendiados, e tudo o que havia neles foi consumido pelo fogo ou roubado. De qualquer forma, tudo está perdido para mim.”

“Mas, Imaculée, eu lhe contei tudo que me lembro sobre Segatashya. E, pelo que você me contou sobre sua infância e sobre o encontro que teve com ele na universidade, eu acho que você já sabe mais sobre o visionário do que a maioria das pessoas.”

“Preciso saber mais, Padre Félicien... Preciso descobrir tudo que puder sobre ele. Eu não sei o que aconteceu com Segatashya quando os médicos o examinaram, nada sei sobre as aparições que ele viu após Kibeho, como também não sei o que aconteceu quando ele foi para Burundi e Congo [antigamente Zaire] em suas missões planejadas por Jesus. E, além disso, eu preciso encontrar alguém que tenha registrado por escrito suas mensagens para que eu possa passar algumas delas adiante.”

“Bem, o atual bispo da diocese de Kibeho talvez tenha tido acesso a alguns documentos, mas eu posso lhe garantir que, se ele teve, ele não deixará você os ver. Ele considera tais documentos apenas de uso da Igreja”, respondeu o Padre Félicien.

“Além do bispo, há uma única pessoa na qual consigo pensar que ainda está viva e que talvez tenha salvado algumas gravações da Comissão durante a loucura de 1994. Seu nome é Dr. Muremyangango Bonaventure. Ele foi o principal investigador do time médico da Comissão de Inquérito. Naquela época, ele era o único psiquiatra de Ruanda e nós o deixamos *bastante* ocupado quando todos os visionários começaram a aparecer.”

“Faz muito tempo que não o vejo e não sei se ele irá sequer conversar com você sobre Kibeho. Ele é um dos homens mais inteligentes que já conheci – e, se ele quiser, ele poderá lhe contar tudo que há para saber a respeito de Segatashya. Mas eu tenho que alertá-la, Immaculéc, pois ele é uma pessoa muito reservada. Quando estávamos investigando os visionários, ele nunca discutia sobre o que estava acontecendo em Kibeho com qualquer pessoa que não fizesse parte da Comissão de Inquérito. Mas talvez ele se abra para você.”

O Padre Félicien me deu o endereço da casa do Dr. Bonaventure, a qual ficava a menos de 30 minutos de viagem de carro do retiro da Foyer de Charité. Os peregrinos e eu tínhamos uma margem de manobra de apenas uma hora em nossa apertada agenda de viagem – se a ultrapassássemos, teríamos que nos preocupar em cancelar quartos,

deixar de ir a eventos e perder conexões de viagem –, mas todo mundo concordou que deveríamos fazer uma rápida visita ao Dr. Bonaventure e ver o que o bom doutor tinha a falar sobre Segatashya.

CAPÍTULO 6

O BOM DOUTOR E O FIM DOS DIAS

Vinte minutos após termos deixado o Padre Félicien e o reitor da Foyer de Charité, chegamos em frente à humilde casa do Dr. Bonaventure em Kigali. Todos os peregrinos saíram do miniônibus e caminharam juntos para a porta do doutor. Eu bati no batente de metal e, alguns momentos depois, um cavalheiro de idade, com um olhar muito assustado e desconfiado, estava encarando uma ruandesa curiosa e uma dúzia de branquelos queimados de sol saídos sabe-se lá de onde. Acredite-me, esse não era o tipo de cena que um médico recluso de Kigali esperava ver em sua porta.

Eu, então, expliquei apressadamente ao confuso médico quem eu era e o motivo de eu estar liderando uma invasão de peregrinos americanos em sua propriedade. O Dr. Bonaventure sorriu simpaticamente e, como qualquer bom anfitrião ruandês, convidou todo o grupo a entrar em sua casa para beber alguns refrescos. Eu protestei, dizendo que tínhamos pouco tempo e que não podíamos ficar, e que eu queria apenas fazer algumas perguntas sobre Segatashya. Mas o Dr. Bonaventure deu as costas para mim e começou a caminhar de volta para dentro de sua casa.

Rapidamente esclareci aos meus amigos americanos que em Ruanda era praticamente ilegal recusar hospitalidade. Eu decidi, então, levar todo mundo para dentro da sala de estar do doutor – a qual nós ficamos felizes em constatar que era adornada com muitas pinturas e imagens da Virgem Maria e Jesus. O Dr. Bonaventure, que se movia mais devagar do qualquer outra pessoa que eu conhecia, passou a hora seguinte acomodando todos nós, apresentando-se a cada um dos peregrinos individualmente e certificando-se de que tinham sido oferecidos refrescos a todo mundo. Depois ele se sentou em sua poltrona e perguntou: “Muito bem, peregrinos, o que vocês gostariam de saber sobre Segatashya?”

“Como eu sei que o senhor era membro da Comissão de Inquérito, doutor, eu estava apenas me perguntando se você não teria quaisquer gravações ou documentos envolvendo Segatashya que eu pudesse emprestar”, perguntei pacientemente, sentindo o crescente cansaço dos peregrinos, que queriam chegar a Kibeho antes do anoitecer.

“Você está um pouco apressada”, respondeu o Dr. Bonaventure, com um tom de voz gentil, mas autoritário. “Nós já vamos chegar à sua pergunta, mas primeiro deixe-me contar sobre o dia em que me encontrei com Segatashya. Foi em uma entrevista da Comissão de Inquérito, para a qual ele estava convocado a aparecer algumas semanas após as aparições terem começado. Eu já tinha feito um exame físico e uma análise psicológica preliminar nele e o encontrei em ótima forma, tanto no corpo quanto na mente.”

“Sim, ele era um garoto esperto e saudável... Embora um pouco pequeno para a sua idade”, continuou o doutor, pegando um velho caderno espiral em um criado-mudo ao lado de sua poltrona. Ele começou a folhear as páginas amareladas e cheias de orelhas de burro do caderno enquanto murmurava, sob sua pesada respiração: “Vamos ver, vamos ver... Segatashya, Segatashya, Segatashya... Ah, aqui está! Entrevista com Segatashya, 20 de julho, 1982”. Ele começou a ler a partir dali:

PERGUNTA: Segatashya, as aparições da Virgem Maria que as garotas da escola de Kibeho estão vendo são um fenômeno novo. Mas agora nos foi relatado que você também está vendo aparições... Isso é verdade?

SEGATASHYA: Sim, é verdade que estou vendo aparições, mas não da Virgem Maria. Estou vendo aparições de Jesus Cristo, e minhas visões de Jesus começaram em 2 de julho, umas duas semanas atrás.

PERGUNTA: Segatashya, você é apenas um garotinho que nunca foi para a escola e nem mesmo a uma igreja. Por que você diz que tem visto e conversado com Jesus? Não é mais provável que você tenha ouvido histórias sobre as visionárias de Kibeho que viram a Virgem Maria e depois tenha imaginado ter visto Jesus?

SEGATASHYA: Não, senhor, eu não imaginei ter visto Jesus. Eu o vi e ele conversou comigo. Eu o vi como estou vendo o senhor agora; seria difícil dizer a qualquer um que eu não estou vendo você. Contudo, na primeira vez em que me encontrei com ele, eu apenas o ouvi. Eu estava sentado à sombra de uma árvore e ouvi sua voz. A princípio, eu não sabia de onde exatamente vinha essa voz, mas percebi que ela estava chegando do alto, do céu – do lugar chamado Paraíso. Ele me perguntou se eu poderia transmitir uma mensagem dele e meu coração respondeu por mim – meu coração disse sim! E foi assim que aconteceu. Eu perguntei quem ele era e ele me contou que era Jesus.

Ele me disse: *Se você disser aos outros que vem em nome de Jesus, eles não acreditarão em você.* Mas eu pude sentir o quanto ele era poderoso, e entendi que tudo o que ele tinha falado era verdade. Então, eu lhe disse: “Se você é verdadeiramente Jesus Cristo, eles irão acreditar no que eu disser... Desde que você me dê força para comunicar suas palavras e lhes dê a graça e a fé para ouvir a verdade”.

Eu sei que você falou com o Sr. Hubert, a quem Jesus me mandou, e, sendo assim, sei também que você ouviu a mensagem que eu entreguei na fazenda dele... A mensagem que diz para todos nós purificarmos os nossos corações e nos prepararmos para o retorno do Senhor à Terra.

PERGUNTA: Sim, nós ouvimos a mensagem, obrigado. Mas, por favor, responda a esta pergunta: você perguntou a Jesus por que ele escolheu você – um garoto pagão, que nunca tinha ido a uma igreja, que nunca tinha lido a Bíblia, que nunca tinha feito uma oração e que não foi batizado – para ser seu mensageiro?

SEGATASHYA: Eu perguntei sobre isso, senhor. Ele disse que me escolheu para mostrar às pessoas que não acreditam nele – como pagãos e outros descrentes – que ele não está se esquecendo delas. Ele as vê, cuida delas, ama-as e espera que elas o convidem para morar em seus corações. Ao escolher um menino pagão para ser seu mensageiro, ele faz o mundo saber que o seu amor e sua salvação estão disponíveis para todos.

E eu sei que os ruandeses mais velhos nem sempre respeitam o que uma criança tem a dizer, mas Jesus me contou o que ele diz na Bíblia: *Da boca dos pequeninos e das criancinhas de peito preparaste um louvor...* Jesus me mandou em uma missão para dizer a nós todos que o amemos e o louvemos, e para fazer com que nossos corações se tornem puros como o de uma criança recém-nascida, a fim de que possamos entrar no Reino de Deus.

“Isso foi apenas os primeiros dez minutos da primeira entrevista de Segatashya à Comissão”, explicou o Dr. Bonaventure. Depois, apontando para algumas fotografias familiares de sua esposa e filhos, ele acrescentou: “Passei incontáveis horas conversando com o garoto; realmente, ele se tornou parte de minha família para mim, como outro filho”.

O Dr. Bonaventure se levantou e se ofereceu para fazer um chá para os peregrinos, que ainda estavam ansiosos para pegar a estrada em direção a Kibeho, mas, como eu, estavam sendo agora totalmente puxados para dentro do conteúdo dos cadernos do doutor.

Um dos peregrinos perguntou ao Dr. Bonaventure quais mudanças físicas os visionários sofriam quando estavam conversando com Jesus ou Maria. “Durante as aparições, todos os visionários entravam em um estado parecido com o do coma e seus cérebros simplesmente não recebiam qualquer informação do mundo físico”, respondeu ele. “Porém, eles estavam tão acordados quanto eu e você. Cada um deles experimentava um completo desligamento da realidade como nós a percebemos... E eu acho que esse desligamento perceptivo era mais pronunciado em Segatashya.”

“Eu fiz todos os testes que podia para despertá-lo do seu estado extático logo que ele entrava em transe. Examinei seus nervos cranianos jogando a luz brilhante de uma lanterna médica bem dentro de seus olhos – nenhuma resposta. Examinei sua função sensorial tocando todos os seus pontos de reflexo com um martelo de borracha – de

novo, nenhuma resposta. Belisquei todo o seu corpo, torci seus dedos quase a ponto de arrancá-los, espetei agulhas em seus braços e os torci de um modo que quase deformou seu corpo... Todo teste tinha o mesmo resultado – nenhuma resposta. Finalmente, coloquei eletrodos por todo o seu corpo, conectei os cabos a uma grande bateria e dei uma descarga de eletricidade nele – nem mesmo isso o perturbou, não teve nenhuma reação física!”

“Pode parecer que eu estava agindo de forma cruel, mas eu precisava ter certeza de que ele não estava fingindo!”, explicou o doutor. “Se ele não estava fingindo, então nada do que eu fizesse iria afetá-lo negativamente; por outro lado, se ele *estivesse* fingindo, qualquer um daqueles testes teria o feito correr do palco gritando de dor. Isso nunca aconteceu. Não importa o que eu fizesse com ele, ele sem sequer se mexia.”

“Devo admitir que algumas vezes eu posso ter ido longe demais. Em uma ocasião, empurrei o pobrezinho pelas costas e em seguida sentei-me em cima dele com todo o meu peso. Depois coloquei minhas mãos em volta do seu pescoço e o estrangulei momentaneamente, tentando interromper o fluxo de oxigênio para o seu cérebro com o objetivo de induzi-lo a ficar inconsciente... Veja, ele não podia fingir indiferença quanto a isso. Se ele sentisse que estava sendo sufocado até a morte, seu sistema nervoso simpático teria disparado sua reação de ‘luta ou fuga’, e ele teria tentado lutar comigo. Mas ele apenas ficava lá no chão do palco, sorrindo e conversando com Jesus durante toda essa tortura. Por fim, um dos sacerdotes que estavam no palco correu e me derrubou no chão. ‘Você ficou maluco, Bonaventure?’, gritou ele. ‘O que você está tentando fazer? Matar o garoto?’”

“Depois disso, eu fiquei completamente convencido de que Segatashya era um visionário verdadeiro, que estava vendo aparições autênticas. Eu o continuei estudando objetivamente como médico e psiquiatra, mas a minha tomada de notas ganhou uma função adicional: eu queria preservar um registro histórico do que estava acontecendo em Kibeho.”

Se pudesse, eu teria ouvido as histórias do doutor por horas e horas, mas tinha chegado o momento de partir para Kibeho. Então os peregrinos e eu agradecemos o doutor por seu tempo, hospitalidade e grande conhecimento a respeito de Segatashya. Enquanto saíamos de sua casa em meio a uma enxurrada de abraços e apertos de mão, pudemos ver o sol se pondo entre as colinas de Kigali.

“Estará escuro antes que consigamos sair da cidade”, reclamou o motorista do nosso microônibus. “Não se preocupe por dirigir no escuro”, riu o Dr. Bonaventure. “Se você observou com atenção a estrada de terra que leva até a auto-estrada para Kibeho, provavelmente você vai querer sair do carro e andar pelos pouco mais de 30 quilômetros restantes.”

Visto que os peregrinos já estavam a bordo do ônibus, eu me virei para o Dr. Bonaventure para perguntar mais uma vez se ele tinha alguns documentos que estaria disposto a me emprestar para o livro que eu estava escrevendo sobre Kibeho. Mas, antes que eu tivesse a chance de abrir minha boca, ele me pegou pelo braço e me levou de volta para dentro da casa, onde ele me disse uma coisa que me fez ter certeza de que a Virgem Maria verdadeiramente tinha me conduzido até a casa deste homem maravilhoso.

“Eu estive esperando por você – recebi uma mensagem a respeito de algumas pessoas que viriam de longe para me ver”, disse ele, enquanto estávamos no pátio de entrada de sua casa. “Alguns meses antes do genocídio, uma das visionárias de Kibeho – não estou autorizado a dizer qual – veio até minha casa e me disse que a Santíssima Virgem tinha dado a ela uma mensagem para ser entregue a mim. A mensagem era a seguinte: ‘Diga ao Dr. Muremyangango Bonaventure que ele não pode morrer antes de dar os documentos sobre os visionários a alguém que esteja determinado a compartilhá-los com o mundo, porque as mensagens de Kibeho são destinadas a todo o mundo’.”

Dito isso, o Dr. Bonaventure abriu a porta de um armário que continha uma dúzia de caixas e maletas recheadas com cadernos e papéis avulsos. “Aqui está toda minha pesquisa, minhas descobertas e conclusões sobre os acontecimentos de Kibeho”, disse-me ele. “Eu voei para o Zaire com todo esse material quando o genocídio começou porque eu sabia que ele devia ser protegido para as gerações futuras. Agora ele é todo seu porque eu sei que você irá compartilhá-lo com o mundo. Você pode voltar para me ver quando retornar de sua peregrinação ou me visitar a qualquer momento quando estiver em Ruanda. Faça cópias de tudo isso e faça o que quiser com esse material – é seu para você compartilhar. Aqueles jovens visionários repetiram muitas vezes para mim que o mundo precisa ouvir aquelas mensagens.”

Entregando-me um pesado fichário azul com o nome de Segatashya escrito com forte cor negra na lombada, ele disse: “Comece com este, é apenas um de muitos”. Sorrindo grandemente, ele brincou: “É uma leitura leve para a viagem até Kibeho, minha filha”.

Meus olhos ficaram mareados de lágrimas, pois minhas orações não poderiam ter sido atendidas de forma mais satisfatória. Eu ainda visitaria o Dr. Bonaventure pelo menos umas dez vezes pelos dois anos seguintes – sempre que nos encontrávamos ele me chamava de “filha” e eu o chamava de “papai”. Ele até se juntou a um grupo de peregrinos que eu conduzi certa vez em outra peregrinação para Kibeho... A última vez em que o vi foi pouco antes de sua morte, no começo da primavera de 2011. As anotações que ele me deu me possibilitaram escrever *Our Lady of Kibeho* e constituem a espinha dorsal deste livro sobre Segatashya também.

Eu sei que o Dr. Bonaventure faleceu com a consciência tranqüila, pois ele sabia que tinha atendido a um pedido pessoal da Virgem Maria. Estou certa de que a Bem-Aventurada Mãe o recebeu no Céu com o seu glorioso sorriso.

O sol desapareceu por trás das colinas de Kigali enquanto nosso microônibus se afastava da casa do Dr. Bonaventure e nós começávamos a última etapa da jornada para Kibeho. Eu abri o fichário azul que o meu mais novo amigo tinha me dado tão cautelosamente que era como se estivesse mexendo em um dos Manuscritos do Mar Morto.

As primeiras palavras que eu li foram as do título de um capítulo: "Segatashya e o Fim dos Dias". Abaixo do título havia a transcrição de duas gravações. A primeira era de Segatashya conversando com Jesus sobre a Segunda Vinda de Cristo durante uma aparição. A segunda era de Segatashya após a aparição, contando à Comissão de Inquérito o que Jesus tinha lhe dito a respeito da Segunda Vinda. As transcrições foram editadas juntas a fim de formar um diálogo entre Segatashya e o Senhor.

Eu rapidamente folhee o livro, explorando avidamente as páginas e ficando cada vez mais animada. Erguendo os olhos para contemplar um pouco dos últimos raios do sol poente, percebi que estávamos passando pelo Memorial do Genocídio de Kigali, o qual muitos peregrinos quiseram visitar em nosso retorno de Kibeho. O Memorial está construído no topo de uma colina que é o túmulo coletivo onde estão enterrados os ossos de mais de 250 mil vítimas da destruição.

Eu pensei nos três meses em que fiquei escondida, junto com outras sete mulheres, em um minúsculo banheiro escondido, durante o atormentador banho de sangue. E pensei em meus pais e meus irmãos, Damascene e Vianney, que foram todos massacrados por nossos antigos amigos e vizinhos. Pensei sobre o um milhão de pessoas que foram dilaceradas até a morte com facões e os incontáveis corpos que não foram enterrados e apodreciam à luz do dia quando o demônio andou livremente por Ruanda. E pensei também no fato de que, 12 anos antes do genocídio, a Virgem Maria tinha aparecido para as visionárias de Kibeho e avisado que um massacre sangrento

iria devastar o país se as pessoas não enchessem seus corações com o amor de Cristo.

Durante o genocídio, eu tinha certeza de que o Armagedom tinha chegado e o epicentro do Apocalipse era Ruanda. Aquele horror não foi o Fim dos Dias, mas talvez tenha sido um sinal de que o fim está próximo.

Voltei-me para o livro do Dr. Bonaventure, que ainda estava aberto sobre meu colo, e fiquei chocada com a passagem de uma entrevista sobre a qual meus olhos tinham parado:

PERGUNTA: Segatashya, você nos disse que as coisas no mundo estão indo mal, e que Jesus quer que as pessoas se arrependam, amem umas às outras sinceramente e se voltem imediatamente para a vida que Deus quer que elas vivam. O que nós queremos saber agora é se há alguma coisa específica que Jesus tenha falado ou mostrado para você com o objetivo de indicar o quanto realmente mal as coisas ficarão no futuro?

SEGATASHYA: Duas semanas atrás [durante uma visão em 1 de setembro de 1982], Jesus me mostrou pessoas ardendo em fogo e animais selvagens se dilacerando e se devorando uns aos outros. Depois ele me mostrou pessoas com facões nas mãos cortando umas às outras em pedaços. Jesus não me deu nenhuma explicação específica sobre o que essas imagens terríveis significavam ou quando essas coisas poderiam acontecer. Mas todos vocês podem compreender o que ele queria me mostrar: é sobre como as pessoas estão se sentindo em relação umas às outras, que mais e mais elas se odeiam e querem fazer o mal umas às outras. Jesus quer que tudo isso pare, que tudo isso mude. E a única forma que o mundo tem de mudar isso é através da aceitação do seu amor e do seu perdão.

Como Ele gosta de nós, enquanto seres humanos, eu pensei, para nos dar um aviso exato sobre o desastre que nossas ações trariam até nós. Mas ignoramos o alerta por completo e simplesmente continuamos em frente no mesmo estilo de vida perigoso. Então, me lembrei de que

muitos dos visionários, especialmente Segatashya, costumavam dizer o quão triste a Santíssima Virgem parecia estar durante as aparições, derramando lágrimas de tristeza porque ela podia antever a catástrofe na qual seus filhos estavam sendo precipitados por causa de suas vidas cheias de pecado e sem nenhum arrependimento.

As luzes de Kigali cintilavam por toda parte da cidade quando nosso microônibus enfim alcançou a estrada que ia para o sul, em direção a Kibeho. Um dos peregrinos sugeriu que recitássemos o Rosário e, na escuridão crescente, eu pude escutar aquele som, sempre tão reconfortante, das contas do Rosário chacoalhando um pouco antes da primeira Ave Maria ser pronunciada.

O ritmo em que ia o ônibus, a profunda escuridão dentro da qual viajávamos e a suave repetição da oração dos Mistérios da Alegria durante o Rosário me acalmaram a ponto de me proporcionar um sono pacífico. Quando minha cabeça começou a perder a firmeza, eu coloquei o fichário azul no assento vazio ao meu lado para descansar. Mais uma vez, enquanto fechava o livro, eu li "Segatashya e o Fim dos Dias". Mas, desta vez, no momento em que minhas pálpebras estavam muito pesadas para continuar abertas, também li a primeira sentença: *No último dia, os anjos do Senhor aparecerão nos quatro cantos do céu.* E depois adormeci.

Tão logo meus olhos se fecharam, mergulhei em um sonho que já tive muitas vezes quando era criança. Nesse sonho, eu estava na sala de meus pais lendo histórias de uma Bíblia ilustrada que ganhei no meu aniversário de sete ou oito anos. Era basicamente um livro sobre os milagres de Jesus no Novo Testamento repleto de ilustrações e a imagem que mais me fascinava era a que representava o milagre da Transfiguração.

Nessa ilustração, Jesus está flutuando no ar bem em cima do Monte de Transfiguração. Enormes e formidáveis raios de luz dourada, um tanto avermelhada, emanam dele e brilham em sua volta, enquanto ele conversa

com dois profetas do Antigo Testamento – Moisés e Elias – que estão flutuando ao seu lado. Vários dos Apóstolos de Cristo estão no chão bem abaixo, olhando, incrédulos, para o alto, e protegendo seus olhos da luz brilhante que emana do Senhor.

A idéia de ver Jesus flutuando entre o Céu e a Terra, visível tanto para os profetas do Antigo como do Novo Testamento, encheu toda minha imaginação. Mas o que realmente mexia comigo naquela imagem era a forma como a luz brilhava a partir de Jesus, juntamente com as eletrizantes cores vermelhas e púrpuras que coloriam a nuvens que pairavam acima daquela legião celestial. E no meu sonho (tais coisas parece que só acontecem em sonhos), enquanto estava deitada na cama admirando as cores da imagem, eu percebi pela janela que o céu repentinamente tinha escurecido.

Eu, então, coloquei minha cabeça para fora da janela, um pouco com a esperança de ver Moisés e Elias flutuando por ali para se encontrar com Jesus no topo de uma montanha – no topo da *minha* montanha! Essa idéia me atingiu como uma visão de que Jesus deveria estar esperando pelos profetas no topo da minha montanha favorita, situada sobre o lago Kivu, bem no interior do Congo (antigo Zaire) – aquela mesma montanha que eu ficava contemplando por tantas horas enquanto esperava meu pai retornar de uma de suas peregrinações a Kibeho.

Eu olhei para o céu e vi que as suas cores estavam se transformando com uma velocidade vertiginosa, mudando instantaneamente de um sinistro tom verde, como se antecipasse uma tempestade, para um rosa ardente, depois para um tom roxo, como que manchado de vinho, e depois, finalmente, para uma caótica mistura de tudo isso. O horizonte estava vivificado por cores e matizes que eu nunca tinha visto antes, os céus estavam pulsando com sombras escuras e a luz soprava vida e vitalidade dentro daquela desordenada dança de cores selvagens que rodopiavam sobre minha cabeça. Era uma

visão perturbadora e devia ter me deixado morta de medo, mas eu estava estranhamente encantada por vê-la, e, por alguma razão, inexplicavelmente feliz também.

Repentinamente, a penetrante rajada de uma trombeta irrompeu do alto, chacoalhando os fundamentos da nossa casa. Aquela buzina estridente ecoou por todo o meu corpo, começando pela minha cabeça e descendo pela minha coluna, sacudindo meus ossos, e atingiu-me em cheio, fazendo-me voar de volta para minha cama.

Em seguida veio uma segunda rajada, e ainda mais forte, que vibrou por todo o meu esqueleto e me deixou trincando os dentes. Aquele pavoroso barulho me deixou ainda mais feliz. Quando a terceira rajada de trombeta explodiu bem perto da minha janela, eu pensei que ia arrebentar em gargalhadas de júbilo – apesar de aquele barulho extremamente poderoso ter arremessado nossos pratos ao chão e desencadeado uma onda de sons desagradáveis e incongruentes de nossas aterrorizadas vacas e cabras.

Eu saí correndo do meu quarto para fora de nossa casa e fui até a porta dos fundos, gritando para que minha família se juntasse a mim. “Mãe, pai, Aimable, Damascene, Vianney, venham rápido – vocês não vão acreditar no que está acontecendo aqui fora!”

A cor do céu estava mudando mais uma vez, flutuando violentamente de um vermelhão parecido com sangue para um suave tom carmesim que me lembrava das pétalas das rosas prediletas de minha mãe. Nuvens tempestuosas aglomeraram-se no centro do céu e estavam girando em círculo no sentido horário, como um monumental redemoinho. Através da agitação e do barulho provocado pelos animais, que zurravam, eu ouvi as vozes familiares dos meus vizinhos no outro lado da estrada.

“Louvado seja Jesus! Obrigado, Senhor! Nós nos rendemos! É o Fim dos Dias!”, clamou Pasteur Nsengimana, com sua voz vindo de algum lugar acima de mim. Pasteur era um carpinteiro que estava construindo um novo

telhado em uma casa próxima. Ele olhou para baixo e sorriu para mim, depois se levantou do papel de alcatrão sobre o qual estava ajoelhado, limpou a sujeira de suas mãos e tirou da boca os pregos que estava segurando com os lábios.

“Parece que Jesus está voltando hoje... É melhor eu ir buscar a esposa e as crianças. Veremos-nos no Céu, Imaculéé!”, gritou alegremente meu vizinho, enquanto ele descia por sua escada de madeira e corria em direção à sua casa.

Pasteur, bem como todo mundo na extensa família Nsengimana, era um “cristão renascido” – uma seita radical e relativamente desconhecida (a qual eu admirava muito) que ainda estava começando a se firmar em Ruanda quando eu era criança. Ser um “renascido” não era um termo genérico em Ruanda, como é em alguns lugares. Como que eu pude notar a respeito do grupo, e o que eu amava na porção do movimento que vivia em minha aldeia, era o fato de que os seus membros realmente pareciam renascidos, em todos os sentidos. Mesmo os mais obstinados dos pecadores entre eles mudavam para sempre suas vidas após terem aceitado Cristo em seus corações.

Havia em torno de 100 renascidos em Mataba – e enquanto algumas pessoas os consideravam lunáticos delirantes, eu achava que estar perto deles era uma alegria e uma inspiração. Cada um deles trabalhava pesado e não importava o quão inferior ou difícil fosse o trabalho, eles sempre estavam sorrindo e felizes enquanto o desempenhavam. Eles continuamente cantavam hinos e louvores ao Senhor, quer estivessem caminhando pela estrada, quer estivessem arando um campo. Eles tinham sua própria igreja, e eu lembro-me de ficar sentada sob as janelas da capela durante os louvores, porque as suas vozes e as canções que eles entoavam eram muito bonitas. Eles renunciavam aos mais mundanos objetivos e posses bem como a todas as formas de emoções e ações negativas, como contar uma mentira... Você poderia pergunta

qualquer coisa a um renascido, pois eles eram moralmente e espiritualmente obrigados a contar a verdade.

Todo mundo sabia que podia confiar nessas pessoas e é por isso que eu acho que eles sempre tinham empregos e iam bem nos negócios. E as emoções às quais eles renunciavam eram do tipo que distraem a consciência de uma pessoa e permitem ao demônio pular dentro de um coração desprotegido – emoções como o ódio, a inveja e a raiva.

Eu me lembro de assistir uma vez, com desgosto, a um grupo de adolescentes arruaceiros de uma aldeia vizinha que passava pela igreja bem na hora em que o culto estava terminando. Os garotos abordaram Jean-Philippe, um cristão renascido, cunhado de Pasteur, que estava parado nos degraus da frente da igreja conversando com os ministros e outros congregados na companhia de sua esposa e suas cinco filhas.

“Vamos ver se esses malucos fazem o que eles dizem que fazem, vamos ver se dão a outra face... Vamos descobrir se eles realmente não ficam com raiva!”, gritou um dos garotos, enquanto eles rodeavam Jean-Philippe e sua família qual um enxame de vespas aborrecidas. O líder da gangue começou a gritar na cara do homem, xingando-o com os mais horríveis nomes que eu já tinha ouvido e acusando-o de todo tipo de perversão, muitas das quais eu era muito inocente para entender, mas cujo sentido tinha ficado claro pelo tom de voz do garoto.

Jean-Philippe em nenhum momento tirou os olhos do garoto boca-suja, e, após uma série de rápidos movimentos, ele colocou a Bíblia que estava em sua mão em um dos bolsos da jaqueta, levantou ambas as mãos para o ar e depois gentilmente tapou os ouvidos de sua filha mais nova para protegê-la daquele ataque de obscenidades.

“Sinto muito pelo seu sofrimento”, disse baixinho Jean-Philippe, sorrindo para o garoto de um jeito realmente amigável. “Eu posso ver que você está sofrendo, menino. E você deveria saber que Jesus o ama e poderá livrá-lo dessa

raiva se você convidá-lo a entrar em seu coração. Nós podemos conversar sobre isso durante o almoço se você e seus amigos quiserem ir a nossa casa hoje à tarde.”

O líder dos arruaceiros ficou enfurecido. Seus olhos se arregalaram e sua língua pulou para fora de sua boca como se ele fosse um cão extremamente raivoso. Em seguida, ele resmungou alguma coisa e deu um forte tapa no rosto de Jean-Philippe e depois levou as mãos em direção à sua garganta. O clima de tensão foi subitamente quebrado pela voz de um pai irritado gritando com uma de suas filhas. E a filha em questão era eu.

“Immaculée Ilibagiza! Vá para casa agora mesmo!” Do lugar onde eu estava, sentada sobre um toco de árvore situado sob a janela da capela, que eu pensava ser o meu assento privado, vi meu pai parado na rua com um longo e grosso galho de árvore na mão.

Eu já tinha visto aquela vara antes – meu pai a chamava de “aula de correção” e a usava para castigar meus irmãos em seus traseiros nas raras vezes em que eles eram rudes com minha mãe e nas nem tão raras vezes em que eles simplesmente se comportavam mal. Papai não era apenas o disciplinador de nossa família. Ele também era chamado por outros aldeões para disciplinar os filhos deles, lidar com bêbados ou, como neste caso, estabelecer a paz quando ninguém mais conseguia.

Pelo olhar de meu pai e pela forma como ele agarrava o chicote de madeira, eu sabia que era melhor fazer o que ele mandava. Eu corri para casa tão rápido quanto meus pés pudessem correr. Não sei o que ele fez com aqueles garotos, mas eu sei que eles não tiveram a ousadia de mostrar suas caras em nossa aldeia pelos anos seguintes.

Entretanto, eu vi Jean-Philippe e outros membros da comunidade dos renascidos muitas vezes depois daquele episódio. Eles eram exemplos vivos da forma como Maria e Jesus queriam que vivêssemos, conforme disseram aos visionários de Kibeho: devotados a Deus, com almas puras e corações amorosos sempre dispostos a perdoar.

Não era de se admirar que um dos assuntos favoritos da comunidade dos renascidos fosse o Fim dos Dias – todo renascido que eu encontrei em Ruanda vivia cada dia como se fosse o seu último dia na Terra. Eles estavam sempre prontos para se encontrar com o seu Criador quando Jesus retornasse nos últimos dias do mundo para realizar o grande julgamento de todas as almas, no qual Ele decidirá quem poderá ir para o Céu e quem não poderá.

Quando Segatashya começou a ver suas primeiras aparições em público em Kibeho e a falar sobre a preparação para o Fim dos Dias e o Dia do Julgamento – e, como você já deve ter notado, foi sobre isso que ele mais falou –, eu me lembro de ter pensado que ele facilmente poderia ter dito: “Se vocês querem um bom exemplo do que Jesus quer que vocês façam, vão a Mataba e visitem os cristãos renascidos!”

Portanto, não era nenhuma surpresa que Pasteur Nsengimana pudesse aparecer no meu recorrente sonho de infância sobre o Fim dos Dias parecendo estar tão alegre e satisfeito. Ele sabia que estava indo para o Paraíso.

Enquanto meu sonho prosseguia e eu via Pasteur desaparecendo da minha vista para ir encontrar sua família, eu me perguntava por que eu não conseguia encontrar a minha própria família. Então, vi Jean-Philippe com sua esposa e suas cinco garotas correndo para o caminho que segue até as margens do Lago Kivu.

A esposa de Jean-Philippe, Bernadette, que estava limpando suas mãos cheias de farinha de pão com o avental, como se tivesse acabado de colocar um pão no forno quando o Apocalipse começou, insistiu para que eu me juntasse a eles. “Venha conosco, Immaculée. Todo mundo está lá embaixo no lago, esperando por Jesus. Aprese-se, ele está chegando!”

Eu olhei para o céu e o violento turbilhão de nuvens ameaçadoras havia se transformado em uma tranqüila tela vermelha sobre a qual o mais incrível pôr do sol tinha sido pintado. Tudo que havia no mundo agora estava brilhando

sob a beleza dourada e avermelhada que irradiava do sol que se punha. O Lago Kivu cintilava com um esplendor alaranjado, as colinas distantes do Zaire ardiam como pedras quentes de âmbar. Tudo parecia tão acolhedor.

Em seguida, eu tinha deslizado, sem fazer qualquer esforço, sobre a perigosa colina que ficava atrás de minha casa e caía de forma tão íngreme sobre as águas do Kivu. Os caminhos traiçoeiros daquela montanha sempre me aterrorizaram, mas agora a descida era emocionante e divertida. Um momento depois, eu estava em pé na beira da água com meus pais e irmãos. Papai apontou em direção ao céu e sussurrou: “Nós estamos indo para casa, Immaculée!”

Ao olhar para o alto, vi quatro anjos aparecerem nos quatro cantos do céu. Eles pairavam nos confins do firmamento como se estivessem aguardando uma ordem e depois desceram lentamente para a Terra, como belíssimos guerreiros alados que traziam diante de si espadas flamejantes. Depois, em meio aos anjos, apareceu Jesus – ele tinha 10 mil metros de altura e estava envolvido pela luz de 10 mil sóis. Seu tamanho e beleza diminuía as colinas ao seu redor e, quando seus braços se abriram para nós em um gesto de boas vindas, eles pareciam estender-se de uma extremidade do Lago Kivu a outra.

O Senhor disse apenas uma palavra: *Bem-vindos...*

O motorista tirou nosso microônibus da estrada para uma rápida parada e eu acordei enquanto o veículo se sacudia todo e ia parando. Estive dormindo por quase três horas e nós ainda estávamos na metade do caminho. Como não há muitos postos de gasolina entre Kigali e Kibeho, os peregrinos deram uma saída rápida para usar as instalações.

Eu fiquei sozinha no ônibus por um tempo, mais uma vez folheando meu precioso fichário azul que continha muitas das mensagens de Segatashya sobre o Fim dos Dias. Eu pensei sobre o quanto aquele sonho tão familiar a mim, que eu tinha acabado de ter, me deixava tão alegre

por saber que Jesus tinha voltado e me levado para o Céu junto com aqueles que eu mais amava com a segurança dos seus braços bondosos. Mas eu também pensei em como era triste que tantas pessoas que eu tinha conhecido em minha vida tivessem tanto medo do Apocalipse ou daquilo que eu considerava ser a mais agradável e reconfortante das frases: o Fim dos Dias.

Eu acho que é compreensível que as pessoas tenham tanto medo da violência, do sofrimento e do fim a que cada uma dessas coisas pode levar. Afinal, o Fim dos Dias – os dias finais que precedem o retorno de Cristo para o julgamento de todas as almas, depois do qual a Terra será consumida pelo fogo – é retratado na Bíblia como um tempo de grande tribulação. O Apocalipse é descrito como uma era na qual o Demônio irá dominar o mundo pela mentira e pelo engano até o dia em que Deus revelar grandes verdades que foram escondidas do homem e receber todos para o Dia do Julgamento e dar início ao fim do mundo. E o Armagedom é retratado na Bíblia como a batalha entre as forças do bem e do mal que irá assinalar os últimos dias de nosso planeta.

Vamos admitir que tudo isso, tomado em conjunto, pode parecer um pouco assustador se você acha que não irá passar toda a eternidade no Paraíso. Pela forma como eu vejo, se alguém falasse para mim: “Lamento, a vida é dura e tudo o que você irá encontrar pela frente durante os próximos anos, a partir do momento em que o mal começar a reinar neste mundo, será apenas tormento e tortura”, eu também ficaria com medo. Mas, se alguém me dissesse (como Jesus disse na Bíblia) que, se eu passasse 80 anos na Terra e suportasse todo o sofrimento e dificuldade sem perder minha fé e o amor a Deus, eu teria pela frente a possibilidade de passar toda a eternidade junto com as pessoas que eu amo, como eu não ficaria contente com isso? Desde que meu coração esteja puro e repleto de amor, e eu viva da forma como Deus quer, eu sei que vou passar toda a eternidade com aqueles que eu amo e deleitando-me na beleza e no amor do Senhor.

É por essa razão que as mensagens de Segatashya estavam tão focadas em nos preparar para o Fim dos Dias, lembrando-nos que todos nós vamos morrer um dia e que devemos estar sempre cientes desse fato imutável. Jesus disse-lhe que, se os homens e mulheres estiverem preparados para o Dia do Julgamento, o Paraíso será deles. Mas, se as pessoas *não* estiverem preparadas, se elas tiverem abandonado a fé, virado as costas para Deus e buscado o pecado, então tudo estará perdido para elas... Elas não poderão ver o Céu e estarão condenadas a passar a eternidade no inferno.

Esse é o motivo pelo qual eu quero desesperadamente compartilhar com todo o mundo as mensagens de Segatashya sobre o Fim dos Dias. E, enquanto eu olhava aquele fichário azul durante a viagem para Kibeho, prometi a mim mesma que iria colocar no papel suas mensagens sobre esse assunto exatamente da forma como eu as recebi, para que as pessoas pudessem decidir por conta própria como interpretá-las.

O próximo capítulo é uma compilação de mensagens sobre o Fim dos Dias que Segatashya recebeu de Jesus. Leia-o com atenção.

CAPÍTULO 7

O FIM DO MUNDO COMO FOI DITO POR JESUS

Segatashya teve muitas conversas com Jesus a respeito do Fim dos Dias. Muitas delas ocorreram durante as aparições de Nosso Senhor para o jovem visionário entre 2 de julho de 1982 e 2 de julho de 1983. Mais tarde, ele relatou essas conversas em entrevistas gravadas pelos membros da Comissão de Inquérito. O que vai a seguir é um excerto daquelas horas de entrevistas:

Nos últimos dias, o sol ficará muito quente, e inúmeras pessoas morrerão de fome e de outras calamidades que se seguirão a essa escassez. Haverá muitas tentações do demônio nessa época, pois a Terra passará pelo maior sofrimento que ela já viu, maior do que qualquer coisa que tenha ocorrido antes.

Quando você vir guerras irrompendo entre as diferentes religiões do mundo, você saberá que o meu retorno está próximo. Quando você testemunhar guerras religiosas, você saberá que estou a caminho. Uma vez que as guerras religiosas comecem, nada irá pará-las.

Perto do fim haverá guerras e nação irá se voltar contra nação e religião irá se voltar contra religião. Mas as famílias também lutarão entre si – os pais se voltarão contra seus filhos, e filhos e filhas irão lutar uns contra os outros. Muitas misérias sucederão porque o mundo continuará se recusando a se arrepender.

Senhor, por que as religiões entrarão em guerra, se todas elas trabalham para você?²⁵

Porque em todas as religiões há muitos que dizem acreditar no amor de Deus, mas que não acreditam verdadeiramente. A guerra chegará porque muitos dizem que amam, mas eles não têm nenhum amor por Deus ou pelo homem em seus corações.

²⁵Faz-se necessário reafirmar: "(...) toda a salvação vem de Cristo-Cabeça por meio da Igreja, que é o seu corpo. Portanto não poderiam ser salvos os que, conhecendo a Igreja como fundada por Cristo e necessária à salvação, nela não entrassem e nela não perseverassem. Ao mesmo tempo, graças a Cristo e à sua Igreja, podem conseguir a salvação eterna todos os que, sem culpa própria, ignoram o Evangelho de Cristo e a sua Igreja mas procuram sinceramente Deus e, sob o influxo da graça, se esforçam por cumprir a sua vontade, conhecida através do que a consciência lhes dita" (Compêndio do CIC, n. 171).

Como será possível que pais e filhos declararão guerra uns aos outros quando há tão fortes laços de amor unindo um pai e um filho?

As famílias começarão a lutar entre si quando os seres humanos ficarem exaustos de viver em um mundo com tanto sofrimento. As pessoas estarão cansadas do mundo e o mundo estará cansado das pessoas. O pecado do homem se tornará tão grande que da miséria nascerá mais miséria. As mães preferirão ser estéreis em vez trazer uma criança a este mundo com tanta dor. Homens maduros estarão tão cansados de viver que chorarão e implorarão para morrer, para dar fim à sua perturbação.

Haverá muitos terremotos em todos os cantos do globo. Em alguns lugares o calor do sol será tão implacável que a terra secará e as colheitas morrerão ano após ano. Os ventos tomarão conta da terra e chuvas intermináveis causarão grandes inundações. A fome se espalhará por muitas nações. Muitos lutarão uns contras os outros por comida e multidões morrerão famintas.

Sabendo que o mundo estará tão cheio de pecado e que todas essas coisas terríveis irão acontecer, Senhor, por que você criou o homem com tanta fraqueza e propensão ao pecado? Você é onisciente e, portanto, sabia muito bem que, quando criou Adão e Eva, todas as gerações da humanidade que viriam depois não seriam fortes o bastante para resistir às tentações.

O homem foi criado com a fraqueza, mas ele não tem que permanecer fraco. Eu vim para a Terra e nasci da carne e do sangue para ser um exemplo vivo do que era possível para a humanidade. Eu mostrei aos homens o caminho a ser seguido na vida e o caminho para o Céu. Eu vim ao mundo como homem, e mostrei a todos os homens como sofrer as dores do mundo e como amar a Deus. Eu vim para salvar o homem porque vi as dificuldades que ele estava tendo ao tentar levar uma vida pura e devota.

Eu desci do Céu para curar os pecados do mundo e a humanidade viu o que eu suportei por causa de tais pecados: deixaram-me nu, espancaram-me e crucificaram-me; e todos tiveram que suportar o peso de testemunhar isso. Eu morri para a salvação do homem; então, para que ele tenha essa salvação, ele deve me convidar para morar em seu coração antes do último dia. E o último dia chegará não porque as pessoas sejam más, mas porque Deus criou o mundo sabendo que acabaria um dia.

O mundo irá acabar, com ou sem a humanidade, mas todos os transtornos, misérias e sofrimentos que acompanham

o último dia recairão sobre o mundo por causa dos pecados da humanidade.

Qualquer um que aceitar o meu amor e se arrepender de todos os seus pecados será perdoado por tudo, e eu irei amá-lo. Mas aqueles que se recusam a se arrepender dos seus pecados guardarão tais pecados como uma marca em suas almas, e eu lhes mostrarei a minha ira.

É por isso que, quando eu voltar para o Dia do Julgamento, eu julgarei primeiro aqueles que se recusaram a se arrepender. E eles ficarão enormemente aflitos e entristecidos, mas as suas tristezas virão tarde demais – e eu despejarei tribulações e mais tribulações sobre eles. Minha ira para com eles será feroz e meus sete arcanjos irão espalhá-la pelos quatro cantos do planeta. Meus arcanjos castigarão com a minha ira todos aqueles que se recusaram a se arrepender dos seus pecados. Haverá muito sofrimento e tribulação.

Mas, por causa de tais tribulações que recairão sobre os pecadores, haverá muita raiva contra os meus filhos por eles terem acreditado em mim. Os pecadores perseguirão aqueles que são fiéis a Deus e os arrastarão para fora dos seus templos e os espancarão nas ruas. Mas eu peço para que os meus filhos não me neguem, não importa o quanto tenham que sofrer por isso... Eu sempre estarei com eles nos momentos de aflição.

E as coisas ficarão ainda piores no mundo por causa daqueles que dão as costas ao arrependimento. Os corações dos homens estarão tão cegos para a verdade de Deus que um exército de demônios irá ficar de prontidão sobre toda a Terra. E muitos afirmarão ser eu, o Senhor Jesus. Eles prometerão acabar com toda a miséria e dissipar todo o sofrimento. Cuidado com esses demônios, pois o único desejo deles é seduzir o homem e levá-lo para o mal.

Como poderemos reconhecer esses demônios e como poderemos sobreviver a tais lutas no Fim dos Dias?

Quando você ouvir alguém que alega ser eu ou agindo em meu nome, mas que usa palavras que contradizem o que eu disse na Bíblia, você saberá que eles são demônios tentando afastá-lo da Luz de Deus. Para derrotar essas forças, as pessoas devem orar, se confessar e se arrepender.

Diga a todas as pessoas do mundo que, a partir de hoje, elas devem praticar penitência, pois não falta muito tempo para que o Demônio venha à Terra para tentar a humanidade a fazer com que ela se desvie do caminho da retidão.

Fale para todas as pessoas lerem a Bíblia e encontrar nela as minhas palavras, fale para elas acreditarem em cada uma das palavras que eu pronunciei e viverem de acordo com elas. O último dia tem duplo sentido. O primeiro sentido se aplica à alma individual – para cada uma das pessoas, o último dia será o dia de sua morte. O último dia para toda a humanidade será o dia da minha Segunda Vinda. Ao fim de cada dia, toda pessoa está um dia mais próxima do encontro com Deus.

Se eu temo pelo que acontecerá nos últimos dias, não vai todo mundo ficar com medo também?²⁶

Não tenha medo, mas tenha fé! Pois aqueles que amam a Deus e fazem o bem irão comigo para o Céu e nunca mais serão tentados. Mas apresse-se, pois falta pouco tempo!

Diga às pessoas que, se elas tiverem a mim dentro dos seus corações, elas não precisam ter medo do sofrimento dos últimos dias. Mas elas precisam ser fiéis a Deus e cautelosas em relação aos truques e enganos que o Demônio irá empregar com o objetivo de levá-las ao pecado e à escuridão. Nos dias finais, Satanás virá e alardeará que ele é o grande líder dos homens, que ele pode dar um fim às secas e às inundações, que ele pode curar os milhões de pessoas que estarão doentes. Ele poderá realizar milagres, ele irá se gabar dos seus grandes feitos, e pessoas do mundo inteiro acorrerão a ele chamando-o de Cristo... Mas ele não é o Cristo, ele é Satanás disfarçado. Ele alegará estar fazendo o que Cristo fez no passado – curando os doentes e alimentando os famintos –, mas será mentira. Ele poderá deslumbrar e confundir muitas pessoas com falsos milagres, ele poderá curar alguns doentes e alimentar alguns famintos – mas seus milagres são armadilhas para enredar os corações e almas humanas.²⁷

²⁶“O Juízo Final acontecerá por ocasião da volta gloriosa de Cristo. Só o Pai conhece a hora e o dia desse Juízo, só Ele decide de seu advento. Por meio de seu Filho, Jesus Cristo, Ele pronunciará então sua palavra definitiva sobre a história. Conheceremos então o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais sua providência terá conduzido tudo para seu fim último. O Juízo Final revelará que a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas por suas criaturas e que seu amor é mais forte que a morte (Ct 8,6)” (CIC, § 1040. Grifo nosso).

²⁷Acerca dos fenômenos realizados por anjos, bons ou maus, diz-nos o Cardeal Lépicier: [...] os fenômenos originados pelo poder angélico, quer direta quer indiretamente, revestem notáveis características, não só quanto à sua extensão como quanto à sua diversidade. Como, por um lado, estes espíritos puros possuem um conhecimento das leis físicas e químicas que excede grandemente o nosso, e, por outro lado, o seu poder é de muito maior

Durante o Fim dos Dias, Satanás irá fazer o possível para distrair as pessoas da minha verdade e afastar a humanidade do caminho que conduz ao Céu. Alguns homens trabalharão para o Demônio naqueles dias e tentarão confundir outros dizendo que todas as diferenças entre Satanás e Deus não são importantes, que Deus e o Demônio são irmãos e que os problemas que eles tiveram no Céu são apenas brigas de família que não dizem respeito ao homem. Não acredite nisso! Deus é o Todo-Poderoso e não tem nenhum irmão... Acredite apenas nas palavras de Deus conforme você pode encontrá-las na Bíblia.

Não confie em qualquer um que chegue chamando a si mesmo de Jesus ou dizendo que é Jesus em sua Segunda Vinda. Quem quer que diga isso é um mentiroso. Muitos espalharão rumores de que Cristo já veio e apontarão para alguém que eles alegam ser eu... Não o adore. Permaneça fiel a mim e me chame em oração. Eu irei encontrá-lo onde quer que você esteja.

Se eu andar entre os homens, eu não o farei com grande estardalhaço e ostentação. Eu silenciosamente curarei os doentes, devolverei a visão aos cegos e abrirei os ouvidos dos surdos. Eu alimentarei nações sem buscar louvor; eu passarei pelo mundo sem ser notado e prestarei atenção naqueles que permaneceram fiéis a mim. Ore a mim e confie em mim, e eu irei encontrá-lo onde quer que você esteja – se você estiver no topo de uma montanha, eu irei encontrá-lo; se você estiver embaixo de uma ponte, eu irei encontrá-lo. Invoque-me em busca de força e coragem nos dias negros que virão e eu lhe darei força.

No Fim dos Dias haverá muitos milagres falsos; não acredite neles, pois não virão de Deus. Quaisquer milagres que se originarem de mim serão milagres do coração. Quando eu vier, colocarei amor nos corações dos homens e mulheres que são fiéis a mim. Em todos os lugares do mundo as pessoas começarão a ter sonhos comigo e ficarão repletas do Espírito

alcance, podemos assegurar que dificilmente se encontrarão neste mundo alguns fenômenos que não possam ser provocados pelos anjos, duma ou doutra maneira. E esses fenômenos são, por vezes, tão surpreendentes que nos chegam a parecer verdadeiros milagres. Mas, nesse caso, *não se trata de milagres*, porque, embora tais fatos ultrapassem o *poder do mundo visível*, até onde tal poder é por nós conhecido, não excedem o poder dos anjos. O milagre, que excede todos os poderes do mundo visível e do mundo invisível, só *pode ser atribuído a Deus (...)*" (Cardeal Alexis Marie Lépiciér, *The Unseen World*, Parte III, v, p. 66, Benzinger Brothers, Nova Iorque, 1906. Grifos nossos).

Santo. Mas os pecadores não ficarão cheios do Espírito Santo e sairão em busca dos demônios que alegam representar Deus.

Satanás virá às nações assoladas pela fome com grande quantidade de comida, mas, em troca disso, ele esperará ser louvado. A comida que as pessoas pegarão de suas mãos para alimentar seus corpos famintos não irá nutri-las e envenenará suas almas – não coma tal tipo de comida. Essa comida cegará o coração das pessoas para o amor e a verdade de Deus, fortalecerá a ganância do homem e semeará o ódio nos corações das pessoas – ela vai colocar nação contra nação e vizinho contra vizinho.

É melhor passar fome do que adorar um falso deus. Se o seu estômago dói, não procure alimento com aquele que pede para ser adorado – ore para mim e eu irei ampará-lo.

Senhor, você diz que haverá muitas misérias no Fim dos Dias e que muitos demônios tentarão enganar a humanidade e levá-la ao caminho do pecado e da danação. Como você irá proteger aqueles que o amaram e obraram em seu nome fielmente durante toda a vida, mas que caíram na armadilha do demônio nos dias finais? E o que acontecerá com aqueles que sempre foram bons, mas que foram cegados por Satanás bem no último momento? Não parece justo que a eternidade no Paraíso seja negada a alguém que sempre tenha sido um servo fiel de Deus, mas que errou bem no Fim dos Dias.

Eu sou Todo-Poderoso e tenho o poder de ver o coração dos homens. No Dia do Julgamento, eu olharei o coração de todas as pessoas para ver se eram verdadeiros crentes os que foram abatidos na batalha entre Deus e Satanás no Fim dos Dias... Se eles foram verdadeiros crentes até o fim, eu os salvarei.²⁸

E o que acontecerá com aquelas pessoas que agiram errado e não deixaram você, Senhor, entrar em seus corações durante toda a vida, mas que também não participaram na luta do demônio contra Deus durante o Fim dos Dias?

Essas pessoas trabalharam durante toda a vida a favor do demônio e não de Deus, e não terão lugar no Céu. Será muito tarde para essas pessoas; o simples fato de alguém não ter

²⁸“Os filhos da Santa Igreja, nossa Mãe, esperam justamente a graça da perseverança final e a recompensa de Deus, seu Pai, *pelas boas obras* realizadas com sua graça, em comunhão com Jesus. Observando a mesma regra de vida, os fiéis cristãos partilham ‘a feliz esperança’ daqueles que a misericórdia divina reúne na ‘Cidade santa, uma Jerusalém nova que desce do céu de junto de Deus, preparada como uma esposa’ (Ap 21, 2)” (CIC, § 2016. Grifo nosso).

*agido em favor do demônio no Fim dos Dias não quer dizer que o seu coração estava convertido a Deus.*²⁹

O que acontecerá no último no dia?

No último dia, o planeta irá tremer e a alegria dos justos será imensa. Um grande arco-íris, de incontáveis cores, atravessará o céu e uma nuvem branca irá se formar. Nesse momento, você me verá emergir da nuvem carregando a minha cruz. Eu vou enviar todos os meus anjos ao redor da Terra para juntar todas as pessoas do mundo. Minha cruz fará os bons e os maus estremecerem. E, então, julgarei todas as almas diante de mim, decidindo quem agiu fielmente em favor do Senhor e quem não, e atribuirei a cada pessoa o lugar que ela merece na eternidade.

Todo o sofrimento do Fim dos Dias estará acabado e todas as lutas da vida sobre a Terra terão indo embora para sempre. Ninguém mais precisará se arrepender – pois, para os justos, que se arrependeram durante toda a vida, será a hora de se regozijar no Paraíso. E, para os maus, será tarde demais para se arrepender.

A alma nunca morre e toda alma pertence a Deus. No último dia, as almas que conquistaram um lugar no Reino de Deus sairão da Terra sem levar nada com elas. Aqueles que rejeitaram a Deus e foram julgados pecadores obstinados descerão aos infernos, onde padecerão a morte eterna. Aqueles que amaram e serviram a Deus subirão ao Céu, onde passarão a vida eterna no Paraíso.

*Após todas as almas escolhidas por Deus terem ido ao Céu, um grande fogo irromperá das profundezas da Terra e o mundo será consumido em chamas. E todos aqueles que rejeitaram o Senhor e se recusaram a crer queimarão no fogo.*³⁰

²⁹“Chamado à felicidade, mas ferido pelo pecado, o homem tem necessidade da salvação de Deus. O socorro divino lhe é dado, em Cristo, pela lei que o dirige e na graça que o sustenta: ‘Trabalhai para vossa salvação com temor e tremor, pois é Deus quem, segundo a sua vontade, realiza em vós o querer e o fazer’ (Fl 2,12-13)” (CIC, § 1949).

³⁰“A ressurreição de todos os mortos, ‘dos justos e dos injustos’ (At 24,15), antecederá o Juízo Final. Este será ‘a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento’ (Jo 5,28-29). Então Cristo ‘virá em sua glória, e todos os anjos com Ele. [...] E serão reunidas em sua presença todas as nações, e Ele há de separar os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e por as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. [...] E irão estes para o castigo eterno, e os justos irão para a Vida Eterna’ (Mt 25,31-33.46)” (CIC, § 1038).

Algumas almas passarão pelo purgatório em seu caminho para o Céu no Fim dos Dias?

No momento em que o mundo acabar, o purgatório deixará de existir. O purgatório é para aqueles que foram bons em vida, mas que morreram com alguns pecados em suas almas e precisam ser purificados antes de entrar no Céu. Mas todo o sofrimento que essas boas pessoas suportarão no Fim dos Dias será o bastante para purificar suas almas; após isso, elas entrarão no Paraíso imediatamente. Por isso, o purgatório não será mais necessário. Após o Dia do Julgamento, todas as almas estarão no Céu ou no inferno por toda a eternidade.

Por que você simplesmente não diz às pessoas quando será o Dia do Julgamento para que elas possam se converter agora e terem certeza de que vão entrar no Céu?

Em primeiro lugar, eu não sei em que dia será. Apenas Deus Pai sabe o dia exato em que o mundo acabará. Mas, se eu soubesse quando seria o último dia, não contaria às pessoas. Se elas estivessem a par do dia em que o mundo fosse acabar, elas se converteriam por medo e não por amor a Deus. E o Céu é apenas para aqueles que estão com o coração repleto do amor de Deus.

Mas é vital não se preocupar com o último dia coletivo. A coisa mais importante para as pessoas e com a qual elas mais devem se preocupar é com os seus últimos dias individuais, pois eles podem acontecer a qualquer momento e deve-se sempre ter certeza de que a alma está pronta para o encontro com o Senhor. Pois a pessoa que morrer cheia de pecados ressuscitará cheia de pecados... E a pessoa que morrer sem pecados ressuscitará sem pecados.

CAPÍTULO 8
JORNADAS MÍSTICAS E OS
AMOROSOS BRAÇOS DE MARIA

Duas semanas após ter deixado a casa do Dr. Bonaventure, munida de um fichário cheio de mensagens de Segatashya, eu estava voando a 10 mil pés de altura sobre Ruanda. Eu olhava, através das nuvens fofas e brancas, para Kibeho, lá embaixo, e me perguntava como Jesus e Maria tinham se sentido quando desceram do Céu para conversar com o jovem visionário. Do alto, o mundo parecia tão pequeno e as pessoas tão minúsculas que me vi obrigada a me perguntar por que Jesus e Maria se preocupavam conosco.

Quando terminei minha viagem a Kibeho com o meu grupo de peregrinos americanos (uma peregrinação maravilhosa, que irei contar com mais detalhes em um próximo livro), retornei à casa do Dr. Bonaventure para fazer-lhe uma breve visita e pegar mais fichários e cadernos abarrotados com transcrições de entrevistas com Segatashya.

Enquanto dava início à minha longa viagem de volta para os Estados Unidos, comecei a folhear as páginas do primeiro caderno que estava em minha pilha. Era um caderno que continha relatos detalhados do próprio Segatashya a respeito das viagens que ele fez sob o comando do Senhor com o objetivo de transmitir suas mensagens em Burundi e Zaire (atualmente Congo), países vizinhos de Ruanda. Inclinei-me sobre a janela do avião e pude ver a vastidão do Congo se estendendo debaixo de mim. Era um lugar selvagem, instável e muitas vezes inacreditavelmente perigoso.

Eu pensei no quanto era fácil, para mim, navegar a milhares de pés de altura acima dos riscos e desafios que encaravam as pessoas que tinham que passar pelo Congo ou Burundi por terra. Não conseguia imaginar como o

pobre e ignorante Segatashya, mesmo contando com a Divina Providência, conseguiu realizar uma façanha tão desafiadora. Eu não podia esperar para descobrir e me preparei para ler tudo sobre isso durante minha viagem de 13 horas para Nova York.

Porém, enquanto “passeava” pelas folhas, procurando a história da expedição de Segatashya ao Burundi, topei com um tipo de jornada completamente diferente da que ele tinha feito. Era uma jornada em direção às profundezas do imenso sofrimento de Jesus, na qual ele foi guiado pela Santíssima Virgem.

Maria apareceu pela primeira vez para Segatashya em 1 de setembro de 1982, quase dois meses após a primeira aparição de Jesus para ele. Quando a Comissão de Inquérito pediu a Segatashya que fizesse uma descrição de Maria, ele ficou sem palavras. Contudo, ele respondeu de forma diligente a todas as perguntas sobre Maria feitas pela Comissão ao longo dos anos seguintes.

Aqui está um trecho:

PERGUNTA: Obrigado por ter voltado aqui para dar prosseguimento às perguntas, Segatashya. Hoje é 8 de setembro e, na última vez em que nos reunimos com você, em agosto, você relatou que viu mais de uma dúzia de aparições de Jesus, mas que naquele tempo a Virgem Maria não tinha aparecido para você em Kibeho.

SEGATASHYA: Está certo. As primeiras aparições que vi foram todas na casa dos meus pais ou próximas a ela. Depois, Jesus me disse para ir a Kibeho, para que ele pudesse me ensinar mais mensagens. Nessa altura, ele começou a aparecer para mim enquanto eu estava no palco onde as estudantes viram as aparições da Virgem Maria. Na semana passada, quando Jesus apareceu para mim, ele me mostrou algo muito especial. Ele veio com Maria, sua mãe, e disse: *Esta é minha Mãe. Ela é aquela que dá as graças sobre as quais você já ouviu falar. Eu quero que você a respeite da mesma forma como me respeita, e quero que você a ame da mesma forma como ama a si mesmo.*

PERGUNTA: Você consegue descrever em detalhes como era a Virgem Maria quando ela apareceu para você?

SEGATASHYA: Como eu posso descrever a beleza absoluta? Eu vou tentar, com as minhas pobres palavras, dar-lhe alguma idéia de como era a aparência dessa maravilhosa senhora. Ela apareceu para mim envolvida por uma brilhante névoa de luz branca e flutuava no ar na minha frente. A princípio, tudo que eu conseguia ver era a luz, uma luz suave, afetuosa e receptiva que dava a impressão de que ela estava me segurando em seus braços e me ninando da mesma forma como minha mãe costumava fazer.

Vagarosamente, Maria começou a tomar forma no meio da névoa. Eu realmente não sei dizer qual era a idade dela... Ela irradiava a jovialidade e a beleza de uma mulher bastante jovem, mas você podia sentir a sabedoria e a bondade que existia em seus cintilantes olhos castanhos... O amor que apenas uma mãe pode possuir.

Sua pele não possuía nenhuma mácula. Era de cor clara, mas não era branca... É muito difícil descrever o verdadeiro tom e o aspecto da pele dela, pois, como acontecia com seu filho, Jesus, uma maravilhosa luz dourada irradiava do seu interior e brilhava ao seu redor. Ela brilhava como um perfeito pôr do sol em um lago tranqüilo e puro. E ela parecia macia e suave como uma pomba.

Ela vestia um longo e imaculado vestido branco que era feito de uma única peça de roupa, como uma túnica. Esse vestido caía a seus pés e não possuía costuras. Havia uma faixa azul ao redor de sua cintura, e sua cabeça estava coberta por um véu de cor pérola que ia até os ombros.

PERGUNTA: Você pode nos dizer qual foi a mensagem que Maria lhe deu no seu primeiro encontro com ela?

SEGATASHYA: Na verdade, não houve mensagem da Virgem Maria para mim. Ela apenas me disse uma coisa: *Meu filho, sempre me respeite e sempre me conte qualquer coisa que o esteja incomodando ou deixando-o triste. Eu sou sua Mãe do princípio ao fim.*

Isso foi tudo o que ela disse – ela não me deu nenhuma mensagem para transmitir ao mundo. Eu não consigo nem me lembrar se ela me falou mais alguma coisa após essas primeiras palavras. Mas eu sei que, durante todo o tempo que passei com ela naquele dia, ela estava me mostrando o quanto me amava. Embora ela estivesse flutuando acima de mim, eu me sentia como se estivesse envolvido pelos seus braços amorosos o tempo todo. Enquanto ela me envolvia, eu não tinha aflições, problemas, necessidades ou preocupações. Ela é a mãe mais amorosa do mundo, e não há nenhum lugar no qual eu mais queira estar do que nos braços dela. Quando ela me deixou, para retornar ao Céu, eu tive vontade de chorar.

Vários meses depois, a Comissão se encontrou novamente com Segatashya para lhe perguntar sobre as aparições de Maria que ele tinha visto:

PERGUNTA: Boa tarde, Segatashya. Hoje é 8 de abril de 1983 e a última vez que conversamos foi durante a segunda semana de setembro, no ano passado. Naquela época, você tinha recebido apenas uma visita da Virgem Maria. Entendemos que, desde então, além das aparições de Jesus, a Bem-Aventurada Mãe apareceu para você mais dez vezes. Você pode fazer o favor de nos dizer se, durante essas visitas, você recebeu qualquer mensagem especial da Virgem Maria, ou se ela compartilhou com você quaisquer segredos sobre os quais você possa falar conosco?

SEGATASHYA: Não, a Virgem Maria não me contou nenhum segredo, e ela não me deu nenhuma mensagem para ser transmitida. Maria me visitava apenas para mostrar o quanto me amava e para me ensinar coisas que eu deveria saber – como rezar o Rosário todos os dias e me instruir sobre como me comportar melhor. Como eu já disse, ela é uma mãe muito boa e muito amorosa para mim.

Há uma coisa em especial que ela me ensinou que talvez possa interessá-lo. Ela me ensinou uma canção que é mais ou menos assim:

Jesus disse a todos os seus discípulos

para deixar tudo o mais para trás, e segui-lo.

Eles tinham muitas riquezas e apegos mundanos,
mas eles deixaram tudo para trás para segui-lo,

Jesus, o Salvador do Homem.

Jesus lhes contou sobre as maravilhas de Deus,
sobre as graças que Deus derrama sobre o homem.

Jesus disse a seus discípulos: “Venham comigo para o Céu,
alegrem-se e nunca fiquem com o coração abatido”.

Todos nós devemos segui-lo agora, em direção a Deus,
o Deus que nos criou e nos deu a vida,
o Deus que vive dentro de nós e nos guia para sua luz.

PERGUNTA: Obrigado por nos mostrar essa canção, Segatashya. Agora, gostaríamos de lhe perguntar algo que ouvimos dizer que aconteceu com você e que está relacionado à Maria, quando você perguntou a Jesus sobre o sofrimento que Ele passou enquanto esteve na Terra. Nossos registros dizem que essa experiência ocorreu em 15 de novembro... Por favor, conte-nos o que aconteceu naquele dia.

SEGATASHYA: Naquele dia eu estava perguntando a Jesus sobre o sofrimento que ele tinha suportado para lavar os pecados do homem. Jesus me falou tudo sobre as torturas que ele teve de agüentar, aquelas que estão registradas na Bíblia. Ele me contou sobre os espancamentos, sobre Ele ter sido obrigado a carregar a própria cruz, o açoitamento, a coroa de espinhos que colocaram em sua cabeça, a forma como pregaram suas mãos e pés na madeira e enfiaram uma lança em seu peito. Mas Jesus disse que sofreu outras 15 torturas, sobre as quais as pessoas não sabem muita coisa.

Evidentemente, eu queria estar a par de cada uma das dores que o Senhor sofreu por nós, porque ele passou por isso para a nossa salvação. Então, eu pedi a ele que me contasse quais foram essas torturas. Vendo agora, foi um grande erro de minha parte, mas parecia uma boa idéia naquele momento.

Jesus perguntou: *Você realmente quer saber o que eu suportei durante aqueles 15 sofrimentos? Muito bem, meu filho, espere um momento e não saia daqui.* Em seguida, ele voltou para o Céu e mandou sua Mãe aqui para baixo para ver-me.

Eu estava realmente empolgado e contente porque pensava que ia conhecer certos segredos, coisas escondidas que seriam reveladas a mim.³¹ Pensei que estava prestes a embarcar em uma jornada mística de revelação. Eu apenas não sabia que também seria uma jornada mística de dor.

Alguns momentos depois, Maria apareceu diante de mim, saudando-me com todo o seu amor. Em seguida, ela me perguntou: *Você está preparado para conhecer as coisas que você pediu para serem reveladas?*

“É claro que sim, Mãe!”, disse eu, alegremente. “É muito bom aprender tantas lições sobre a fé e ser ensinado sobre as coisas que eu quero...”

Antes que eu tivesse a chance de terminar a frase, caí no chão e me senti como se alguém estivesse arrebatando meu corpo com golpes de porrete e barras de ferro.³² Eu gritei de dor. Tudo em volta de mim estava escuro – eu estava viajando por uma paisagem de puro sofrimento. Eu tentava me levantar, mas um peso enorme e esmagador continuamente me lançava de novo ao chão, como se grandes rochas estivessem sendo atiradas do alto sobre mim.

³¹Provavelmente se refira às 15 Dores Secretas de Nosso Senhor em sua Paixão, devoção oriunda de uma revelação privada de uma religiosa Clarissa, Irmã Maria Madalena, de Roma, muito difundida em devocionários e folhetos.

³²Trata-se de uma descrição de uma “participação” na Paixão de Nosso Senhor.

“Mãe, por quê?! Por que você está fazendo isso comigo?”, gritei, em um estado de absoluto medo e agonia. Não houve resposta, apenas mais e mais pancadas quebrando meus ossos e rasgando minha pele.

“Por favor, Mãe, fale comigo! Talvez seja melhor esquecermos o nosso encontro de hoje! Eu acho que não era isso que Jesus tinha em mente quando ele lhe pediu para me ensinar uma lição. Eu já entendi! Já aprendi o suficiente!”

Maria permanecia em silêncio, e aquela dor esmagadora continuava a massacrar meu corpo. Eu me levantei e tentei correr para me abrigar, mas, toda vez que eu fazia força para ficar em pé, outra pancada me acertava bem no rosto. Meus olhos ficaram tão inchados que se fecharam. Eu me sentia como se minha coluna tivesse sido partida em duas e os ossos de minhas pernas esmigalhados.

Após ter sido brutalmente jogado ao chão por seis vezes seguidas, finalmente decidi ficar abaixado. Eu pensei que, se ficasse esparramado no chão, meus torturadores invisíveis poderiam se cansar de me bater ou poderiam não mais notar minha presença. Mas não era para eu ter paz. Tão logo parei de resistir e fiquei imóvel, uma força invisível levantou-me no ar e, na hora em que eu ficava em pé, me batia novamente contra o chão.

Parecia que o espancamento não acabaria nunca, mas, depois que meu rosto foi esmagado no chão pela décima quinta vez, o poder que me tinha em suas mãos, qualquer que fosse ele, decidiu me libertar.

Eu deitei-me com minhas costas doendo tanto que eu mal conseguia respirar. Eu tinha certeza de que minha caixa torácica estava moída e meus pulmões rasgados. Eu não sei por quanto tempo permaneci inerte na escuridão, mas eu estava inteiramente convencido de que nunca mais conseguiria abrir meus olhos ou caminhar novamente.

Após o que me pareceu ser uma eternidade, os meus arredores começaram a brilhar e a Virgem Maria retornou com seu familiar círculo de luz dourada. Em sua presença, a agonia que consumia meu corpo e mente foi instantaneamente dissipada. *Meu pobre filho*, disse ela, tranqüilizadora. *Eu sempre estive aqui para aliviar a sua dor. Agora você conhece alguns dos sofrimentos que o meu Filho teve que suportar para tirar os pecados do mundo.*

Após ter dito isso, Maria retornou ao Céu e Jesus reapareceu ao meu lado.

Ele me perguntou: *Como foi o encontro com minha Mãe?*

Ela respondeu a todas as suas perguntas satisfatoriamente? Ela te explicou tudo que você queria saber?

Antes de responder ao Senhor, eu passei minhas mãos em meus braços, pernas e peito, e fiquei maravilhado ao descobrir que todos os meus ossos e órgãos pareciam estar intactos. Em seguida, voltei-me para ele e disse rapidamente: “Ah, sim, nós tivemos uma ótima conversa, Senhor. Foi tudo muito, muito bem. Nós tivemos uma conversa muito agradável e depois ela me ensinou uma nova canção. Nós nos demos muito bem e ficamos ambos muito contentes”.

Jesus respondeu: *Sério? Foi tudo bem? Você não teve nenhum problema com o que ela te mostrou? Nada do que ela falou ou fez te causou qualquer desconforto? Você não tem nenhuma reclamação que eu possa falar para ela mais tarde?*

“Não, Senhor, nenhuma queixa de minha parte. Eu não poderia estar mais feliz!”

Eu sei que é errado mentir para Jesus, mas eu pensei que, se reclamasse da forma como Maria me mostrou o sofrimento dele, ele pediria para ela repetir a lição no mesmo instante – e, falando bem francamente, eu achava que, se ela me submetesse àquilo novamente, eu certamente morreria!

PERGUNTA: Sua história nos emocionou, Segatashya. Nós ouvimos dizer que você também sofreu durante um jejum prolongado [que foi constantemente monitorado por enfermeiras] ao longo da Quaresma de 1983. Pode nos dizer algo sobre isso?

SEGATASHYA: Ah, sim. Eu tive sofrimento em abundância durante a Quaresma, mas ele não foi provocado pela Virgem Maria... Era o Senhor que estava por trás de tudo. Ele me disse que jejuou enquanto estive na Terra e queria que eu fizesse o mesmo.³³ Depois, ele me instruiu a não comer e beber nada por 15 dias, começando em 7 de março. Ele me disse também que eu teria que passar 22 dias sem poder ouvir ou falar.

³³Esta inédia, isto é, abstenção de alimentação, foi observada em Kibeho, e analisadas por uma comissão médica em Emmanuel Segatashya, Agnes Kamagaju e em Anathalie Mukamazimpaka. Sobre o jejum de Segatashya, a Comissão Médica concluiu que ele esteve em jejum total por 7 dias, de 7 a 14 de março de 1983. Não encontrando para tal nenhuma explicação psicológica, retomou posteriormente normal e abundantemente a alimentação, não se encontrando nenhuma explicação para tal fenômeno. O Prof. Boufflet questiona o que pensar deste jejum já que, dos três visionários analisados e que passaram por tal abstinência, somente um está entre a lista dos aprovados pelo Decreto diocesano, Anathalie Mukamazimpaka (cf. Joachin Boufflet, *Encyclopédie Des Phénomènes Extraordinaires Dans La Vie Mystique*, T. 2, Paris, Le jardin des livres, 2004, pp. 70-72).

Bem, eu percebi na hora que não conseguiria ficar 15 dias sem comer na casa dos meus pais... Minha mãe certamente me forçaria a comer no instante mesmo em que ela ouvisse meu estômago roncar. Então, eu me mudei para a casa do nosso pároco, que me convidou para ficar com ele enquanto eu jejuava.

Em 7 de março, eu fiz a promessa de não comer e beber; e, passadas algumas horas, eu já não podia mais ouvir e nem falar. No terceiro dia do meu jejum, o padre ficou preocupado com minha saúde e me levou para a casa do bispo. Durante todo o tempo eu sabia apenas vagamente o que estava acontecendo; eu sentia que estava desconectado do mundo e pairava lentamente em direção a um lugar muito próximo do Senhor.

Em 13 de março, no sexto dia do meu jejum – quando minha garganta estava extremamente seca, a ponto de eu querer engolir minha própria língua –, Jesus apareceu e disse-me que eu deveria beber uma xícara de chá sem leite ou açúcar. Fiquei horrorizado e disse-lhe que nunca bebi chá sem leite ou açúcar. Mas o Senhor insistiu, dizendo que, quando ele estava morrendo na cruz e sofrendo de grande sede, foi-lhe oferecida uma bebida amarga similar. Ele queria que eu experimentasse um pouquinho do sofrimento que ele teve que suportar.

Eu continuava odiando a idéia de ter que tomar um chá tão insosso. Então, eu lhe disse: “Minha família está acostumada a tomar chá de um jeito muito particular, e eu realmente preferiria que você me desse água pura em vez de chá sem leite ou açúcar. Por favor, me perdoe, mas eu não quero o seu chá”.

Jesus disse: *O que você pensa sobre o fato de que está recusando o mesmo chá que me foi oferecido?*

“Sim, eles te ofereceram o chá, mas você não o tomou, não é?”

Você só terá que tomar esse chá porque ele foi oferecido a mim. Agora estou lhe dando-o para que sinta um pouco do sofrimento que suportei.

“Por que, Senhor, você quer me dar esse chá amargo? Não fui *eu* quem deu isso para você beber enquanto estava na cruz. Seria injusto eu ter que pagar por algo que não fiz.”

Então, meu filho, o que você sugere que eu faça?

“Veja só”, sugeri. “Eu aceitarei mais três dias de total jejum se você me deixar colocar apenas uma colher de açúcar no chá.”

Tudo bem. Eu adicionarei mais três dias e eles poderão colocar um pouco de açúcar no chá.

Eu estava muito contente com o acordo que tínhamos feito, mas Jesus não estava nada feliz. Junto com os três dias adicionais de jejum, ele fixou 11 dias de sofrimento. Ele disse que eu teria que sair da minha agradável cama e dormir no cimento do chão da casa do bispo. Mais tarde, disse que eu teria que dormir por dois dias fora da casa, no chão, usando na cabeça uma coroa de espinhos.

Eu não conseguia ver onde eu estava, mas Jesus levou-me para fora de casa, ordenou-me que rezasse o Rosário das Sete Dores e pessoalmente colocou a coroa de espinhos em minha cabeça. Os espinhos tinham quase cinco centímetros de comprimento e penetraram no meu couro cabeludo tão profundamente que eu tive impressão de que meu cérebro estava escorrendo para fora da minha cabeça. Foi inacreditavelmente doloroso.

Eu me senti tão mal, e estava sofrendo tanto, que eu achei, com toda a certeza, que ia morrer. Apesar de Jesus me ter feito usar aquela coroa de espinhos apenas por um dia e depois me ter deixado voltar para dentro da casa para dormir, podemos dizer que foi uma xícara de chá bastante cara.

Após 18 dias de jejum, o Senhor permitiu que eu comesse a comer e beber. Três dias depois, ele me disse que o meu sofrimento já estava no fim e repentinamente eu voltei a escutar e falar.

Jesus agradeceu-me por eu ter agüentado o sofrimento que ele me fez passar. Ele disse: *Você aceitou tudo que eu te fiz passar e não reclamou muito das dificuldades. Logo você se recuperará do seu jejum e se sentirá tão bem como nunca se sentiu, como se nada tivesse acontecido. Estou muito contente com você, meu filho.*

As palavras dele me proporcionaram grande conforto e me deixaram muito feliz. Eu experimentei um novo tipo de alegria que eu nunca tinha experimentado antes e que continua comigo até hoje.

PERGUNTA: Nós estamos felizes por você ter sobrevivido a essa provação, ter recuperado o peso que perdeu durante o jejum e agora estar num estado de espírito tão bom, Segatashya. Nós sabíamos que você esteve em um estado de semiconsciência por aproximadamente três semanas, mas não sabíamos nada sobre suas experiências com Jesus. Obrigado por compartilhá-las conosco. Nós também temos o relatório dos doutores que monitoraram você todos os dias durante o jejum. Considerando as evidências médicas que se apresentam a nós, devemos dizer que é um milagre que você esteja vivo. Nós esperamos poder falar com você novamente em breve.

Quase três meses após ter aprendido sua lição sobre o sofrimento de Jesus, Segatashya recebeu sua última aparição pública em Kibeho.

Muito antes disso, Jesus já tinha lhe informado que suas aparições públicas terminariam em 2 de julho de 1983, contabilizando um ano desde o dia em que se encontraram pela primeira vez à sombra da árvore. O Senhor também instruiu o jovem visionário dizendo-lhe que sua missão estava apenas começando, e convocou-o a viajar para os países vizinhos, Burundi e Zaire, para continuar pregando sua mensagem de conversão imediata dos corações e aceitação do amor de Deus.

Apesar de já saber antecipadamente que ele teria de se despedir de Kibeho, e que as visões de Maria poderiam acabar quando as aparições públicas de Jesus acabassem, Segatashya estava profundamente triste por ter que dizer adeus à Santíssima Virgem e se preparar para a próxima fase de sua vida, agora como visionário viajante.

Em março de 1984, a Comissão de Inquérito pediu a Segatashya para ele dizer como se sentia em relação aos seus últimos dias em Kibeho e em relação ao caminho que ele teria que trilhar pela frente:

PERGUNTA: Segatashya, agora que as aparições públicas para você terminaram, você pode nos dizer o que tem feito e como está se preparando para as suas viagens ao Burundi e Zaire?

SEGATASHYA: Na tarde de 2 de julho de 1983, Jesus apareceu para mim e disse-me que era hora de eu ir para o Burundi e o Zaire para espalhar suas mensagens, as mesmas mensagens que eu estive compartilhando com as pessoas em Kibeho. Depois, voltarei para Ruanda e viajarei por todo o país fazendo a mesma coisa.

PERGUNTA: Quanto tempo durará o seu ministério?

SEGATASHYA: A Virgem Maria disse que eu devo passar um ano em Burundi e dois anos e meio no Zaire. Mais tarde, passarei dois anos pregando em Ruanda. Eu achei que era muito tempo e perguntei a Maria se ela não poderia abater uns meses por bom comportamento, mas ela apenas sorriu e disse: *Não, meu filho.*

PERGUNTA: Viajar para o Burundi e o Zaire, principalmente sem dinheiro, é uma grande aventura para um jovem como você. Como você está se preparando?

SEGATASHYA: Jesus disse-me para não me preocupar com coisas materiais, que eu deveria apenas focar em pregar sua mensagem. Ele disse-me para eu levar quaisquer questões que eu tivesse para os líderes da Igreja desses países que eles me ajudariam. Maria também me disse que ela estaria por perto cuidando de mim todo o tempo. Jesus disse-me que eu deveria partir para Burundi em algum dia de 1985, daqui a vários meses, portanto. Então, estou usando esse meio-tempo para me preparar para a missão.

Como vou ser batizado antes de partir, estou estudando para isso da melhor forma possível – Jesus me ajudou a aprender o que eu preciso saber. Eu lhe disse que queria ser batizado e ele respondeu-me que poderia me batizar ele mesmo com uma palavra ou apenas um olhar. Mas depois ele decidiu que era melhor que eu me dirigisse a um padre para evitar que as pessoas pensassem que Jesus me considerava “melhor” que os outros. Meus pais também estão planejando passar pelo batismo e às vezes estudamos juntos.

Eu passo muito tempo em oração. Quando não estou orando ou estudando para minha confirmação, eu procuro ajudar meus pais nas plantações e com as cabras. Eu espero que, antes de partir, eu consiga fazer meus pais felizes o máximo que eu puder. Eu os ajudo tanto quanto posso, mas Jesus disse-me que a minha missão de espalhar as suas mensagens deve vir em primeiro lugar. Isso acaba dificultando um pouco as coisas para minha família.

Meu pai às vezes diz que eu deveria pensar em ter uma esposa e dar-lhe alguns netos, mas Jesus me disse que eu serei como ele: eu não me casarei e praticarei o celibato por toda a vida – dessa forma, eu poderei estar completamente focado em fazer sua vontade e entregar suas mensagens. Jesus também me disse que eu não ficarei por muito tempo neste mundo, que ele viveu apenas 33 anos na Terra e que o meu tempo aqui será menor que isso.

PERGUNTA: Visto que Jesus e Maria pararam de aparecer para você em Kibeho, você sente falta deles?

SEGATASHYA: Sim, sinto muita falta deles. A vida não é mais a mesma desde que eles pararam de me visitar. Antes quando eu era perseguido por descrentes ou por aqueles que usavam palavras duras para me desacreditar, eu sabia que logo veria Jesus ou Maria face a face e toda aquela mágoa seria esquecida. Eu estaria envolto em sua luz brilhante mais

uma vez e meu coração cantaria alegre. Ou, então, sempre que eu pensava ter feito algo de errado, eu poderia apenas contar a Jesus quando o visse e ele me perdoaria. Agora eu tenho que conversar com Jesus pela oração e ir à igreja para confessar. Não é a mesma coisa que olhar para o rosto afetuoso de Jesus ou para os olhos amorosos de sua mãe e abrir meu coração para eles.

PERGUNTA: Há algo mais que você queira falar sobre o término das aparições?

SEGATASHYA: Bem, tem uma coisa que eu devo confessar. Eu sei que isso não é certo, mas eu acho que não fui completamente honesto com Maria no último dia em que a vi. Jesus me disse que eu deveria partir em missão para o Burundi em 1985, mas se esqueceu de dizer em qual mês eu deveria ir. Então, na última vez em que falei com Maria, eu conversei com ela sobre isso e ela me disse que eu deveria partir no começo de agosto. Naquele momento meu coração começou a doer porque eu sabia que não iria mais vê-la; por isso, eu tentei enganá-la para que ela voltasse a me visitar mais uma vez.

Eu disse a Maria que poderia esquecer o mês e o dia em que eu teria que partir e perguntei se ela não poderia fazer o favor de voltar e aparecer para mim com o objetivo de me lembrar. Ela sorriu, balançou sua cabeça e disse que não apareceria, mas que sopraria o recado em meu ouvido. Eu estava contente por saber que pelo menos poderia ouvir a voz dela, mas queria desesperadamente ver sua face mais uma vez. Foi errado tentar enganá-la daquele jeito, mas eu a amo tanto que era difícil, para mim, imaginar que não poderia mais vê-la até morrer. É muito difícil saber que, até eu estar no Céu, não poderei mais sentir seus braços amorosos me envolvendo.

PERGUNTA: Maria disse-lhe algumas palavras de despedida ou deu-lhe alguma mensagem?

SEGATASHYA: Ela me deu um presente incrível antes de ir embora. Ela viu que eu estava muito triste com a expectativa de sua partida e me disse que agora eu deveria viver como qualquer outro ser humano que não é visionário e ficar contente de poder falar com ela através da oração. Mas isso me deixou ainda mais triste, e eu perguntei se ela não poderia me dar algum presentinho como lembrança.

Maria, então, me falou para eu rezar o Rosário com ela, e, enquanto estávamos rezando, ela disse: *Eu quero que você continue rezando e não grite ou chore com o que estou prestes a lhe mostrar.*

E depois ela pediu para eu olhar para cima.

Bem no alto acima de mim eu pude ver os portões do Paraíso abertos. E no interior deles eu avistei o lugar mais bonito que uma pessoa poderia imaginar. Desculpe-me por não poder descrevê-lo para você, pois é mesmo indescritível. Tudo o que sei é que eu desejava com todo o meu ser estar lá e que qualquer coisa que eu já tivesse possuído ou conhecido na Terra tinha perdido completamente o sentido para mim. Maria me disse que, por eu ter visto um vislumbre do Céu, nada mais neste mundo jamais poderá me satisfazer novamente.

Ela estava certa. Enquanto eu viver, terei para sempre aquela imagem da fachada do Paraíso em minha mente e ficarei ansioso em ir para lá até o fim da minha vida.



CAPÍTULO 9

SAINDO DE CASA, O PADRINHO E A ESTRADA PARA BURUNDI

A vida de um visionário não é uma vida fácil. Por toda a história, aqueles que viram Jesus e Maria foram publicamente perseguidos, ridicularizados e considerados pessoas não muito bem-vindas. Em suas vidas privadas, eles quase sempre sofreram com problemas de saúde debilitantes e depressão e também por causa do isolamento de suas famílias e daqueles que eles amam. De São Francisco de Assis a Bernadete de Lourdes, das crianças de Fátima às estudantes de Kibeho, todos sofreram terrivelmente por servir a Deus.

Segatashya não foi uma exceção. Ele teve que suportar várias jornadas místicas dolorosas e um longo período de jejum que quase o matou. Muitas vezes ele também era agredido, ridicularizado e virava motivo de piada para muitos dos seus amigos e vizinhos. Mas talvez a mais severa dificuldade que ele se viu obrigado a enfrentar foi a de ter que se separar de sua família, que se afastou dele para escapar da perseguição e dos incômodos que apareceram por terem um filho e irmão que conversava com Jesus.

O lar de Segatashya foi infestado por hordas de peregrinos curiosos, céticos e incrédulos, que iam lá só para tentar refutá-lo. As pisadas das multidões acabaram com as colheitas da família. Sem as colheitas, as suas cabras e vacas morreram de fome. Caçadores de lembrancinhas regularmente assaltavam a casa.

Finalmente, em 1984, o pai de Segatashya ficou farto e anunciou que a família estava se mudando para outra aldeia, situada a mais de 150 quilômetros de distância, para começarem uma nova vida. O jovem visionário estava inconsolável. Crescido em uma família tão unida, ele não sabia como viver sem seus pais e irmãos. O que ele *sabia* era que não poderia ir embora junto com eles.

Kibeho foi o lugar onde Jesus apareceu pela primeira vez para ele e ele nunca mais quis ficar longe de lá.

“Por favor, não mude para longe daqui, papai”, suplicou Segatashya. “O Senhor nos encontrou neste lugar e os visionários pertencem a Kibeho. Jesus realmente ama esse lugar!”

“Suas visões fizeram nossa pobreza piorar ainda mais... Como você ousa nos dizer para não tentarmos viver nossas vidas de um jeito melhor?”, disse seu pai.

“Mas você não conhece ninguém no lugar para onde pretende ir. Você não tem nenhum dinheiro e nenhum pedaço de terra. Vocês todos vão ficar famintos! Além disso, o Senhor nos visitou nesta casa. Esse é um local sagrado. Ponha sua confiança em Jesus e ele proverá.”

“Jesus não nos proveu até agora – e se nós morrermos de fome isso será culpa sua, Segatashya!”

O garoto estava tão triste e preocupado com o futuro de sua família e com sua própria solidão que decidiu fazer uma visita ao Bispo Gahamanyi.

Segatashya tinha se tornado amigo do bispo e agora expunha os problemas do seu coração para ele. O visionário lhe disse que temia por seus irmãos e irmãs menores, e que se preocupava com o seu próprio futuro, pois poderia não ter mais uma família e um lar para o qual voltar quando fosse preciso.

“Não se preocupe com nada disso, meu garoto”, disse o bispo, confortando-o. “O Senhor sempre provê.”

O bispo, então, adquiriu dois acres de terra para a família em uma aldeia vizinha, onde a irmã de Segatashya, Christine, vive até hoje. Ele também disse a Segatashya que providenciaria um carro com motorista para levar o jovem visionário visitar sua família sempre que fosse possível. E o bispo disse ainda que Segatashya poderia ficar em sua própria residência particular sempre que quisesse e usá-la como base enquanto se preparava para sua missão no Burundi.

O garoto estava repleto de gratidão e aceitou as generosas ofertas do bispo, redobrando seus esforços para estar pronto para ir ao Burundi quando a hora chegasse. Mas ele precisava de alguma ajuda para se preparar para viajar e essa ajuda veio de um homem chamado Victor Munyarugerero.

Victor era um homem de negócios em Kigali durante a década de 1980 e tinha acabado de começar a construir uma vida com sua esposa e sua filha pequena. A primeira vez que ele ouviu falar nos visionários de Kibeho foi por intermédio de sua tia Marie, que por acaso era a diretora do Colégio de Kibeho. Marie foi a Kigali para uma visita e contou-lhe sobre os estranhos acontecimentos que estavam ocorrendo na escola. Naquela altura, apenas duas das três visionárias originais – Alphonsine e Anathalie – tinham visto aparições de Maria.

Victor não era um cético e estava propenso a acreditar na história das garotas desde o princípio. Para satisfazer sua curiosidade, ele viajou para Kibeho para poder ver as visionárias por si próprio. Isso foi nos primeiros dias das visões e o palco ainda não havia sido construído. Mas, por causa de sua conexão familiar com a escola, ele tinha permissão para passar pelas multidões e entrar no pequeno dormitório escolar onde as primeiras aparições de Maria ocorreram. Ele testemunhou um dos milagrosos encontros de Alphonsine com Maria, o que acabou por confirmar sua crença nas visionárias.

Durante aquela mesma aparição, a Virgem Maria disse a Alphonsine que seria aceitável os visionários receberem suas aparições fora da escola a partir daquele dia, a fim de que todos os peregrinos pudessem testemunhar as visitas em primeira mão.

“Eu sabia que tinha testemunhado um milagre”, disse-me Victor quando eu o encontrei enquanto pesquisava sobre a vida de Segatashya. “Eu estava tão próximo de Alphonsine durante a aparição que pude ver suas lágrimas rolando sobre suas bochechas. Ela chorou no momento

em que a Santíssima Mãe alertou as pessoas a respeito do fato de que o ódio e o pecado estavam levando o mundo à beira da ruína e que deveríamos mudar nossos corações se quiséssemos evitar a destruição. Em um dado momento, eu testemunhei as lágrimas sendo enxugadas em sua face, mas não pelas próprias mãos de Alphonsine, pois elas estavam posicionadas em um gesto de oração. Foi a mão invisível da Virgem Maria que limpou aquelas lágrimas – eu vi isso acontecer, eu sei que isso é um fato.”

“Enquanto dirigia de volta para casa, eu me perguntava sobre o quanto deve estar mal a situação do mundo para que a Virgem Maria tivesse que vir pessoalmente à Terra para nos avisar que devemos mudar ou iremos perecer. As mensagens que nos chamam ao arrependimento, a rezar o Rosário e a amarmos uns aos outros ficavam me passando pela cabeça durante a longa viagem de retorno a Kigali. Quando parei na frente da minha casa, eu era um homem mudado. Eu estava convencido de que as mensagens de Kibeho tinham que ser compartilhadas com o mundo e comecei a falar a todos os meus amigos e familiares sobre o que estava acontecendo. As pessoas pensavam que eu estava louco, mas eu não me importava.”

“Kibeho se tornou uma paixão para mim – e eu não conseguia guardar o que sentia dentro do coração. Eu comprei uma filmadora, que na época era uma novidade e custava caro, e me tornei uma das primeiríssimas pessoas a registrar as aparições em vídeo. Às vezes, eu conectava alguns alto-falantes à minha câmera e tocava o áudio das gravações bem alto para fora de casa para que toda a vizinhança pudesse ouvir.”

“Dentro de alguns poucos meses, Kibeho se tornou meu segundo lar. Eu ia para lá sempre que podia, estivessem ocorrendo aparições ou não. Eu poderia passar um dia todo viajando para lá só para poder rezar no lugar onde Maria apareceu. Eu me sentia próximo do Céu quando estava naquele lugar extraordinário.”

“E, então, num belo dia, lá estava eu na igreja de Kibeho recitando o Rosário, quando vi um garoto magricelo

rezando a alguns bancos de distância. Suas roupas eram tão velhas e rotas, e ele era tão esguio, que eu pensei que fosse um mendigo. Mas depois ouvi alguém atrás de mim sussurrar o nome 'Segatashya' e na mesma hora me dei conta de quem ele era. Eu já tinha ouvido falar que o mais novo visionário de Kibeho era um rapaz pagão iletrado que parecia ter uns oito anos de idade e que estava vendo aparições de Cristo. Ele era o garoto que todo mundo estava chamando de 'o menino que conheceu Jesus'."

Victor sorriu quando se lembrou disso. "Acontece que Segatashya estava na igreja rezando antes de subir ao palco para receber uma aparição. Sabendo disso, resolvi ir atrás dele quando ele saiu da igreja em direção ao palco dos visionários. Eu fiquei comovido por ter testemunhado a aparição de Maria a Alphonsine, mas fiquei completamente extasiado com a visita de Jesus a Segatashya."

"O menino parecia estar tremendo de pavor quando subiu no palco, mas, depois de rezar duas ou três vezes a Ave Maria, ele caiu de joelhos e começou a bater um papo amistoso e gracioso com o Senhor. Foi uma transformação inacreditável. Eu estava tão tomado pelo equilíbrio e sabedoria desse jovem rapaz, e pela profundidade de suas mensagens, que eu quis saber mais a respeito dele. Eu descobri onde ele morava e viajei até a aldeia de sua família."

"Eu não estava sozinho lá – havia centenas de pessoas perambulando em volta da cabana de sua família. Segatashya estava vendo aparições em seu jardim, e as pessoas literalmente empurravam e passavam por cima umas das outras para chegar mais perto dele."

"A imagem daquele menino camponês ajoelhado no barro úmido da horta de sua mãe enquanto conversava com Jesus e passava adiante suas mensagens ficou marcada a fogo em meu coração para sempre. Lá, eu jurei a Jesus e Maria que ajudaria Segatashya no que fosse preciso se tivesse ocasião de oferecer-lhe minha ajuda."

"E minha ajuda foi requerida alguns meses depois. Eu fui atender a uma batida na porta da minha casa e encontrei Segatashya parado em frente. Ele estava com o Pa-

Sebera, da igreja de Kibeho, a quem eu ainda não tinha sido apresentado, mas que eu sabia ser um grande apoiador dos visionários. Por um momento, nós três ficamos parados lá olhando uns para os outros. Em seguida, Segatashya disse: ‘Jesus me mandou até aqui – ele quer que você seja meu padrinho’.”

“Deve ter parecido que eu estava prestes a desmaiar, pois o Padre Sebera estendeu os braços como que para me segurar. Logo a seguir, joguei meus braços em torno de Segatashya e o abracei bem apertado. Deus estava me chamando para cumprir uma promessa – e eu tinha toda intenção de cumpri-la.”

“Em seguida, após ter convidado meus dois visitantes a entrar em casa e ter-lhes oferecido comida e leite, eles explicaram como foram parar em minha porta. Aparentemente, o padrinho original de Segatashya, que era o médico oficial do presidente de Ruanda, foi recrutado para trabalhar por um longo período em assuntos do governo. Segatashya precisava de um padrinho para o seu batismo e também para ajudá-lo a se preparar para sua missão no Burundi. Durante uma aparição, Jesus mostrou-lhe o meu rosto e, após descreverem-no para várias pessoas, ele e o Padre Sebera me localizaram em Kibeho... E o resto, para mim, é história.”

“Nós nos tornamos amigos íntimos e eu estive lá na igreja de Kibeho para o seu batismo. Três mil pessoas apareceram para tentar ver alguma coisa do evento. Logo após ele ter sido batizado, eu o ajudei a se preparar para pegar a estrada em direção ao Burundi.”

Durante uma entrevista para a Comissão de Inquérito, em 1988, Segatashya fez um relato detalhado de sua primeira viagem para fora de Ruanda. A viagem era parte de sua missão de espalhar as mensagens de Jesus Cristo pelo mundo. Aqui está uma transcrição:

PERGUNTA: Segatashya, durante uma de nossas primeiras entrevistas você relatou que tanto Maria quanto Jesus lhe falaram para começar sua missão no Burundi em 1985, mas

parece que você a adiou por mais de um ano. Você pode nos levar de volta a 1985 e nos falar sobre as dificuldades que encontrou naquela época?

SEGATASHYA: Como você sabe, eu venho de uma pequena aldeia e não estou acostumado com assuntos políticos e governamentais. Eu não sabia que em 1985 as coisas iam muito mal no Burundi. Meu padrinho, Victor, contou-me que o presidente do Burundi estava perseguindo a Igreja e que muitos padres e ministros foram mortos ou jogados na prisão por causa da perseguição religiosa, que já estava muito difundida naquela época. Não era um bom momento para ir ao Burundi pregar sobre Jesus... Mas eu sabia que a perseguição aos fiéis era uma das razões pelas quais o Senhor escolheu o Burundi para eu começar minhas missões.

De qualquer forma, Victor arranjou a papelada para o visto e nós o obtivemos logo em seguida. Mas, em 31 de janeiro, que era o dia em que eu deveria viajar para o Burundi, o embaixador burundiano mandou seu secretário particular à casa de Victor com uma mensagem. O embaixador queria que déssemos uma passada antes na embaixada para que ele pudesse me desejar boa viagem.

Victor dirigiu até Kibeho para me apanhar. Logo em seguida, voltamos para Kigali para ver o embaixador. Quando chegamos ao escritório do homem e nos sentamos, ele não poderia estar sendo mais amigável. Ele apertou minha mão, deu tapinhas nas minhas costas e disse que eu ia amar o Burundi – em seguida, ele pediu para ver meu visto e meu passaporte, para se assegurar de que estava tudo certo. Ele saiu da sala por não mais que um minuto. Quando voltou, disse: “Seu visto está cancelado. Tenham um bom dia e façam uma boa de viagem de volta para Kibeho”.

Victor e eu suplicamos ao homem – dissemos que já tínhamos organizado toda a papelada, pagamos todos os honorários e que o visto já tinha sido aprovado para viajar.

“Além disso”, acrescentou Victor, “Segatashya é um visionário de Kibeho a quem Jesus pessoalmente falou para viajar ao Burundi levando mensagens urgentes sobre salvação pessoal.”

Eu, então, expliquei ao embaixador em que consistiam as mensagens do Senhor. Eu lhe disse que Jesus falou que o Fim dos Dias estava próximo e que não podíamos perder mais tempo.

“Eu não tinha percebido que era você”, disse o embaixador, ainda sorrindo de forma amigável. “Isso muda tudo – é

claro que você pode ir ao Burundi para pregar. Você deve partir imediatamente. Eu chamarei os guardas da fronteira e pessoalmente ordenarei que o levem para lá. Você vai amar o Burundi... Tenha uma excelente viagem e boa sorte ao pregar as mensagens de Cristo.”

Victor e eu saímos do escritório sentindo como se Deus tivesse tocado o coração do embaixador. Porém, quando voltamos para a casa de Victor, ele conferiu o visto e apontou para umas marcas de tinta vermelha que estampavam a página inteira.

“O que é isso?”, perguntei.

“São letras, e essas letras dizem ‘cancelado’”, disse Victor, entristecido. “Acho que nós fomos enganados.”

Passamos os próximos dias conversando com todo mundo na embaixada. Depois entramos em contato com o Bispo e com todas as pessoas que pensamos que poderiam nos ajudar a me levar ao Burundi. Quando voltamos à embaixada, eles nos disseram que iam analisar a questão e que iriam entrar em contato conosco o mais rapidamente possível. Ainda estou esperando a resposta deles! Contudo, naquela ocasião eu pensei que ia esperar não mais que uma ou duas semanas. Então, fui para Butare e arranjei um emprego de carregador de caixas em uma empresa de energia elétrica.

Esperei a embaixada me dar uma resposta por quase um ano. Então, perto do Natal de 1985, Jesus apareceu para mim em meu quarto. Ele me perguntou: *Você me ama como eu te amo?* Eu respondi: “Sim, Senhor, com todo o meu coração”. Em seguida, ele perguntou: *Você morreria por mim?* E eu respondi: “Sim, eu morreria por você a qualquer hora, Senhor”.

No dia do Natal, Jesus apareceu para mim novamente. Ele falou para eu me aprontar para ir ao Burundi e deu-me o itinerário de minha viagem – disse que dali a dois dias eu deveria sair da minha casa às 5h da manhã e viajar para o sul até chegar ao rio Akanyru, ao longo do qual eu deveria caminhar para evitar os pontos de controle da imigração e os guardas da fronteira. O Senhor também falou para eu me garantir de que passaria minha primeira noite no Burundi na cidade de Kayanza.

Em seguida, Jesus disse: *Depois que você entrar no Burundi, procure o Bispo Michel Ntuyahaga na capital, Bujumbura. Quando você o encontrar, quero que lhe repita todas as mensagens que eu lhe falei para espalhar no Burundi.*

Eu prometi ao Senhor que faria do jeito que ele pediu. Naquela época, eu estava como convidado na casa do meu

amigo Camille Mbonywabo, um próspero empresário que conheci por intermédio do bispo. Camille e sua esposa amavam a Deus e freqüentemente iam a Kibeho para rezar e testemunhar as aparições.

Eu disse a Camille que Jesus tinha aparecido para mim e me instruído a respeito de quando e onde eu deveria cruzar a fronteira para o Burundi. Camille se ofereceu para me levar até as proximidades do local para onde o Senhor disse que eu deveria me dirigir. Ele também me deu dinheiro o suficiente para conseguir chegar à casa do Bispo Ntuyahaga.

No dia combinado, Camille e sua esposa me levaram a uma região próxima da fronteira com o Burundi. Eu os agradei pela carona e pelo dinheiro. Em seguida, caminhei pelas matas até me deparar com o rio Akanyru, que eu segui até chegar a uma cidade chamada Jeni, o que queria dizer que eu já estava no Burundi. A primeira coisa que fiz foi achar uma igreja, onde rezei pelas pessoas do Burundi e de Ruanda. Também pedi ao Senhor que cuidasse de mim e me protegesse para que eu pudesse entregar suas mensagens. Quando saí da igreja, peguei carona com um grupo de soldados, o que me deixou um pouco nervoso, pois eu não possuía documentos que me permitiam permanecer no país. Além disso, eu tinha ouvido rumores assustadores sobre soldados que espancavam pregadores e pessoas que falavam no amor de Deus.

Os soldados me deixaram em Kayanza, a cidade na qual Jesus me falou para dormir em minha primeira noite no Burundi. Mas eu não conseguia achar um quarto para alugar para aquela noite e decidi ir a outro lugar, mesmo sabendo que isso ia contra o itinerário da viagem traçado por Deus.

Antes de ir a qualquer lugar, porém, eu queria almoçar. Havia um pequeno restaurante de beira de estrada não muito distante de onde os soldados tinham me deixado. Eu entrei e sentei à uma mesa. Perto, havia um homem dos seus 20 anos comendo sua refeição. Ele parecia gentil e disse-me que seu nome era Emmanuel, que significa "Deus está conosco" que também é o nome que Jesus me falou para adotar quando fui batizado. Eu tomei isso como um sinal de que Deus estava comigo no restaurante e que talvez Emmanuel pudesse me ajudar a chegar à casa do bispo.

Eu disse-lhe que estava de viagem para Bujumbura e que procurava um lugar para passar a noite. Ele sugeriu um hotel no fim da estrada, mas eu sabia que um hotel provavelmente pediria documentos de viagem, e eu estava ilegalmente no país. Rapidamente tentei mudar de assunto para que ele não percebesse que eu estava nervoso e ficasse desconfiado. "

bem, eu não tenho dinheiro suficiente para um hotel, de qualquer forma”, disse. “Está fazendo um clima bom hoje, não acha?”

Emmanuel respondeu: “Bem, eu posso...”, mas sua frase sumiu sem chegar a uma resposta. Eu diria que ele estava me avaliando e tentando decidir se era seguro me convidar para ficar em sua casa.

Eu não sou muito grande e sei que pareço um garotinho. Por isso, não achei que o estava intimidando. Entretanto, como eu ainda precisava de um lugar para dormir naquela noite, decidi usar um pouco do dinheiro que Camille me deu para comprar uma ou duas garrafas de amigável persuasão.

“Vi que você gosta de Primus”, disse-lhe eu, apontando para algumas garrafas de cerveja vazias sobre a mesa. “Eu gostaria de te pagar mais uma ou duas rodadas se você estiver a fim.”

Emmanuel tinha grande sede e rapidamente deu cabo das cervejas que eu comprei para ele. Naquela altura, ele estava bastante falante e acabamos nos tornando bem próximos. “Sabe”, disse ele, exibindo um grande sorriso. “Eu tenho bastantes quartos em minha casa. Talvez seja mais fácil para você passar a noite lá.”

“Isso seria ótimo”, eu disse. Em seguida, paguei-lhe mais uma cerveja.

Depois que Emmanuel terminou de beber, nós nos levantamos para ir embora. Logo que começamos a caminhar para fora da porta fomos surpreendidos por um jipe cheio de soldados que estavam indo para o restaurante, o que obrigou Emmanuel e eu a nos apressarmos para nossa segurança. Eles estavam batendo nas pessoas sem motivo com porretes e bastões de metal. Havia um ponto de ônibus em frente ao restaurante e os soldados entraram lá procurando por trabalhadores sem documentação ou qualquer pessoa que estivesse ilegalmente no país, como eu! Pelo menos 20 ou 30 pessoas foram vítimas do terrível espancamento cometido pelos soldados. Muitos homens, mulheres e até crianças ensanguentadas estavam espalhadas pela beira da estrada abatidas e sangrando. Havia muitas lágrimas.

“Não entre em pânico e não corra”, sussurrou-me Emmanuel. “Eles não estão aqui por causa de nós... Fique tranquilo e nós não nos machucaremos.” Para a minha sorte, eu estava vestindo as melhores roupas que tinha – um terno que Camille tinha me dado como presente de batismo. Pela primeira vez em minha vida, eu não parecia um garoto campo-nês desesperado por um emprego.

Naquela noite, eu fiquei na casa de Emmanuel e nós nos tornamos bons amigos. Na manhã seguinte, ele me levou para um ponto de ônibus, onde peguei um microônibus com destino a Bujumbura. O ônibus estava lotado e, por conta disso, tive que me espremer em um assento que ficava entre a janela e um oficial militar totalmente uniformizado. Tenho certeza de que eu estava suando a ponto de encharcar meu terno, mas tentei agir de forma tranqüila e segura como Emmanuel tinha me falado para agir durante o esbarrão que demos com os militares na saída do restaurante.

O oficial puxou papo comigo e eu imediatamente lhe disse que era de Ruanda, percebendo que ele provavelmente notaria isso assim que ouvisse meu sotaque. Embora Ruanda e Burundi sejam parecidos em termos de costumes e cultura, e tenham uma língua bastante parecida, existem diferenças facilmente identificáveis tanto em nossa fala quanto em nossas maneiras. Eu tinha certeza de que, se o oficial pensasse que eu estava tentando enganá-lo me fazendo passar por burundiano, ele exigiria ver meus documentos e eu nunca chegaria à casa do bispo para entregar as mensagens do Senhor.

Embora tenha sido honesto quanto a ser ruandês, eu logo fiquei em situação de perigo quando ele perguntou se eu estava no Burundi a negócios ou a passeio. Como eu sabia que não podia dizer-lhe que tive que ir ao Burundi para entregar uma mensagem de Deus ao bispo, então eu disse-lhe uma meia-verdade: que eu estava lá para visitar o Bispo Ntuyahaga, um amigo íntimo da minha família.

“Oh, que coincidência!”, exclamou ele. “O bispo e eu somos vizinhos! Nós temos o mesmo destino – podemos ir para lá juntos.”

O oficial, que era muito amigável, saltou do ônibus comigo e caminhamos juntos até a porta da frente da casa do bispo. Naquela hora, eu estava começando a entrar em pânico, pensando que seria preso bem em frente à casa do bispo. “Ajude-me, Jesus!”, eu rezei, silenciosamente. E acho que Jesus me ajudou dando-me uma idéia.

Por acaso, era Dia de Ano Novo, então eu me virei para o soldado e disse-lhe: “É uma tradição em minha família pagar algumas bebidas a um novo amigo para celebrar o Ano Novo. Mas, como o bispo está me esperando, pegue esse dinheiro e vá tomar uma bebida por minha conta, ok?” Os olhos do oficial brilharam e ele guardou no bolso de sua camisa a nota que eu havia lhe oferecido. “Obrigado, meu amigo, pode deixar que eu vou tomar alguma coisa. Tenha uma boa estadia com o bispo!”

No momento em que o oficial começou a se afastar, eu me virei para a porta e posicionei meu dedo sobre o botão da campainha do bispo, mas em seguida o retirei sem apertá-la. Como eu tinha ficado muitas vezes na casa do Bispo Gahamanyi em Butare, eu sabia quantos paroquianos e pessoas que pediam favores apareciam em sua porta sem avisar todos os dias. O bispo também poderia ter pessoas trabalhando em sua casa cujo serviço consistia exatamente em manter afastados os visitantes não requisitados.

Então, decidi tentar uma tática diferente: eu fingi ser um trabalhador da casa do bispo. Eu me certifiquei de minha camisa estava bem ajeitada, arrumei meu paletó e depois entrei pela porta dos fundos que dava na cozinha. Lá, deparei-me com o cozinheiro, que me perguntou o que eu queria.

“Estou aqui para conversar com o bispo a respeito de assuntos urgentes da Igreja. Fui enviado pelo Bispo Gahamanyi, de Butare, com informações importantes.”

“Lamento, mas o bispo está tirando uma soneca no momento e não quer ser incomodado.”

“Dormindo ou não, eu preciso falar com ele imediatamente.”

O cozinheiro olhou para mim como se eu tivesse perdido a noção. “Você tem certeza de que quer que eu vá acordá-lo? Ele não gosta de ser interrompido quando está fazendo sua sesta.”

“Sim, tenho... Este assunto não pode esperar!”

O cozinheiro levou-me até uma sala de espera e alguns minutos depois retornou com o bispo, que me abraçou de forma afetuosa sem sequer perguntar o meu nome antes. Agora que eu estava com ele face a face e prestes a concluir o primeiro capítulo de minha missão, eu não sabia ao certo por onde começar. Então, eu simplesmente comecei a falar.

“Bispo, eu me chamo Segatashya e vim até aqui por indicação do Bispo de Butare. Talvez você tenha ouvido falar dos visionários de Kibeho – bem, eu sou um daqueles visionários. Eu fui enviado em missão ao Burundi por Jesus, para compartilhar as mensagens que recebi em Kibeho. Jesus me disse que eu deveria entregar minhas mensagens a você pessoalmente e é isso que vim fazer aqui.”

Em seguida, repeti todas as mensagens principais que Jesus me deu em Kibeho. O bispo ficou parado e ouvindo sem dizer uma palavra, mas ele estava suando bastante e parecia muito agitado. Após isso, ele disse que nos meses recentes muitas pessoas tinham sido presas no Burundi por falar

abertamente sobre a fé delas em Deus. Ele explicou que o governo tinha fechado inúmeras igrejas e que não poderia permitir que eu compartilhasse tais mensagens com as pessoas do Burundi. Em seguida, disse que eu não era bem-vindo em sua casa e ordenou que eu fosse embora imediatamente.

“Mas, Bispo, eu não tenho lugar para ficar”, protestei. “Eu tenho que dormir aqui esta noite.”

“Isso não é problema meu. Você não vai ficar nessa casa – agora vá embora”, disse o bispo, furiosamente, e depois me empurrou porta afora.

Enquanto eu caminhava para longe de sua casa, ele gritou para mim: “Estou denunciando você às autoridades agora mesmo. Pode se considerar preso.”

“Para mim seria um prazer estar na cadeia”, gritei de volta. “Pelo menos lá eu encontraria alguém que escutasse minhas mensagens.”

Eu me ajoelhei sobre o mato em um local não muito distante da casa do bispo e comecei a orar.

Alguns minutos depois, um grupo de padres, enviado pelo bispo, se aproximou e começou a me questionar, perguntando pelos nomes de todos os ruandeses que eu conhecia no Burundi. Eu me recusei a dizer-lhes qualquer coisa que não fosse as mensagens que Jesus tinha me enviado para entregar. Por fim, eles me entrouxaram dentro de um carro e me largaram na frente da embaixada ruandesa.

Naquela hora já era tarde e a embaixada estava fechada. Eu acabei dormindo em um carro abandonado naquela noite e na manhã seguinte voltei a pé para a embaixada. Os oficiais lá me interrogaram por várias horas sobre como eu tinha conseguido entrar no país sem os documentos certos e o que eu pretendia fazer no Burundi.

Eu respondi às perguntas deles da melhor forma que podia. Eles me disseram que eu tinha infringido a lei e que poderia ficar preso por bastante tempo. Eu me desculpei por ter infringido a lei e expliquei que estava em uma missão enviado por Jesus. Também prometi que no futuro tentaria nunca mais infringir quaisquer outras leis.

Por fim, fui colocado em um ônibus e escoltado durante todo o trajeto de volta para Ruanda por um oficial da embaixada. Ele me levou para a casa do Bispo Gahamanyi e relatou tudo que havia ocorrido. O bispo pareceu ter ficado muito triste e preocupado sobre a forma como eu tinha sido tratado no Burundi. Ele disse: “Meu pobrezinho Segatashya... É melhor você não voltar mais ao Burundi”.

PERGUNTA: Segatashya, essa foi uma história realmente incrível. Muitos poucos ruandeses já viajaram para fora do país, mas lá estava você, um jovem pastor, disposto a enfrentar militares, oficiais do governo e os mais altos poderes da Igreja para levar a mensagem do Senhor ao mundo. Se o que você nos diz é verdade, eu acho que você é um vencedor. Diga-nos, Jesus apareceu novamente para você após seu retorno do Burundi?

SEGATASHYA: Sim, ele apareceu para mim em 5 de janeiro e disse: *Não tente voltar para o Burundi. A coisa mais importante é que você me obedeceu e fez o que eu lhe pedi para fazer. Eu poderia recompensá-lo agora por esse grande feito e por ter demonstrado tanta coragem, mas a verdade é que você não tem muito mais tempo para viver na Terra... E, quando esse tempo passar, eu vou recompensá-lo de uma forma muito melhor. Tenha coragem e continue fazendo minha vontade, pois seu trabalho está apenas começando. Amanhã você deve se preparar para sua nova missão.*

CAPÍTULO 10

MISSÃO NO CONGO

Segatashya ainda era adolescente quando Jesus o chamou para pregar a palavra de Deus no coração do Congo. E, embora os congoleses sejam conhecidos por serem amigáveis e calorosos, muitas áreas daquilo que então era o Zaire estavam sem policiamento e sem lei – um lugar onde os vilões podiam livremente praticar o terrorismo: estuprar, assaltar e matar. Para um jovem viajante sem qualquer experiência, aquele era um dos mais perigosos lugares da Terra.

E, ainda assim, Segatashya, o inocente garoto camponês que cresceu em uma cabana de palha, se aventurou pelo Zaire apenas com as roupas do corpo, seu alforço em um saco de papel e alguns dólares no bolso. O Zaire era uma terra estrangeira e ameaçadora na qual Segatashya não conhecia uma única alma sequer. Ele não conhecia os seus dialetos, não sabia onde poderia dormir e comer ou a quem recorrer caso tivesse problemas. Tudo que ele sabia era que Jesus tinha-lhe falado para ir ao Congo para começar a espalhar suas mensagens pelo mundo, e isso era tudo que Segatashya precisava saber.

Antes de eu terminar a faculdade, meus pais não deixavam ir sozinha para nenhum lugar – e não apenas porque eu era garota. A maior parte dos ruandeses, especialmente naquela época, não viajava para muito longe do local onde tinha nascido. Até hoje, a vasta maioria dos ruandeses nunca saiu do país. A imagem deste pequeno garoto pastor, iletrado e completamente inocente, perambulando pelo Zaire sozinho, sempre pareceu a mim um monumento de coragem.

Amigos e parentes imploraram a Segatashya para que ele não fosse, alertando-o a respeito da possibilidade de ser espancado, assaltado ou talvez até morto lá. Mas Segatashya não pensou duas vezes quando Jesus disse:

para comprar uma passagem de ônibus só de ida em direção à fronteira mais próxima. Aquela era a vontade de Deus e Segatashya tinha dedicado sua vida a fazer sua vontade. Jesus queria que ele fosse para o Zaire e não havia poder na Terra que fosse capaz de impedi-lo de ir.

A jornada de Segatashya exigia um nível de coragem que apenas alguns poucos de nós poderiam igualar, e uma profundidade de fé espiritual que cada um de nós precisaria rezar para obter.

Em 1988, a Comissão de Inquérito realizou uma reunião especial para ouvir o relato de Segatashya a respeito de sua excursão de dois anos pelo coração do Congo e sobre o impacto das mensagens de Cristo nos corações dos milhares de fiéis congolese. O que vai a seguir é uma compilação de três diferentes relatos daquela reunião:

PERGUNTA: Segatashya, nós ouvimos muitas histórias incríveis sobre suas experiências na região do Congo. Agora que você já voltou para casa, você poderia nos falar sobre sua missão da melhor forma possível, do começo ao fim?

SEGATASHYA: Em 18 de janeiro de 1986, Jesus veio me visitar em meu quarto, em Butare, e disse que era hora de eu ir para o Zaire. Ele também falou até qual rota eu deveria pegar para ir até lá. Eu estava nervoso porque o Zaire é gigantesco e lá são faladas mais de 200 línguas e dialetos. Eu não sabia onde eu ficaria, a quem eu deveria pregar ou como eu poderia me comunicar. Porém, Jesus me disse: *Você é meu mensageiro. Não se preocupe. Eu não vou sair de perto de você e tudo ficará bem.*

Jesus falou para eu pegar um ônibus público para o extremo sul do Lago Kivu e cruzar a fronteira para o Zaire na cidade de Bukavu, a respeito da qual eu fui avisado de que era um lugar muito selvagem, com muitos ladrões e bandidos de toda espécie. Meu amigo Camille, que me deu algum dinheiro para a viagem, alertou-me a não entrar em Bukavu sozinho, pois um garoto viajando sozinho por lá poderia perder tudo nas mãos dos assaltantes.

Por sorte, encontrei um homem na fronteira que tinha me visto conversar com Jesus em Kibeho. Ele me escoltou até o bispo local, que me deu sua bênção para pregar em sua região. Mas, quando comecei a pregar nos degraus de algumas igrejas, o bispo retirou sua permissão.

Por alguma razão, as autoridades católicas não queriam que eu compartilhasse as mensagens com os seus paroquianos. Então, eu fui para a estrada e rezei. As notícias sobre minha presença na cidade se espalharam boca a boca. Sempre havia alguém por perto que traduzia o que eu falava, e as pessoas realmente aceitaram e responderam bem às mensagens do Senhor. Multidões começavam a se juntar em qualquer lugar que eu pregasse.

Logo ministros protestantes e pentecostais começaram a me convidar para falar as mensagens de Jesus em suas igrejas. Pessoas de todas as diferentes religiões foram me ver naquelas igrejas, bem como centenas de católicos de cujas igrejas eu tinha sido banido.

Dois meses após minha chegada ao Zaire, o Bispo de Goma – uma cidade no norte do país – me convidou para um chá. Ele me deu sua bênção para eu falar em sua diocese, desde que eu não falasse em igrejas ou transformasse minhas mensagens em comícios políticos. Parecia que estava havendo muitas guerras com os rebeldes no Zaire, e grandes ajuntamentos de pessoas deixavam o governo preocupado.

Não ter ganhado permissão para falar em igrejas tornou minha missão muito mais difícil, mas a cada semana que passava mais e mais pessoas chegavam às escolas, salões e praças onde eu pregava as mensagens de Jesus. No começo eram dezenas, mas logo eram centenas... Eu expandia meu ministério a cada semana – eu falei para soldados em campos de treinamento, para pessoas esquecidas em centros de assistência a inválidos e para os presos de uma grande penitenciária, que estavam muito interessados nas mensagens de salvação e redenção.

PERGUNTA: Segatashya, como você já mencionou, são faladas quase 250 línguas e dialetos no Zaire. Em qual língua você entregava as mensagens?

SEGATASHYA: No começo, falei na única língua que eu sabia – Kinyarwanda. Geralmente, havia alguém que traduzia minhas palavras para o Suaíli, que é a língua que eles falavam em Goma, ou alguém das pequenas aldeias que traduzia as mensagens para os dialetos locais. Mas eu nem sempre estava confiante de que minhas palavras estavam sendo traduzidas exatamente da forma como eu as tinha pronunciado, ou seja, exatamente como o Senhor as tinha comunicado a mim. Então, eu comecei a orar a Jesus para me que ajudasse a garantir que suas mensagens fossem transmitidas fielmente... Afinal, essas mensagens mostravam a diferença entre sua alma ir para o Céu por toda a eternidade ou queimar no fogo do inferno. As palavras são importantes.

Um dia, não muito tempo depois de eu ter pedido ajuda a Jesus a respeito do problema da língua, eu percebi que podia reconhecer certas palavras em Suaíli. Após mais ou menos uma semana, eu conseguia entender quase tudo que ouvia. Após duas semanas, eu parei um dos meus tradutores no meio de uma frase e o corriji em Suaíli: “Não foi isso que eu disse – se você vai pronunciar as palavras do Senhor, por favor, pronuncie-as corretamente e de forma clara e inteligente. Você está lidando com as almas eternas das pessoas”.

Acho que essas foram as primeiras palavras que eu falei publicamente em Suaíli. Depois disso, comecei a entregar as mensagens em Suaíli por toda a região de Goma; também dei entrevistas e respondi perguntas na língua deles. Eu sei que isso parece inacreditável e nem mesmo eu poderia acreditar que me tornei fluente em uma língua estrangeira tão rapidamente, mas foi realmente assim que aconteceu. E eu sei que foi assim porque um dos padres que freqüentemente viajavam comigo, o Padre Pierre, da Ordem dos Padres Brancos, do Canadá, começou a gravar minhas pregações logo depois que eu cheguei a Goma.

Um dia, o Padre Pierre veio até mim carregando várias fitas e colocou-as para tocar. “Escute, Segatashya... Isso é de um mês atrás”, disse ele, em seguida colocando para rodar uma gravação na qual eu falava sobre o Fim dos Dias e da necessidade de orar a Deus com o coração arrependido e pedindo perdão pelos pecados. Todas as palavras estavam em Kinyarwanda. Depois, ele apertou *Play* e começou a tocar outra fita. Era a mesma mensagem, mas desta vez eu estava falando metade em Kinyarwanda e metade em Suaíli. Quando ele apertou *Play* em uma terceira fita, eu estava falando completamente em Suaíli.

Talvez eu apenas tenha alguma facilidade com o Suaíli, pensei. Mas logo entendi que Jesus tinha enviado o Espírito Santo para me abençoar com o “dom das línguas” – parecia que eu aprendia uma nova língua fluentemente em poucos dias após visitar a área na qual ela era falada. Foi o que ocorreu com uma língua chamada Lingala, falada por milhões de pessoas no norte e leste do Zaire, a qual eu aprendi em menos de uma semana visitando jovens recrutas em uma base militar.³⁴

Outra língua que aprendi rapidamente foi a difícil Ciluba, que era completamente diferente de qualquer outra língua

³⁴Na tradição mística da Igreja chama-se “dom de línguas”, que “consiste ordinariamente em um conhecimento infuso de idiomas estrangeiros sem nenhum trabalho prévio de estudo ou exercício” (Antonio Royo Marín. *Teología de la perfección cristiana*, Madrid, BAC, 2001, p. 895).

que eu já tinha aprendido. Esse dialeto, que eu estava tentando aprender, era falado em uma área onde as pessoas eram bastante reservadas com relação à língua e desconfiadas com estrangeiros. Ninguém quis falar comigo em Ciluba, mas lá havia muitas pessoas que a falavam e a quem eu queria me dirigir para poder entregar as mensagens. Fiquei muito frustrado por não ter obtido “permissão” para aprendê-la.

Por fim, fiquei de joelhos e orei: “Jesus, há milhares de pessoas nesta região que querem ouvir suas palavras – não me deixe mudo quando há tantas pessoas sedentas da sua verdade. Dê a essas pessoas a graça de se abrirem comigo e me ensinarem o seu idioma nativo”. Logo as pessoas começaram a confiar em mim e a conversar comigo em Ciluba. Após mais ou menos dois meses, eu conseguia entender Ciluba perfeitamente e falar muito bem.

PERGUNTA: Segatashya, você aprendeu essas línguas e nós já ouvimos você falando-as. Diga-nos, você conseguiu rezar nessas línguas?

SEGATASHYA: Sim, eu conseguia rezar em todas essas línguas e em outras também. Era maravilhoso encontrar novas formas de falar com Maria e Jesus. E, quanto mais línguas eu aprendia, mais pessoas vinham para ouvir as mensagens que Jesus queria que eu espalhasse pelo país.

PERGUNTA: Então você falou para pessoas diferentes, de lugares diferentes e de religiões diferentes?

SEGATASHYA: Eu falei para todos os filhos de Deus. Um protestante disse-me: “Nossa religião nos diz que nós não temos Maria como intermediária entre Deus e os homens – ela nos diz que Maria é uma mulher como outra qualquer. Mas o catolicismo diz que, se você não rezar o Rosário, você não vai para o Céu, porque Maria é muito importante para vocês. O que Jesus diz sobre isso?”

Eu lhe respondi: “Ninguém disse que uma pessoa que não reza o Rosário não vai para o Céu. O que Jesus me falou sobre as diferentes religiões é que mais será exigido daqueles que mais sabem; você será julgado pelo que sabe. Eu não vou pedir para você deixar sua religião e se tornar católico. Ao contrário, eu vou pedir para você continuar acreditando sinceramente no que sua religião ensina. Se sua religião o ensina a amar de acordo com a vontade de Deus, então siga os mandamentos que ela lhe deu e nada o impedirá de ir para o Céu. Você deve obedecer às promessas que fez à sua religião”.³⁵

³⁵ “Fora da Igreja não há salvação. [...] ‘não podem salvar-se aqueles que, sabendo que a Igreja católica foi fundada por Deus por meio de Jesus Cristo como

PERGUNTA: Nós estamos tristes por saber do falecimento de sua mãe e de alguns de seus irmãos, ocorrido após o início de sua missão. A Virgem Maria tem confortado você neste aspecto?

SEGATASHYA: Maria tem sido um grande conforto para mim. Ela é nossa mãe amorosa no Céu e sabe muito bem o quanto a dor da perda pode penetrar no coração de um filho. Quando rezo o Rosário, eu ponho nas mãos da Santíssima Virgem a dor que sinto pela tragédia de minha família.

Isso aconteceu mais ou menos seis meses após eu ter saído em missão. A morte de minha mãe foi o desafio mais difícil que eu já enfrentei e o impacto da sua perda se tornou muito maior porque meus dois irmãos morreram logo em seguida. Eu estava em um lugar remoto do Congo quando ela morreu. Meu amigo Nicolas, que estava viajando comigo naquela ocasião, ouviu sobre sua morte no rádio uma noite. Foi muito difícil para ele ter que me dar notícias tão horríveis.

Nicolas tinha algum dinheiro, o suficiente para entrarmos em um avião e voarmos de volta a Ruanda. Eu tinha que ver meu pai, pois perder dois filhos e a esposa era, para ele, muito difícil de suportar. Quando finalmente o vi, parecia que ele estava completamente mergulhado em tristeza e aflição. Eu tinha um mau pressentimento de que ele poderia vir a se matar, mas eu não podia ficar lá com ele – eu tinha que retornar à minha missão e não podia passar nem mais uma única noite em luto com meu pai. Jesus tinha me falado para não deixar que nada neste mundo me impedisse de fazer sua vontade, que todas as coisas na Terra perecem, e que apenas a sua Palavra é eterna. Meu dever para com ele é espalhar suas mensagens pelo mundo o máximo que eu puder antes que meu tempo aqui acabe.

PERGUNTA: O que aconteceu quando você voltou ao Zaire?

SEGATASHYA: Eu voei de volta imediatamente depois de ter visto meu pai. Eu tinha urgência em espalhar as mensagens do Senhor no máximo de lugares do Congo que eu

instituição necessária, apesar disso não quiserem nela entrar ou nela perseverar' (*Lumen Gentium*, n. 14). [...] 'Aqueles, portanto, que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo e sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a sua vontade conhecida por meio do ditame da consciência podem conseguir a salvação eterna' (*Ibid.*, n. 16). 'Deus pode, por caminhos Dele conhecidos, levar à fé todos os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho. Pois *sem a fé é impossível agradar-lhe* (cf. Hb 11,6). Mesmo assim, cabe à Igreja o dever e também o direito sagrado de evangelizar' (*Ad Gentes*, n. 2) todos os homens" (CIC, § 846-848).

pudesse durante os dois anos que Jesus falou para eu ficar. Mas é uma região muito extensa e leva muito tempo para ir de um lugar a outro. Eu me lembro de ter ficado esperando por muitos dias, em uma cidade em particular, a aprovação oficial do bispo local para que eu pudesse começar a pregar. Enquanto eu estava esperando chegar minha hora, Jesus apareceu para mim e disse: *O que é bom para você não é bom para mim. Apresse-se em fazer o que eu quero – não o que você quer. Continue aceitando o seu sofrimento sem reclamar, pois eu estou com você.*

Mesmo assim, às vezes era muito difícil conseguir se reviver por lá. Uma vez, fiquei preso em um hotel no meio do nada por mais de uma semana esperando conseguir lugar em um trem para Lubumbashi, uma grande cidade no sul do Zaire, na fronteira com a Zâmbia.

Enquanto esperava, encontrei um ruandês chamado Vincent, que também estava na mesma situação. Ele era um vendedor de minas muito inteligente, mas tinha perdido seu emprego e não tinha dinheiro para comprar uma passagem. Eu o ajudei a descobrir por que estava demorando tanto para eu conseguir um bilhete. Quando eu me dirigia até a estação para reclamar, os vendedores eram rudes e maus comigo e me ignoravam por completo. Vincent disse-me que, mesmo que eu soubesse falar cinco ou seis línguas, eu ainda não tinha aprendido a falar a língua da corrupção governamental.

“Esta é uma língua universal, falada onde quer que existam homens e grana”, disse ele, em seguida pedindo-me algum dinheiro. Nós caminhamos pela estação de trem e Vincent pôs as notas em meu passaporte. Em seguida, entregou ao agente de viagem. Dois minutos depois, eu tinha minha passagem de trem para Lubumbashi. “O dinheiro realmente fala”, explicou Vincent, com uma gargalhada. “Agora você está versado na fina arte do suborno.”

Para recompensar sua gentileza, ajudei Vincent a comprar uma passagem. Depois, após ter passado tantos dias sem fazer nada em um quarto de hotel isolado, finalmente subo ao bordo de um trem em direção à cidade grande, com o objetivo de pregar para grandes multidões que precisavam ser salvas.

Eu não sei exatamente como o vendedor de passagens fez isto, mas eu paguei por duas passagens de primeira classe e recebi duas passagens de terceira classe. Por conta disso, Vincent e eu tivemos que nos sentar nos fundos do trem, onde as janelas tinham sido arrancadas e as portas das extremidades do vagão não podiam ser fechadas e ficavam batendo. O tr

se movia muito devagar e, enquanto dobrávamos uma grande curva, um grupo de homens do lado de fora começou a correr ao longo dos trilhos, próximo ao nosso vagão. Eles pareciam furiosos. Seus olhos estavam injetados e alguns deles tinham bandanas amarradas ao rosto.

“São assaltantes! Deus nos ajude!”, gritou um homem no momento em que os homens lá fora se aproximavam mais de nós. Estava óbvio que eles tinham escolhido nosso vagão por causa do fácil acesso que as janelas e portas quebradas proporcionavam. Um dos homens se agarrou ao peitoril de uma janela e pulou para dentro do trem. Ele caiu em cima de uma mulher e sua filha, que estavam encolhidas em seus assentos.

A mulher e a garotinha gritaram, e o homem bateu no rosto das duas. Em seguida, ele foi à janela para rebocar um dos seus amigos para dentro do vagão. Rapidamente, todos os homens já estavam andando para cima e para baixo no corredor, gritando com os passageiros e exigindo dinheiro de todos. Qualquer um que não pagasse era violentamente espancado. Os bandidos uivavam como cães no momento em que arrastaram três homens para o meio do corredor e depois os arremessaram para fora do vagão. Você podia ver seus crânios batendo contra as pedras e rachando-se ao meio.

Em seguida, os assaltantes amarraram vários passageiros homens em seus assentos usando os cintos de segurança. E, enquanto eles estavam lá sentados, impotentes e sem qualquer ajuda, os bandidos estupravam suas esposas e filhas bem na frente deles. Era horrível assistir aquilo, mas não havia para onde correr ou como conseguir ajuda. Vários homens, com seus facões em punho, montavam guarda ao lado dos estupradores, enquanto estes praticavam seus atos demoníacos. Eu me levantei e fui prestar ajuda a uma mulher, mas eles apontaram seus facões para mim.

Vincent segurou-me pelos ombros e disse-me: “Você conhece todas as orações... Chegou a hora de começar a fazê-las! Reze, reze para Jesus nos salvar! Peça para Jesus aparecer diante de você agora e fazer com que esses homens parem!”

Um dos homens viu o grande crucifixo de madeira que estava pendurado em meu pescoço. “Você é um pregador, não é, garotinho? Isso significa que você tem dinheiro... Passe para cá o seu dinheiro, pregador”, exigiu ele, estendendo sua mão cheia de sangue em direção a mim.

“Dê-lhe o seu dinheiro”, falou Vincent.

Eu tirei as notas do meu bolso e o homem as arrancou de minha mão. O bandido guardou o dinheiro e depois empurrou Vincent e eu para a frente do vagão. Nós não iríamos

esperar para ver o que ele pretendia fazer conosco e pulamos rapidamente para o próximo vagão. Naquela hora, alguns homens que trabalhavam no trem finalmente apareceram, mas era tarde demais para ajudar. Os bandidos já tinham saltado pelas janelas, deixando para trás os corpos massacrados e as almas traumatizadas de suas vítimas.

Os empregados da ferrovia disseram que estupro e assassinato estavam ficando cada vez mais e mais frequentes em todos os lugares do Zaire, e que eles estavam especialmente preocupados com a segurança durante as férias escolares que se aproximavam. “Quem vai proteger nossos filhos?” perguntou um dos condutores, olhando horrorizado para as vítimas arrasadas que estavam no outro vagão.

“Que tipo de mundo é este em que os homens podem fazer coisas tão horríveis assim?”, reclamou Vincent. “Eu não posso mais viver em um lugar como esse.”

Eu, por outro lado, sabia que devia estar em um lugar exatamente como esse. A maldade e o amor ao pecado que tínhamos acabado de testemunhar era a exata razão pela qual Jesus e Maria haviam aparecido em Kibeho – para nos alertar a respeito do que o futuro poderá nos trazer se o homem não aceitar o amor de Deus.

Nós saímos do trem antes de chegar ao nosso destino porque tínhamos que os bandidos pudessem voltar. Paramos em uma cidade chamada Kamina e demos de cara com uma dúzia de soldados armados na plataforma de desembarque. Todo mundo achou que eles estavam lá para proteger os passageiros, mas, para nosso total espanto, eles começaram a roubar as pessoas no momento em que elas saíram do trem! Os soldados nos abordaram e disseram para esvaziarmos nossos bolsos. Subitamente, lembrei-me de uma mulher que conheci enquanto pregava uma ou duas semanas antes, e que tinha dado uma carta para usar se eu entrasse em apuros. Ela disse que minhas mensagens tocaram seu coração e que ela queria garantir que eu conseguisse continuar minha missão.

“Um garoto doce como você vai entrar em situações complicadas viajando por este país”, disse ela. “Meu nome é Petronilla e meu marido é um major muito conhecido no meio militar. Sempre que você estiver com sérios problemas use esta carta. Aqui diz que você é um grande amigo de meu marido. Como todo mundo respeita meu esposo, ninguém botará a mão em você.”

Os soldados tinham agarrado Vincent pelos braços e começaram a vasculhar suas coisas quando eu tirei a carta do bolso e a entreguei para o maior do grupo. “É para você

disse eu. O soldado leu a carta e imediatamente disse aos outros para nos deixarem em paz. Ele devolveu a carta e Victor e eu saímos ilesos. Olhei para o envelope em minhas mãos e perguntei ao meu amigo o que estava escrito na parte de trás.

“É um endereço de uma casa nesta cidade, onde mora a irmã Petronilla. Também diz: ‘Você sempre será bem-vindo aqui’”, explicou Vincent, acrescentando em seguida: “Na próxima vez em que o Espírito Santo te ensinar alguma nova língua, seria uma boa você também pedir para ele ensiná-lo a ler”.

Nós encontramos o caminho que dava na casa da irmã Petronilla. Ela era uma excelente senhora e nos deu jantar e um quarto para dormir por uma noite. Na manhã seguinte, eu parti para continuar minha missão. Embarquei no trem para Lubumbashi, onde eu estava escalado para falar sobre o Fim dos Dias. Pedi para Vincent ir comigo, mas ele disse que não conseguia apagar de sua mente as imagens que ele tinha visto em nossa última viagem de trem. “Deve haver algum demônio vagando por este país, se coisas como aquelas acontecem com famílias viajando em trens lotados em plena luz do dia”, disse ele. Vincent comprou uma passagem para a Zâmbia e nunca mais voltou.

Enquanto eu continuava a falar por todo o país, as multidões que vinham para ouvir as mensagens continuavam a crescer. Eu dei uma entrevista para uma estação de rádio e tive oportunidade de entregar as mensagens do Senhor ao país inteiro pela primeira vez. Parecia que todos os noviços, freiras e padres, de todas as dioceses do Zaire, ouviram aquela transmissão. De repente, eu estava sendo convidado para falar em todos os tipos de igrejas. O Bispo de Lubumbashi estava tão tocado pelas mensagens que ele pessoalmente chamou os padres de todas as dioceses e falou para eles darem apoio às mensagens. Os padres começaram a brigar entre si para ver quem me agendaria primeiro. Fui convidado para falar em 37 paróquias. Minhas palavras também estampavam os jornais, e muitas pessoas que me viram falar e ouviram as mensagens também foram entrevistadas.

As multidões cresceram ao ponto de reunir 5 mil pessoas por vez – todas elas tão quietas e atentas que você poderia ouvir uma lágrima caindo. Minhas conferências se tornaram tão populares e as multidões tão grandes que o pároco de Nossa Senhora do Congo designou-me um carro com motorista e quatro seguranças para ficar comigo a todo o momento. Os lugares em que eu falava também foram crescendo. Comecei a falar em salões de universidades que tinha capacidade para abrigar milhares de pessoas e foram feitos preparativos para pronunciamentos em estádios.

Mais ou menos naquela época, Jesus apareceu para mim e deu-me uma nova mensagem para entregar às pessoas. Era uma mensagem sobre poligamia.

Jesus disse-me que eu deveria lembrar as pessoas de que a poligamia é contrária à vontade de Deus. Era uma mensagem difícil de ser entregue. A poligamia – quando um homem tem duas ou mais esposas – é largamente praticada e aceita no Zaire. Um homem freqüentemente pode ter 10 esposas ou até mais. A cultura aceita e apóia a poligamia, e eu estava surpreso por ter conhecido muitos freqüentadores de igreja que a praticavam – pessoas que tinham bons corações e praticavam bons atos, mas que viviam em relacionamentos poligâmicos. Jesus disse-me que essas pessoas estavam dando um mau e perigoso exemplo para os jovens que pertenciam à igreja e olhavam para eles como sábios orientadores. Ele disse que não há exceções quando se trata de poligamia, e que as pessoas que o adoram na igreja deveriam saber disso antes de cometer um pecado tão óbvio.

Logo em seguida após o meu desembarque em Lubumbashi, Jesus apareceu para mim novamente e disse: *Lembre as pessoas que têm dois relacionamentos que elas estão mantendo os Dez Mandamentos e que elas são como ladrãs.* Para aqueles que estão na igreja e praticam a poligamia, acrescentou esta mensagem: *Como você pode agir por amor de mim se você não está disposto a fazer tudo que estou lhe pedindo para fazer?*

Esta se tornou uma questão bastante controversa durante meu ministério no Congo. Muitas vezes as enormes multidões que apareciam para ouvir as mensagens ficavam incrivelmente entusiasmadas e felizes por ouvir as palavras de Jesus. Quando eu falava sobre suas mensagens a respeito da redenção e salvação através da confissão, do arrependimento e do amor – tudo visando a preparação para o Fim dos Dias –, centenas de pessoas choravam e gritavam: “Amém! Alô! Louvado seja o Senhor!”

Quando eu entregava as mensagens do Senhor sobre o mal da poligamia, porém, as pessoas viaavam e gritavam para eu voltar para Ruanda. O Senhor queria que eu tocasse no assunto da poligamia onde quer que eu pregasse, o que eu sempre fazia. No final de cada encontro, eu era atacado.

“A poligamia é praticada na Bíblia”, diziam eles. “O que dizer dos patriarcas do Antigo Testamento? Abraão teve três esposas, o Rei Davi teve sete e o Rei Salomão teve 700! Por que eles podiam fazer isso e nós não podemos? Por que não podemos ter sequer duas esposas?”

Eu os respondia conforme Jesus tinha me instruído: “Nós não vivemos mais nos dias do Antigo Testamento. Nós vivemos nos dias do Novo Testamento. Jesus veio para a Terra, nos ensinou um novo caminho e nos mostrou como seguir esse caminho nas palavras do Novo Testamento”.

Quando eles perguntavam: “Por que Jesus acha que aqueles que têm duas esposas são assassinos e ladrões? Isso não é uma coisa lá muito boa para se dizer sobre nós!”, eu sempre respondia: “Jesus disse-me que a segunda esposa é uma assassina porque ela está matando a paz e a alegria que a primeira esposa sente em seu coração em relação a seu marido. O primeiro casamento é sagrado; ele é abençoado pelo sacramento do matrimônio no primeiro (e unicamente legítimo) casamento. E Jesus disse que a segunda esposa é uma ladra porque ela está roubando o amor que o marido deveria ter unicamente por sua primeira esposa. O amor conjugal do marido pertence à primeira esposa e qualquer um que roubar esse amor dela é um ladrão”.

“Jesus disse que o homem em um relacionamento poligâmico é um ladrão e assassino como qualquer outro ladrão e assassino – um assassino porque ele está matando o mandamento de Deus e um ladrão porque ele está pegando o que não foi dado a ele. Ele será julgado como um ladrão se não se arrepender e abandonar esse pecado. Sendo assim, tanto o homem quanto a mulher que estão em um relacionamento poligâmico são como assassinos porque matam a pureza do amor que Deus concede ao homem e à mulher quando eles se juntam como marido e esposa durante o santo sacramento do casamento.”

Essas declarações enfureceram todo mundo na audiência que apoiava a poligamia. E, para a minha surpresa, as pessoas que mais se mostravam ultrajadas pela mensagem eram as mulheres! Umas quarenta ou cinquenta mulheres, furiosas, me confrontaram certa tarde após eu ter concluído meu pronunciamento no salão de uma igreja de Lubumbashi.

“Como você pode dizer essas coisas?!”, disparou uma. “A maior parte dos homens de minha aldeia foi morta durante a guerra e agora há grande escassez de homens. O que você espera que nós, mulheres, façamos quando chegar nossa hora de casar e ter filhos? O que há de errado em várias mulheres compartilharem o mesmo marido? É melhor compartilhar um marido do que não ter marido nenhum! Ou Deus quer que todas nós nos tornemos freiras?”

Outra disse que vivia em um relacionamento poligâmico há 12 anos e que era impossível obedecer à mensagem

de Cristo a respeito da necessidade de sair desse tipo de casamento. “Eu sou a terceira esposa, mas estou casada com meu marido há muito tempo”, disse-me ela. “Nós temos três filhos. O que você quer que eu faça? Eu deveria largar meu marido? Para onde eu iria? Como eu poderia alimentar minhas crianças? Devo me tornar mendiga ou prostituta para que meus filhos não passem fome? Há muitas mulheres como eu... E nem todas podem dar suas vidas a Deus!”

Tudo que eu conseguia dizer a elas é que nem sempre é fácil obedecer a vontade de Deus, mas que devemos obedecê-la. Nossa vida na Terra é difícil, mas é passageira. Nós seremos recompensados no Paraíso por termos vivido aqui da forma como Deus quer.

Muitos rapazes e garotas que estavam na audiência do salão da igreja de Lubumbashi também estavam furiosos com minha mensagem. Quando me abordaram após o meu pronunciamento, eles queriam saber o que há de errado com sexo fora do casamento.

“Não é normal para nenhum homem passar muito tempo sem ter uma mulher”, declarou um rapaz. “E por que uma garota não poderia estar com um homem se esse homem pode ajudá-la a pagar seu aluguel ou suas despesas escolares? Não é aceitável que uma garota possa tirar algum benefício do relacionamento com um homem? O que há de errado em fazer um homem feliz se o homem também faz a mulher feliz?”

Eu respondi ao rapaz repetindo a mensagem sobre o sexo conjugal que Jesus e Maria entregaram em Kibicho: “Os homens e as mulheres devem respeitar a si mesmos e considerar seus corpos como templos de Deus, e não permitir que eles sejam usados como parques de diversões da carne. Eles colocam suas almas em risco por alguns momentos passageiros de prazer. Adolescentes e jovens acham que estão se divertindo, mas não pensam sobre as consequências de suas ações sobre suas almas imortais. Isso é algo sobre o qual as pessoas mais velhas da sua igreja deveriam alertá-lo”.

Eu falei para os jovens rezarem a Deus pedindo para que Ele leve homens e mulheres de fé e bom caráter às suas igrejas. Esses são os modelos de que eles necessitam e não pessoas poligâmicas que vivem em constante adultério. A juventude deve aprender esta verdade: o adultério é um pecado muito sério – ele viola o Sétimo Mandamento. É melhor ser casto até o casamento, e fiel em um casamento constituído pela união de um único homem com uma única mulher.

As mensagens sobre poligamia e adultério que entreguei quase ocasionaram minha morte.

A primeira vez em que entreguei uma mensagem sobre poligamia em Lubumbashi foi às vésperas do Natal de 1986. Eu assisti a uma missa da meia-noite com um grupo de cristãos carismáticos que mais tarde realizaram uma recepção e uma reunião de oração em homenagem a mim.

Durante a recepção, alguém me deu um copo com Coca-Cola. Antes de levar o copo à boca, eu parei para fazer uma oração de agradecimento a Deus. Durante mais ou menos dois minutos, que foi o tempo que levei para fazer a oração, eu senti o copo se aquecer em minha mão e uma força jamais vista agarrando meu pulso, impedindo-me de levar a bebida até a boca. Em seguida, eu vi o líquido escorrendo sobre minha calça. O fundo do copo tinha caído no chão. Parecia uma lupa de aumento jogada sobre os azulejos. Fios de fumaça subiam do copo sem fundo que ainda estava em minha mão.

“Veneno!”, gritou alguém. Ouvi a palavra *veneno* ondu-lar através do grupo de oração em uma onda de sussurros espantados.

O padre que tinha ajudado a organizar o encontro, Padre Mutombo, estava horrorizado. Ele fazia parte de uma equipe designada para me proteger quando as multidões começaram a crescer enormemente e depois que comecei a receber ameaças durante as mensagens a respeito da poligamia.

Dois professores de Ciência da universidade local estavam na recepção e examinaram o copo. “Isso poderia matá-lo”, disse um deles. “É algum tipo de ácido.”

A sala ficou silenciosa e o clima muito desconfortável. Por fim, um dos carismáticos aproximou-se e recolheu os dois pedaços do copo, um pedaço em cada mão. Ele começou a andar pela sala com as mãos erguidas para o alto e dizendo: “Aleluia, amém! Aleluia, amém! Aleluia, amém! Um milagre salvou a vida de Segatashya!” (Mais tarde, uma mulher confessou à polícia que tinha colocado ácido em minha bebida para ver se Jesus iria mesmo me salvar, o que, segundo ela, provaria que Deus realmente tinha me enviado ao Zaire.)

Após o homem que carregava os pedaços do copo ter circulado pela sala, mais refrescos foram servidos. O Padre Mutombo correu até mim e trocou os pratos do jantar. “Só para garantir”, disse ele. “E, depois de hoje, não haverá mais recepções ou jantares. Após o término de suas pregações, irei escoltá-lo diretamente para o seu quarto. É melhor não corrermos riscos desnecessários.”

Eu considerei toda a situação um pouco deprimente e, depois do ocorrido, passei a ficar nervoso sempre que levava um copo, xícara ou garfo à boca.

No dia seguinte, Jesus apareceu para mim e disse: *Onde havia morte, agora há vida. Seja forte e paciente, pois os corações de muitos são como pedras, e os ouvidos de muitos estão fechados. Fique atento e mantenha-se firme nas orações. Continue rezando e ponha-se em guarda. Eles estão tentando machucá-lo – eles virão da esquerda e da direita. Se você não se proteger com a oração, você será facilmente ferido.*

Jesus não apareceu mais para mim por seis meses. Eu continuei em minha missão, viajando pelo Zaire e pregando sua palavra. A multidões continuavam a crescer todas as vezes. Uma vez, houve 15 ou 20 mil pessoas em um único evento ao ar livre.

Apesar de muitas pessoas terem ido aos encontros, eu não diria que *eu* era popular na região. Eram as mensagens de Jesus que as pessoas tanto amavam e vinham de longe para ouvi-las. Eu estou muito feliz por tantas pessoas terem ouvido suas palavras – tenho certeza de que incontáveis corações foram convertidos após ouvirem as mensagens.

Eu também continuei pregando contra a poligamia, conforme Jesus me instruiu. A mensagem nunca era bem recebida porque a verdade, às vezes, é difícil de ser aceita. Mas Jesus me assegurou de que muitas pessoas a ouviram... E que muitas mudaram suas vidas. Assim, onde quer que eu fosse, eu geralmente tinha pelo menos dois guarda-costas comigo para me proteger.

Devo admitir que, quando Jesus não estava aparecendo regularmente para mim, eu achava meus dias mais difíceis, e freqüentemente passei por sofrimentos em minha vida pessoal. Tive que enfrentar muitas tentações, as quais eu só era capaz de evitar pela oração constante. Eu sentia que o inimigo estava sempre tentando me atacar, que o demônio odiava o fato de que as mensagens do Senhor estavam chegando às pessoas e que dezenas de milhares de corações no Congo estavam ficando repletos do amor de Deus.

O demônio veio até mim de muitas formas. Como eu já disse anteriormente, as mortes de minha mãe e irmãos, especialmente por terem ocorrido de uma vez só, me atingiram muito profundamente. Tenho certeza de que o demônio tirou alguma vantagem daquela tristeza.

Aconteceram outras coisas ruins que me puseram sob prova. Na noite de Sexta-Feira Santa, no ano passado, eu estava dormindo em um quarto da casa de visitas de uma paróquia quando um vento violento e uma tempestade irromperam no céu de uma noite até então calma. Alguém na paróquia me acordou e me levou ao prédio central para nos

protegermos. A tempestade durou apenas alguns minutos e não danificou absolutamente nada na casa de visitas, com exceção do meu quarto, que ficou completamente destruído. O teto se desprende das paredes e caiu bem em cima da minha cama. Em seguida, as paredes, que tinham perdido o suporte do teto, também caíram sobre a cama. Os trabalhadores levaram horas cavoucando entre os entulhos para recuperar meus pertences. Se aquela pessoa não tivesse batido em minha porta bem naquela hora, eu certamente teria morrido.

Outra vez eu estava em outra casa de visitas de uma paróquia diferente e acendi uma pequena vela devocional antes de me deitar para dormir. Eu coloquei a vela em cima de uma cômoda de metal, sobre a qual não tinha mais nada além da vela. Antes de dormir, eu rezei, agradecendo a Jesus por me deixar servi-lo e me proteger. Eu peguei no sono e logo sonhei que alguém tinha entrado no quarto e tocava em meu ombro. Essa pessoa estava dizendo: "Segatashya, Segatashya, acorde! Apague o fogo antes que a casa inteira incendeie".

Eu abri meus olhos para ver quem estava falando comigo. Não havia ninguém lá, mas o quarto inteiro estava cheio de fumaça. A cômoda de metal tinha sido engolida pelas chamas. Eu fui ao banheiro e peguei água e algumas toalhas molhadas e consegui apagar o fogo. Minhas mãos queimaram muito seriamente, mas eu pedi a Deus que me livrasse da dor e as queimaduras foram curadas em uma semana.

E houve outra ocasião quando algo muito perturbador ocorreu. Eu tinha acabado de terminar uma pregação em uma paróquia no sul do Zaire e estava esperando um ônibus para embarcar em direção a outra província, na qual eu estava agendado para falar. Enquanto eu esperava, um jovem padre chamado François estacionou em frente ao ponto de ônibus. Ele tinha me ouvido falar e sabia que eu estava indo para a mesma cidade que ele. "É uma viagem de duas horas", disse o Padre François. "Faça-me companhia e conte-me tudo sobre Kibeho."

Como estava tarde e muito escuro, fiquei contente com a carona. Já tinha se passado uma hora de viagem e nós estávamos tendo uma agradável conversa sobre as parábolas de Jesus quando uma mulher repentinamente correu para a nossa frente no meio da estrada e acenou para nós. Ela estava toda desgrenhada e aflita, e implorou que lhe dêssemos uma carona até a próxima cidade. Ela sentou no banco de trás e começou a chorar tão intensamente que não conseguia nem falar. Em um certo momento, ela começou a arrancar os próprios cabelos. Depois que pegamos a estrada principal, ela se acalmou um pouco e começou a nos contar o que tinha acontecido.

Ela disse que estava em sua casa com sua filha quando soldados irromperam pela porta e tentaram estuprar a menina. "Eles a agarraram e estavam arrancando as roupas dela, mas ela não deixava que tocassem nela. Ela bateu no rosto de um deles e o homem tirou uma faca enorme e a esfaqueou no estômago. Em seguida os outros soldados também pegaram suas facas e deram várias e várias facadas nela. Eles a mataram! Aqueles demônios mataram minha única filha! Ela era tudo que eu tinha no mundo!"

O Padre François e eu nos olhamos pensando no que fazer e como consolar aquela pobre mulher. Nesse momento, ela gritou: "Eu não quero mais viver!" A porta de trás do carro se abriu repentinamente e em seguida ouvimos um baque terrível. O carro derrapou na estrada até que o Padre François o conseguisse controlar e parar no acostamento. A mulher não estava mais no banco de trás. Nós a encontramos a mais ou menos 30 metros de distância. Ela estava morta.

O Padre François e eu estávamos tremendo. Nós não conseguíamos acreditar no que tinha acabado de acontecer. Nós oramos sobre o seu corpo a pedimos a Deus que tivesse misericórdia de sua alma.

Encontramos outro padre dirigindo pelas redondezas e pedimos para ele chamar a polícia. Quando os policiais chegaram, eles prenderam o Padre François e o colocaram na cadeia. Como ele era o motorista, eles pensaram que ele poderia ter atropelado a mulher. Era como estar no inferno — eu pensava que ia enlouquecer. Eu simplesmente estava cercado pelo horror.

A única coisa que me impediu de enlouquecer foi a proteção de Deus. Eu acho que Jesus queria me mostrar o que ele queria dizer quando falava que o mundo estava em péssimas condições. Eu não tinha percebido quanta violência, ódio e perversidade havia no mundo até sair de casa. Meu lar era um lugar pacífico, onde as pessoas cuidavam umas das outras. O Zaire abriu meus olhos para o tipo de destino que o mundo pode ter quando não é tocado pelo amor de Deus.

O padre que tinha ido à polícia a nosso pedido levou-me para sua paróquia e nós oramos por toda a noite. Eu rezei o Rosário por horas e pedi a Maria que me livrasse da dor em meu coração e da confusão em minha mente. Eu pedi a Jesus que cuidasse do Padre François e o protegesse dos demônios que estavam me atacando. E eu pedi novamente a Deus que tivesse misericórdia da alma da mulher que saltou de nosso carro.

Na manhã seguinte, meu coração se sentia mais leve e aliviado. Dois dias depois eu fui à delegacia de polícia para

testemunhar a favor do Padre François. Ele foi inocentado de qualquer acusação e solto.

Não muito tempo depois daquele incidente, Jesus apareceu para mim e disse que estava vendo todas as provações, tentações e tribulações que eu tive que agüentar. Ele também me agradeceu por eu ter permanecido sempre fiel e obediente a ele. Além disso, ele disse que era hora de eu ir para casa, que minha missão no Zaire estava terminada e que logo eu poderia começar minha missão em Ruanda. Eu agradeci a Jesus por ter vindo até mim e consolar meu coração. Depois arrumei minhas coisas e vim direto para casa.

PERGUNTA: Segatashya, nós não sabemos como agradecer-lo por esse relato. Você é um rapaz de grande fé, que verdadeiramente ama a Deus. Nós podemos ver que você está tocando os corações de muitas pessoas em suas missões. Vamos passar adiante nossas conclusões e estamos ansiosos para ouvir sobre sua próxima missão aqui em Ruanda.

EPÍLOGO

FACE A FACE COM SEGATASHYA

Uma das melhores coisas de ter sido aceita pela Universidade Nacional de Ruanda era que o campus ficava a apenas uma hora de viagem de Kibeho. Isso significava que finalmente eu poderia – dez anos depois de ter implorado pela primeira vez a meu pai que me levasse junto com ele em suas peregrinações – fazer uma peregrinação para o lugar com o qual eu sonhava desde que era criança. E dessa vez eu não precisava da permissão de ninguém. Eu poderia ir sempre que meu espírito me movesse – e ele me movia bastante.

Nós tínhamos um grupo de oração no campus que fretava um ônibus para levar os estudantes até Kibeho várias vezes ao mês, e você pode ter certeza de que eu fui junto com eles em todas as viagens. Era uma experiência incrível poder caminhar sobre o chão daquele lugar sagrado e testemunhar em primeira mão os eventos milagrosos sobre os quais eu ouvia falar desde criança.

Ainda havia vários visionários recebendo aparições naquela época, as multidões de adoradores ainda se aglomeravam defronte ao palco esperando por um milagre e o ar ainda vibrava repleto de energia espiritual, tudo em um grande clima de expectativa.

Na época em que me mudei para o campus, no outono de 1992, as aparições públicas de Segatashya tinham acabado há mais de nove anos. E as missões de pregação para as quais Jesus o tinha enviado, em Burundi, Zaire e por toda Ruanda, terminaram sem que eu nunca pudesse ter tido a chance de conhecê-lo pessoalmente ou vê-lo no meio de uma aparição. Mais frustrante ainda era o fato de que, durante sua missão em meu país, no final da década de 1980, ele visitou minha cidade natal, Matabele, eu não estava lá! Quase todo mundo que eu conhecia ouviu falar e apertou sua mão, mas eu tinha acabado de

entrar para o internato no norte de Ruanda e não tinha jeito de voltar para casa.

Bem, eu ainda tenho minhas gravações em fita das aparições que Segatashya viu em Kibeho, pensei. *Eu vou ter que me contentar em ouvi-las*. Eu tinha me resignado ao fato de que nunca encontraria Segatashya pessoalmente... Mas eu me resignei cedo demais.

Nosso encontro foi acontecer no fim de outubro, em meu primeiro ano na faculdade. Eu estava em meu quarto estudando para uma prova de Química quando minha amiga Marie entrou toda afobada e com um enorme sorriso no rosto.

“Se eu pudesse apresentar você a qualquer pessoa do mundo, não importa quanto rica ou famosa fosse tal pessoa, quem você gostaria que fosse?”

Marie tinha fama de ser uma notória brincalhona, e eu estava certa de que ela estava prestes a pregar uma peça em mim que me faria ficar com cara de boba. “Por que você está perguntando isso? Você encontrou alguma estrela do cinema americano no campus que vai ficar para o almoço? Eddie Murphy ou Sylvester Stallone?”, brinquei, apontando os dois únicos atores famosos de Hollywood que eu conhecia.

“Não! Estou falando sério! E isto é melhor do que qualquer estrela velha do cinema... *Pense!* Não há *ninguém* em todo o mundo que você gostaria de conhecer, mas que você achava que nunca conheceria?”

Eu balancei minha cabeça. Eu não tinha a menor idéia do que minha amiga estava falando... Até eu perceber que ela estava com um rosário em sua mão direita. Embora ela gostasse de fazer brincadeiras comigo, Marie amava a Virgem Maria e Jesus tanto quanto eu. Além disso, ela sabia o quanto eu era fascinada por Kibeho e seus visio-nários.

“Você está brincando, Marie?”

“Não estou brincando, Immaculée!”

“Você está dizendo que pode me apresentar à pessoa que eu mais gostaria de conhecer?”

“É isso mesmo!”

“Você não está falando de Segatashya, está?”, perguntei, largando meu caderno no chão e me levantando em um salto.

“Sim, estou! Ele está aqui no campus!”, gritou ela.

“Não está!”, gritei de volta.

“Está sim!”, respondeu Marie.

“Não!”

“Sim!”

“Você precisa me contar tudo agora mesmo: onde você o viu, o que ele está fazendo aqui, como ele se parece, e se ele lhe disse alguma coisa. *Diga-me!*”

Marie, então, contou-me que sua mãe, que era tão fanática por Kibeho quanto eu, ouviu de uma amiga de seu grupo de oração em Kigali, que por sua vez soube por uma freira de Butare, que Segatashya tinha conseguido emprego na capela da universidade para ajudar o padre da escola com suas tarefas e fazer trabalhos manuais nas imediações da reitoria. Ele também estava trabalhando algumas horas por semana na biblioteca da escola.

“Ah, provavelmente é só um boato”, disse eu, engolindo em seco.

“Não, Immaculée”, insistiu minha amiga. “Você conhece minha mãe. Em se tratando de notícias relacionadas a Kibeho, ela tem as melhores conexões!”

“Vamos ver”, disse eu, saindo apressada pela porta correndo o mais rápido possível para a capela. Eu estava ofegante quando cheguei ao escritório do padre e me sentei nos degraus para descansar um pouco e recuperar o fôlego. Não conseguia acreditar no quanto eu estava empolgada... E nervosa! Entrar no escritório do padre poderia me deixar face a face com alguém que contemplou a face de Cristo.

Desde as minhas mais remotas memórias da infância eu tenho ponderado acerca da natureza de Deus. Já em meus quatro ou cinco anos eu passava horas e horas pensando em como seria a aparência de Deus, se Ele estava sorrindo ou triste em um determinado dia, se Ele nunca dormia – e, se ele dormia, qual seria o tamanho de sua cama? À medida que eu crescia, minhas dúvidas obviamente se tornaram mais complexas – mas pensamentos sobre a criação, a eternidade, a salvação e a natureza do bem e do mal sempre tiveram grande importância na melhor parte de minha mente.

Agora eu poderia estar prestes a conhecer alguém que conversou com Jesus regularmente e a quem, talvez mais do que para qualquer outra pessoa, os mistérios do universo podem ter sido revelados. Talvez Segatashya me pudesse falar sobre os segredos que o Senhor compartilhou com ele sobre o Paraíso e que ele jamais contou a qualquer pessoa. Tudo era possível!

Mas não era apenas a possibilidade de ouvir alguma coisa sobre o Paraíso que estava me fazendo tremer em frente ao escritório do padre. Segatashya foi um dos meus maiores heróis na infância. Eu o amava porque ele era um azarão, um estranho e diferente garoto pagão sem qualquer estudo, arrancado de uma plantação de feijão por Jesus, que em seguida o transformou em um poderoso guerreiro de Deus. Esse adolescente aprendeu a lutar por justiça e retidão, e a batalhar contra Satanás, com o próprio Jesus!

Segatashya dedicou sua juventude a espalhar a palavra de Deus para ajudar a levar almas para o Céu. Ele fez a obra do Senhor em países perigosos, debateu com padres e diplomatas, e aconselhou bispos e presidentes. Tudo isso sem jamais ter aprendido a ler. Ele era corajoso, honesto, humilde, bonito e gentil. Ele ansiava em ser bom, odiava fazer o mal e amava a Deus sobre todas as coisas. Como eu não poderia admirá-lo na minha infância? E eu fui admirando-o mais e mais a cada ano que passava...

Quanto mais madura e estudada eu me tornava, mais eu podia apreciar plenamente a grandeza dos seus feitos. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, eu queria conhecer Segatashya para que ele me contasse como era falar com Jesus.

Eu caminhei para dentro do escritório do padre e perguntei à secretária se poderia falar com Segatashya.

“Cinco minutos atrás você poderia ter falado”, disse ela.

Meu coração acelerava e diminuía o pulso simultaneamente. Eu simplesmente tinha perdido a chance de conhecer meu herói... Mas, graças a Deus, era verdade que Segatashya estava trabalhando no campus!

“Ele estará aqui amanhã?”, perguntei, cheia de esperança.

“É difícil dizer”, respondeu ela. “Ele trabalha aqui só ocasionalmente. Ele faz trabalhos para a Igreja em outras paróquias também, e às vezes dá uma mãozinha na biblioteca da escola. Mas você pode deixar um recado para ele, se quiser.”

“Sim, obrigado!”, respondi-lhe, sorrindo, enquanto pegava a caneta e o papel que ela tinha me dado e começava cuidadosamente a escrever uma carta para o meu visionário favorito. Eu levei o tempo que achei necessário, querendo que o conteúdo e a caligrafia ficassem perfeitos.

“Não escreva nada muito longo, querida”, disse a secretária. “Ele pode trabalhar na biblioteca, mas não sabe ler. Deixe seus contatos e eu entregarei a ele na próxima vez em que ele estiver por aqui.”

“Certo, esqueci desse detalhe”, respondi, e rapidamente fiz uma nota dizendo a Segatashya que, se não fosse causar-lhe muito incômodo, eu adoraria encontrá-lo para conversar por alguns minutos. Eu disse que meu quarto ficava próximo dali, que ele poderia bater em minha porta em qualquer dia depois das 17h e que eu não tomaria muito do seu tempo.

Por alguma razão, eu não esperava que Segatashya fosse aparecer, provavelmente porque eu não queria criar expectativas e depois me desapontar. Mas, às 17:01h do dia seguinte, coloquei minha cabeça para fora da porta do meu quarto para dar uma olhada – e lá estava ele!

Ele estava no fim do corredor e caminhava em direção ao meu quarto. Se eu já achava que tinha ficado nervosa no dia anterior, agora eu estava praticamente hiperventilando!

Em primeiro lugar, ele não era um garotinho de forma alguma! Eu tinha mantido a imagem do pobre e pequenino garoto pastor em minha mente por toda a década anterior, mas naquela década aquele garotinho tinha se transformado em um homem alto e adulto! Eu acho que nunca tinha me sentido tão intimidada por alguém dessa forma antes... Eu senti como se o próprio Jesus estivesse caminhando em minha direção.

Meu coração estava disparado e eu fiquei tonta. Eu gostaria de conhecê-lo, mas ao mesmo tempo queria me esconder dele. Eu me perguntava se devia fechar a porta e me trancar no armário até que ele fosse embora, mas era tarde demais. O famoso visionário estava parado bem em frente de mim. E ele tinha o sorriso mais doce que eu já tinha visto.

“Olá, Immaculée, eu sou Segatashya”, disse ele, com uma voz muito mais profunda e ressoante do que aquela que eu me lembrava de ouvir pelas fitas quando era criança; mas era tão doce quanto.

“O-oi”, disse eu, gaguejando. Nós nos abraçamos e nos cumprimentamos com o tradicional abraço ruandês (o que não é exatamente um abraço, mas mais um roçar de ombros).

Depois ficamos apenas olhando um para o outro.

Eu tinha tanta coisa para dizer, mas não conseguia reunir as palavras para expressar o que queria. Ele sorriu para mim e tentou me deixar à vontade com suas maneiras gentis e seus olhos carinhosos.

“Com licença”, disse uma voz atrás de mim. Eu tinha esquecido que Marie estava no quarto comigo. Ela aceitou para Segatashya e eu acho que eles disseram alguma coisa entre si, mas realmente não lembro, porque estava preocupada em encontrar o que dizer. Pela primeira vez na vida, eu não conseguia formar uma sentença.

Após vários minutos de silêncio constrangedor, Segatashya disse: “Bem, eu queria dizer oi para você pessoalmente. Foi muito bom conhecê-la, mas é melhor eu ir andando. Passe no escritório para dar um oi qualquer hora...”.

Eu queria que ele ficasse um pouco mais, mas o que eu poderia fazer? Eu estava completamente incapaz de falar! Por sorte, há um costume na cultura ruandesa no qual o anfitrião deve acompanhar o seu convidado até uma parte do percurso do seu destino quando ele está indo embora. Desta forma, eu automaticamente comecei a caminhar com Segatashya em direção à extremidade do campus.

Eu fiz uma pequena oração à Santíssima Virgem pedindo que soltasse minha língua. Finalmente, após caminhar em silêncio durante a maior parte do percurso, eu sentia que estava prestes a começar a falar. Naquela hora não havia tempo para sutilezas e resolvi ir direto ao ponto de tudo que eu queria saber. Logo depois que comecei a fazer-lhe algumas perguntas, não consegui mais parar.

“Perdoe-me”, disse eu. “Eu sei que as pessoas provavelmente ficam sempre lhe perguntando sobre as aparições, e que isso deve ser um pouco chato, mas é por isso que eu queria vê-lo. Eu quero saber... Bem, eu quero saber tudo!”

Em seguida, eu lhe contei sobre o significado de Kibeho para mim, e de como eu acompanhei as aparições e ouvi as mensagens desde o momento em que começaram. Sem esperar por uma resposta, eu lhe fiz todas as perguntas que vinha guardando por anos, para o caso de um dia conhecer um visionário.

Eu lhe fiz perguntas sobre os mais bobos detalhes das roupas de Jesus e sobre como ele penteava seu cabelo. Eu queria saber como era se sentir tão próximo do Senhor

e qual era o timbre de sua voz. Ele alguma vez riu ou brincou? E fiz-lhe ainda algumas perguntas mais pesadas, relacionadas ao pecado à salvação, e sobre tudo o mais que simplesmente saía de minha cabeça.

Subitamente, percebi que estávamos bem próximos dos limites do campus e que Segatashya já tinha parado de andar. Por fim, tomei fôlego e me desculpei por não ter parado de falar. Ele permanecia em silêncio... “Desculpe, Segatashya, acho que fui um pouco rude perguntando-lhe tantas coisas... Eu não quero tomar mais o seu tempo”, disse, cabisbaixa.

“Ah, não, não! Sem problemas, Immaculée”, respondeu ele, com uma risada calorosa. “Eu entendo perfeitamente por que você tem tantas perguntas e eu teria tantas quanto você. Eu amo falar sobre Jesus e suas mensagens. Eu estava apenas pensando sobre como começar...”

“Bem, você poderia me emprestar os seus olhos por alguns momentos, se isso fosse possível. Desta forma, eu poderia ver tudo que você viu”, brinquei. Ele riu novamente e depois começou a responder algumas das questões que eu fui lhe atirando desde que tinha saído do meu quarto.

“Vamos começar falando sobre como era sua aparência”, começou Segatashya. “Jesus é um homem alto, tem 1.80m mais ou menos, ou talvez seja até um pouco maior. E ele é um homem forte, como se tivesse passado muito tempo de sua vida fazendo trabalhos físicos.”

“Ele parece estar no fim dos seus 30 anos ou no começo dos 40, e geralmente veste uma túnica branca. Às vezes veste também uma sotaina litúrgica sobre seus ombros, que às vezes era da cor vermelha, às vezes da branca. A sotaina cai sobre seus ombros, como no estilo tradicional de se vestir do homem ruandês.”

“Jesus tem barba e um longo e negro cabelo que desce até os ombros. Ele é um homem muito bonito e tem uma face madura que geralmente carrega uma expressão séria. Seus olhos são muito suaves, mas sempre firmes e determinados. É difícil descrever o tom de sua pele, pois não

há na Terra uma cor que lhe seja comparável. Parece-se com o bronze, como a pele de um homem ruandês, mas não é negra. É uma pele lisa e vibrantemente viva. Sua pele fulgura como se o sol brilhasse dentro do seu corpo.”

“Quando você olha para os olhos do Senhor, você pode ver que ele é muito manso, mas às vezes muito triste. Quando ele olha para você, você sabe com absoluta certeza que ele lhe ama e lhe protege. E, mesmo que ele pareça jovem, você não tem a menor dúvida de que ele é o Rei dos Reis.”

“Immaculée, você pode sentir toda a majestade de Jesus irradiando dele... E, se não fosse pela graça do Senhor em te manter de pé, você cairia em sua presença, sabendo que não é merecedora de ficar em pé diante dele. Na verdade, uma vez ele me disse que, se aparecesse para mim em sua plena glória divina, eu não conseguiria suportar o esplendor de seu poder e beleza.”

“Embora eu o tenha visto várias vezes, ainda é muito difícil, para mim, dizer como era estar em sua presença. Tudo que me lembro mais claramente é do amor, da luz e da majestade do Senhor tornando-me vulnerável, frágil e me fazendo desabar pelo chão quando ele estava perto. Ele inspira grandeza, tremendo respeito e o desejo de fazer toda e qualquer coisa por ele. Ele é verdadeiramente o caminho, a verdade e a luz... Ele é amor e vida no mais puro sentido.”

Enquanto ouvia Segatashya falar sobre seus encontros com Jesus, eu começava a perceber que o poder de suas palavras poderia me manter acordada durante toda a noite. Continuei perguntando ao meu mais novo amigo sobre a forma como ele sentia o amor de Deus. Era como o amor de um pai ou de um irmão?

Naquele momento de nossa conversa, porém, pude ver que Segatashya estava sentindo verdadeira pena de mim, que ele desejava poder dar-me a bênção de ver o que ele viu quando estava na presença de Jesus. “O que você precisa saber é isto: Jesus conhece todos nós no mai

profundo de nossos corações e almas; ele conhece todos os nossos sonhos e preocupações, todas as nossas esperanças e medos, toda nossa bondade e toda nossa fraqueza”, explicou ele. “Ele pode ver nossos pecados e faltas, e quer de nós apenas que purifiquemos nossos corações e almas, para que possamos amá-lo sem medida, como ele nos ama. Quando ele nos manda algum sofrimento, ele o faz apenas para fortalecer nossos espíritos para que sejamos fortes o suficiente para lutar contra Satanás, que quer nos destruir. Feito isso, um dia poderemos gozar da glória de sua presença por toda a eternidade.”

“Deixe-me dizer de outra forma, Imaculée: quando eu estava com ele, eu nunca queria ir embora. Se ele me pedisse para ir embora para ficar com ele, eu deixaria este mundo na hora, sem a menor hesitação. Estar perto de Jesus é estar perto do amor. E nenhuma palavra precisa ser dita. Em sua presença, nossa alma fica em paz e completamente feliz.”

“Saiba que o amor dele é real e eterno, e nós poderemos possuí-lo se o amarmos e fizermos sua vontade aqui na Terra. Convide-o para entrar em seu coração e todas as essas graças serão suas. Ele não irá lhe recusar nada. Se você pudesse ter uma única certeza em sua vida, você pode estar certa de que seria esta: Jesus a ama.”

Eu tinha tantas perguntas a fazer para Segatashya sobre as aparições, as mensagens e sua convivência com o Senhor, mas já estava tarde, o sol estava se pondo e tínhamos que ir embora. Caminhei de volta para o meu quarto e ele se foi em direção ao pôr do sol. Dezoito meses depois deste dia, Ruanda estava em ruínas. Mais de um milhão de pessoas tinham sido assassinadas, e quase todo mundo que eu tinha amado em minha vida tinha morrido, inclusive Segatashya.

Durante uma aparição, 12 anos antes do genocídio, Jesus tinha mostrado a Segatashya imagens de lares ardendo em chamas e pessoas sendo cortadas em pedaços por assassinos armados com facões. O Senhor disse a ele

que isso era o que estava prestes a acontecer se as pessoas continuassem a viver em pecado e odiando umas às outras. Segatashya sabia que o genocídio estava se aproximando. Ele nos avisou sobre isso, e disse também que poderíamos evitá-lo amando e servindo a Deus, mas alguns de nós não lhe demos ouvidos.

Quando soube que Segatashya tinha sido assassinado por um esquadrão da morte, eu chorei por ele e pelo mundo, que acabava de perder um grande mensageiro de Deus. Ele era a voz da verdade em um mundo que vivia quase sempre envolvido em mentiras e enganos. Ele era a luz que nos trouxe as mensagens de Deus em plena escuridão. Se nós as ouvirmos com o coração aberto, elas podem nos tirar da escuridão e nos levar para os braços repletos de amor de Deus.

As mensagens que Segatashya dedicou toda sua vida a compartilhar podem transformar nossos corações e salvar nossas almas. E, se forem ouvidas e praticadas por um bom número de pessoas, podem tirar nosso mundo da beira da destruição. Minha grande esperança, ao escrever este livro, é que vocês todos ouvirão as mensagens que Jesus nos mandou através dele.

Em meu coração, eu sempre amarei e me lembrarei de Segatashya como “o menino que conheceu Jesus”. E, agora que você conhece um pouco sobre ele, eu espero que você possa amá-lo também.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ilibagiza, Immaculée

O menino que conheceu Jesus: Sagatashya de Kibeho
/ Immaculée Ilibagiza e Steve Erwin; tradução de
Rafael Guedes – Campinas, SP : Ecclesiae, 2013.

Título original: *The Boy who meet Jesus: Sagatashya
of Kibeho*

ISBN:

1. Cristianismo 2. Catolicismo 3. Experiências
religiosas.

I. Immaculée Ilibagiza II. Steve Erwin III. Título

CDD – 248.2

Índices para Catálogo Sistemático

1. Experiências religiosas (misticismo, conversão) – 248.2
2. Catolicismo – 282

Este livro foi impresso em julho de 2013 pela
Ecclesiae Editora. Os tipos usados são da família
Sabon. O miolo foi feito com papel Chambrill
Avena 80g, e a capa com cartão supremo 250g.



STEVE ERWIN

é escritor e jornalista premiado, nascido em Toronto e trabalha em meio de comunicação impressos e eletrônicos. Desde que se mudou para os Estados Unidos, em 2000, ele trabalhou vários anos em Nova York como correspondente da Canadian Broadcasting Corporation (empresa pública de rádio e televisão do Canadá) e como redator de notícias e articulista da revista *People*. Junto com Immy Ilibagiza, ele co-escreveu os livros de memórias *Left to Tell* e *by Faith*, sucessos de vendas do *New York Times*, bem como *Our Lady Kibeho*. Também é co-autor de *Gift of Fire*, com Dan Caro. Ele mora em Manhattan com sua esposa, a jornalista e escritora Natasha Stoyne.

Esta é a mais surpreendente história jamais contada: a de um menino que conheceu Jesus e ousou fazer-lhe perguntas que têm consumido a humanidade por mais de 2 mil anos.

Seu nome era Segatashya, um pastor de cabras nascido no seio de uma família pagã, iletrada e paupérrima, na mais remota região de Ruanda. Ele nunca foi à escola, nunca viu uma Bíblia e nunca pôs os pés em uma igreja. Então, em um belo dia do verão de 1982, enquanto ele descansava à sombra de uma árvore, Jesus Cristo fez-lhe uma visita. Jesus perguntou àquele adolescente assustado se ele aceitaria a missão de lembrar à humanidade como ela poderia ir para o Céu.

Segatashya aceitou a tarefa com a condição de que Jesus respondesse a todas as suas perguntas – sobre fé, religião, o propósito da vida, céu e inferno. Jesus concordou e o garoto partiu para uma das mais extraordinárias jornadas da história moderna.



ECCLISIAE



9 788563 160478